



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS –  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Fernanda Luiza Godinho

**“Viver além de morar”**: discursos e implementação de uma *Smart City* no Brasil

Florianópolis

2023

Fernanda Luiza Godinho

**“Viver além de morar”**: discursos e implementação de uma *Smart City* no Brasil

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Antropologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alicia Norma González de Castells

Florianópolis

2023

Godinho, Fernanda Luiza

“Viver além de morar” : discursos e implementação de uma Smart City no Brasil / Fernanda Luiza Godinho ; orientadora, Alicia Norma González Castells, 2023.

102 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Cidades Inteligentes. 3. Cidades Utópicas. 4. Antropologia Urbana. I. Castells, Alicia Norma González. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Fernanda Luiza Godinho

**“Viver além de morar”**: discursos e implementação de uma *Smart City* no Brasil

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 22 de setembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.<sup>a</sup> Alicia Norma González de Castells, Dr.<sup>a</sup>  
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.<sup>a</sup> Viviane Vedana, Dr.<sup>a</sup>  
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.<sup>a</sup> Maria Elisa Máximo, Dr.<sup>a</sup>  
Instituição Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof.<sup>a</sup> Alicia Norma González de Castells, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora

Florianópolis, 2023.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que tenham contribuído para o andamento e conclusão deste trabalho, em especial minha família, minha orientadora e as pessoas que se dispuseram a compartilhar suas vivências e experiências comigo.

## RESUMO

Cidade Inteligente, no momento, é um conceito vacilante e que, por si só, não tem significado estável. Inclusive tem sido, em alguns casos, empregado conjuntamente com outras palavras, como “sustentável”, “inclusiva” e “social”, em uma tentativa de atribuição de um sentido particular. Demonstrando ter uma certa amplitude de torção, esse termo é apropriado e ressignificado contingencialmente em diferentes locais, também com estratégias diferenciadas. Tendo como base o estudo de caso a implementação de uma cidade inteligente em São Gonzalo do Amarante, Ceará, realizo entrevistas com moradores do local e análise de dados do canal do YouTube da incorporadora Planet Smart City, a fim de seguir a construção narrativa que se pretende fazer do empreendimento em função do discurso de "cidade ideal". A pesquisa muito embora tenha como centro as discussões referentes à Antropologia, tem também um grande potencial de estabelecer diálogos interdisciplinares com a área de Arquitetura e Urbanismo. A pesquisa almeja trazer contribuições metodológicas para etnografia digital, bem como discussões caras à antropologia urbana, tais como a respeito de planejamento urbano, cidades utópicas e do conceito de lugar na antropologia.

**Palavras-chave:** Smart City; Cidades Utópicas; Planejamento Urbano.

## ABSTRACT

The Smart City concept is currently uncertain and lacks a stable meaning on its own. In some cases, it has been used in conjunction with other words such as "sustainable", "inclusive", and "social", in an attempt to attribute a specific sense. Demonstrating a certain degree of flexibility, this term is appropriated and contingently redefined in different locations, often with distinct strategies. Drawing from a case study involving the implementation of a smart city in São Gonçalo do Amarante, Ceará, interviews were conducted with local residents and data analysis was performed on the YouTube channel of the developer Planet Smart City. The aim is to trace the intended narrative construction of the project in relation to the discourse of an "ideal city". Although the research is centered around anthropological discussions, it also holds significant potential for interdisciplinary dialogues with the field of Architecture and Urbanism. The research seeks to contribute methodologically to digital ethnography and address key topics within urban anthropology, such as urban planning, utopian cities, and the concept of place in anthropology.

**Keywords:** Smart City; Utopian Cities; Urban Planning.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Compilado com alguns comentários extraídos do canal da incorporadora Planet Smart City no YouTube com o filtro pela palavra “sonho” .....	78
Tabela 2 - Compilado com alguns comentários extraídos do canal da incorporadora Planet Smart City no YouTube com o filtro pelas palavras “futuro” .....	79
Tabela 3 - Compilado com alguns comentários extraídos do canal da incorporadora Planet Smart City no YouTube, apresentando alguns questionamentos e preocupação por parte de usuários acerca da manutenção do loteamento a longo prazo .....	86

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Brasil com destaque para o estado do Ceará .....	13
Figura 2 - Localizando a região .....	14
Figura 3 - Localização da Smart City Laguna em relação à sede do município de São Gonçalo do Amarante .....	14
Figura 4 - Smart City Laguna .....	15
Figura 5 - Visão aproximada da Smart City Laguna .....	15
Figura 6 - Planta baixa do projeto da Smart City Laguna com separação das etapas de construção e setores .....	16
Figura 7 - Três modelos de casa disponíveis para compra na Smart City Laguna .....	17
Figura 8 - Mapa com destaque para Masdar, no marcador à esquerda, e Songdo, no marcador à direita .....	59
Figura 9 - Foto de satélite com a cidade de Masdar .....	60
Figura 10 - Foto de satélite com a cidade de Songdo .....	61
Figura 11 - Mapa destacando as cidades mencionadas de Bombaim, Deli .....	62
Figura 12 - Imagem de satélite da região sul e sudeste do Brasil, com destaque na cidade de Joinville, Santa Catarina .....	67
Figura 13 - Imagem de satélite da região centro-sul de Joinville, com destaque para o terreno onde estará localizado o empreendimento Cidade das Águas .....	68
Figura 14 - Imagem de satélite da região sul do estado de Santa Catarina, com destaque para a área do projeto da Cidade Universitária Pedra Branca, em Palhoça .....	70
Figura 15 - Foto de capa do canal da Planet Smart City no YouTube .....	74
Figura 16 - Frase de destaque recortado do site da Planet Smart City, endossando a proposta de moradia ideal e realização de um sonho .....	76
Figura 17 - Nuvem de palavras construída pela autora a partir do compilado de comentários do canal da Planet Smart City no YouTube .....	77

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 PANDEMIA E ANTROPOLOGIA: POSSIBILIDADES DO CAMPO/OBJETO</b>	
<b>MULTISSITUADO</b> .....	<b>20</b>
<b>1.1 NOVOS QUESTIONAMENTOS</b> .....	<b>22</b>
<b>1.2 A PANDEMIA E A MUDANÇA DE TEMA</b> .....	<b>23</b>
<b>1.3 A PANDEMIA E A PESQUISA DE CAMPO</b> .....	<b>27</b>
<b>1.4 PESQUISA MULTISSITUADA E FERRAMENTAS DE PESQUISA</b> .....	<b>28</b>
<b>1.5 ADENTRANDO NA TEMÁTICA</b> .....	<b>30</b>
<b>1.6 EXPLORANDO POSSIBILIDADES DO YOUTUBE ENQUANTO</b>	
<b>FERRAMENTA DE PESQUISA</b> .....	<b>32</b>
<b>2 CIDADES INTELIGENTES</b> .....	<b>38</b>
<b>2.1 IMPLOÇÃO E EXPLOÇÃO DA CIDADE</b> .....	<b>41</b>
<b>2.2 CRÍTICAS À METRÓPOLE E SOLUÇÕES PARA A VIDA MODERNA</b> .....	<b>44</b>
<b>2.3 RESPOSTAS DA ARQUITETURA E URBANISMO EM BUSCA DO BEM-</b>	
<b>ESTAR SOCIAL</b> .....	<b>46</b>
2.3.1 Cidades Industriais .....	46
2.3.2 Falanstérios .....	49
2.3.3 Cidades Jardins .....	50
2.3.4 Carta de Atenas.....	51
2.3.5 A cidade pós-industrial.....	53
2.3.6 Cidades Inteligentes na prática .....	59
<b>3 VIVER ALÉM DE MORAR</b> .....	<b>65</b>
<b>3.1 APROXIMAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA</b> .....	<b>67</b>
3.1.1 Smart City Laguna.....	72
<b>3.2 NARRATIVAS INTELIGENTES</b> .....	<b>74</b>
3.2.1 O concebido e o praticado .....	83
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>95</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>100</b>

## INTRODUÇÃO

A complexidade das paisagens urbanas é, há muito, um campo fértil para investigações antropológicas que buscam desvelar as dinâmicas subjacentes à transformação das cidades. Na era contemporânea, marcada por profundas transformações socioespaciais e tecnológicas, o advento das cidades inteligentes tem se destacado como um fenômeno urbano e econômico. A convergência entre avanços tecnológicos e dinâmicas urbanas gerou uma nova configuração que busca não apenas a otimização dos processos urbanos, mas também supostamente a criação de ambientes urbanos sustentáveis e eficientes.

As cidades inteligentes, ou *Smart Cities*, principalmente a partir do século XXI, vêm conquistando atenção tanto de estudiosos quanto de governos e empresas ao redor do mundo. Sob o preceito da tecnologia da informação e da comunicação, essas cidades se propõem a integrar infraestruturas, serviços e sistemas para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, promover a eficiência operacional e impulsionar a inovação.

A configuração de cidades inteligentes suscita questionamentos que vão além da simples modernização tecnológica pelo uso de Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs. Embora inicialmente o fenômeno tenha ganhado notoriedade ao ser associado a uma realidade ultra futurista, o termo *Smart City* tem, cada vez mais sido associado à uma cidade capaz de atender as demandas urbanas de maneira otimizada. Como campo de disputa, o conceito de cidade inteligente, assim como o próprio *smart*, acaba sendo utilizado frequentemente como um adjetivo muito desejável em diferentes mercadorias.

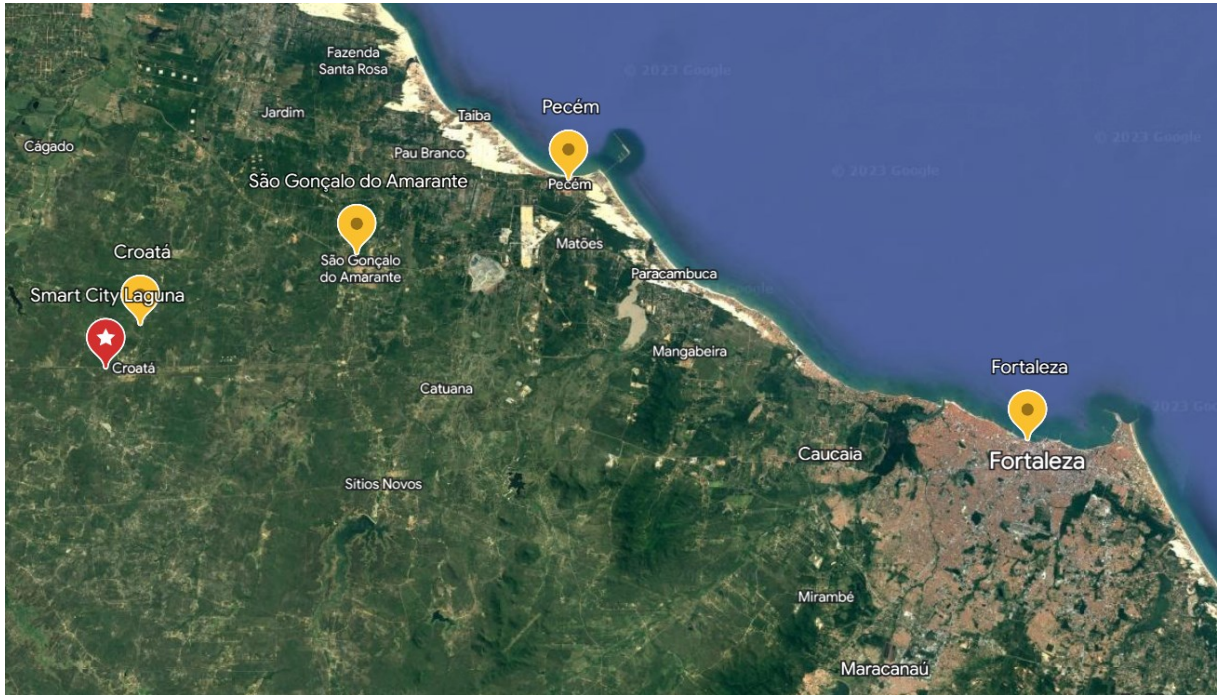
Em primeiro lugar, o que isso nos mostra é o próprio esvaziamento de sentido pragmático do conceito de cidade inteligente, uma vez que pode significar muitas coisas, não significa nada por si só exatamente. E, em segundo lugar, traz à tona a questão da transformação da cidade e da moradia em mercadoria.

Demonstrando ter uma certa amplitude de torção, o termo *Smart City* é apropriado e ressignificado à serviço de estratégias particulares emergentes dos contextos. Pode ser utilizado como um ideal de planejamento urbano e governança municipal ou Estatal, destinado, em tese, à melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, ou ainda, como um mote de negócio, modelado em formato de loteamento privado ou condomínio residencial, destinado a fabricar e satisfazer sonhos de uma moradia ideal para seus compradores. Procuro concentrar a pesquisa especialmente no que diz respeito às estratégias de agenciamento do conceito de Cidade Inteligente em uma iniciativa de ordem privada.

A ascensão das chamadas "cidades inteligentes" representa uma resposta contemporânea a desafios urbanos enfrentados há mais de um século, trazendo o potencial de dar destaque para novas compreensões das dinâmicas urbanas. Nesse contexto, a Smart City Laguna, que veremos com maior ênfase no terceiro capítulo, destaca-se como um empreendimento que converge tanto as supostas aspirações da modernidade tecnológica quanto as complexidades das dinâmicas sociais e urbanas. Ao se autoproclamar como a primeira cidade inteligente social do mundo, sinaliza a intenção de alinhar os avanços tecnológicos com uma abordagem voltada para o bem-estar coletivo e inclusão social. Para entender as diferentes nuncias do que pode significar Cidade Inteligente nesse contexto, exploro aspectos gerais da implementação da Smart City Laguna, a auto intitulada “primeira cidade inteligente e social do mundo” que está localizada no distrito de Croatá, em São Gonçalo do Amarante, no estado do Ceará, nordeste do Brasil. É a partir desse projeto que estabeleço o recorte dessa pesquisa.

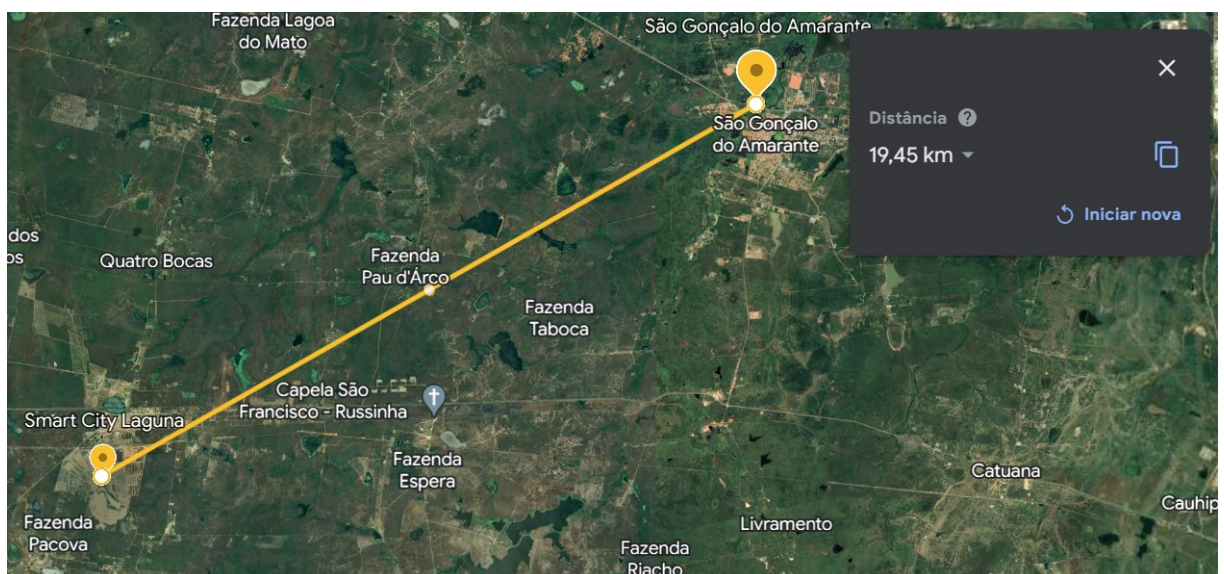


**Figura 1** Mapa do Brasil com destaque para o estado do Ceará, destaque da autora. **Fonte:** Google Maps, 2023.

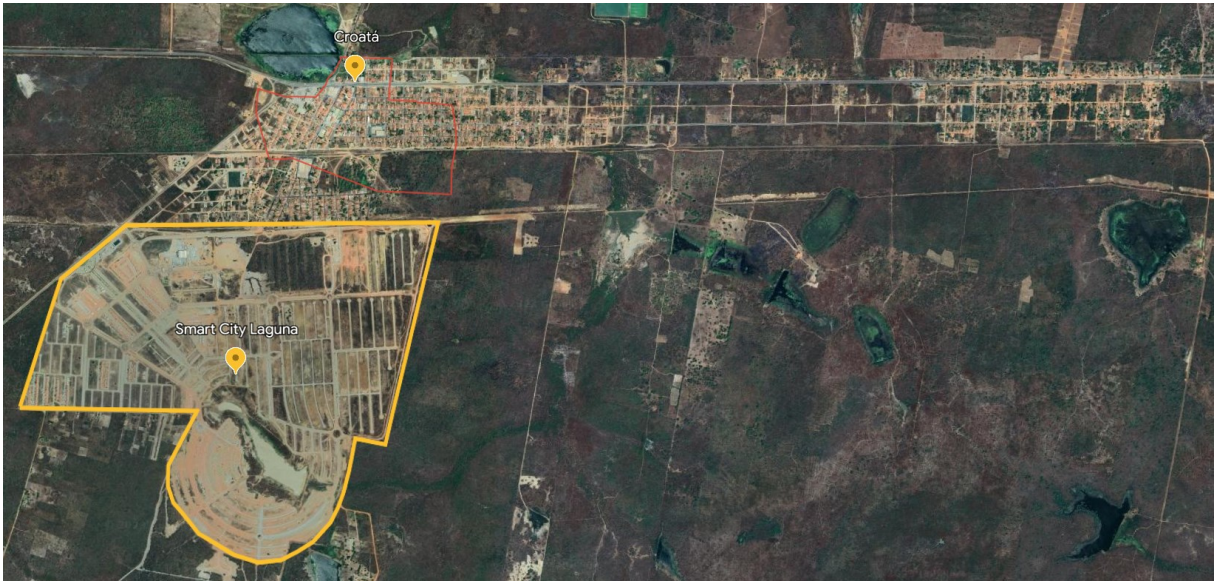


**Figura 2** Localizando a região. Smart City Laguna em relação à Fortaleza, Pecém, São Gonçalo do Amarante e Croatá. Marcações da autora. **Fonte:** Google Earth, imagens de 2023.

O empreendimento está situado há uma certa proximidade do Porto do Pecém, da Ferrovia Transnordestina, e há pouco mais de 50 quilômetros da capital cearense, Fortaleza, fazendo Croatá, distrito interiorano de São Gonçalo do Amarante, um ponto estratégico para moradia para trabalhadores das cidades vizinhas, conforme veremos mais adiante no terceiro capítulo.



**Figura 3** Localização da Smart City Laguna em relação à sede do município de São Gonçalo do Amarante. Marcações da autora. **Fonte:** Google Earth, imagens de 2023.



**Figura 4** Smart City Laguna, destacada em amarelo, em relação ao distrito de Croatá, destacado em vermelho.  
**Fonte:** Google Earth, imagem de outubro de 2022.



**Figura 5** Visão aproximada da Smart City Laguna. **Fonte:** Google Earth, imagem de outubro de 2022.

A idealização do projeto iniciou em 2012, quando o italiano Planet Smart City, que possui sede em Londres, Inglaterra, tinha o objetivo de executar um projeto habitacional, ainda sem local definido. O critério para selecionar o local da construção do primeiro protótipo de “cidade inteligente e social do mundo” foi a partir de um levantamento de países com uma grande população e baixa qualidade de moradia, que entre China, Índia e Brasil, o último se destacou como opção para um ponto de partida.

A construção do empreendimento foi iniciada em 2015 em uma área total de 330 hectares. O grupo Planet era o idealizador do projeto que, por sua vez, contratou o trabalho terceirizado de uma construtora também italiana para executar o projeto. Posteriormente, essa construtora, em parceria com a Planet, fundaram uma fábrica de pisos intertravados com sede na própria Smart City Laguna, que fabricaria todo o piso para o calçamento das ruas do empreendimento. Atualmente, após uma fusão de empresas, todas as atividades estão sob o controle do grupo Planet.



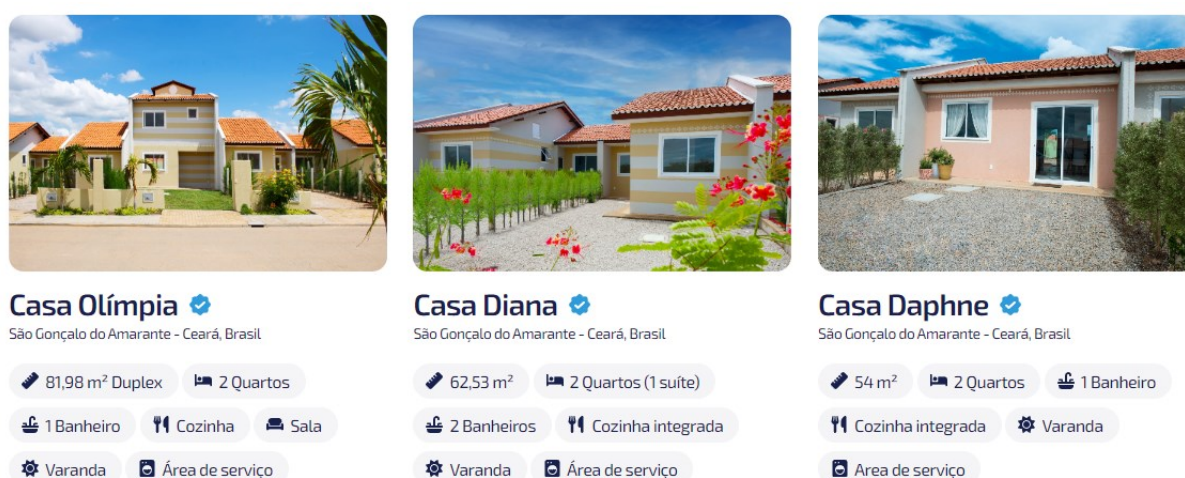
**Figura 6** Planta baixa do projeto da Smart City Laguna com separação das etapas de construção e setores.

**Fonte:** <<https://www.planetidea.it/simulador/>>



O loteamento Smart City Laguna foi projetado com capacidade para sediar a moradia de 20 a 25 mil futuros habitantes, ainda que hoje, após oito anos desde o início das obras, tenha apenas 500 casas revendidas e 280 famílias residentes, com núcleos familiares de 2 a 4 pessoas. Sua construção foi dividida em duas etapas, conforme vemos no mapa acima, cada qual com diversos setores. No presente momento, possui a primeira etapa totalmente concluída e está com as obras da segunda etapa em andamento.

Estão disponíveis para compra lotes comerciais, residenciais e industriais. Além disso é também possível fazer a aquisição do lote em conjunto com a casa pré-moldada. De acordo com um dos meus interlocutores, um corretor de imóveis da região, a compra de casas está direcionada a pessoas que se encaixam na faixa 2 do programa Minha Casa Minha Vida<sup>1</sup> e que moram e ou trabalham na região e moram de aluguel. Como ele mesmo coloca “Compra por necessidade, porque ele paga 600 reais de aluguel e aí ele vai pagar a parcela de 540, 530 reais, dependendo da casa”. Nessa modalidade de compra é possível escolher entre quatro modelos disponíveis, que variam de preço, tamanho e cômodos:



**Figura 7** Três modelos de casa disponíveis para compra na Smart City Laguna. **Fonte:** <<https://planetsmartcity.com.br/casas/?p=smart-city-laguna>>

Por outro lado, a venda de lotes, com um preço médio de 45 mil reais, tem como público-alvo investidores de todo o mundo, com compradores em Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Portugal e Estados Unidos, e representa a maior parte das vendas mensais, chegando a 4 milhões em faturamento bruto por mês.

<sup>1</sup> Aqueles que possuem renda comprovada de até 1,5 salário-mínimo e que desejam realizar um financiamento para adquirir sua casa própria.

Um dos imóveis mais procurados no mercado imobiliário são os lotes em loteamentos, boa parte por conta de sua versatilidade, pois funciona para quem pensa como investimento ou para quem deseja construir a sua casa dos sonhos. E, comprar um lote é bem mais fácil do que se imagina, mesmo de longe. (PLANET, 2023).

As imagens aéreas mais atualizadas disponibilizadas *online* que pude ter acesso são algumas que foram possíveis de extrair a partir de vídeos de atualizações das obras do empreendimento publicados pela própria Planet em seu canal na plataforma do YouTube, o qual figura como fonte rica para análise e *insights* que compõe o recorte da presente dissertação, conforme veremos a seguir no primeiro capítulo. Desde o início da pesquisa encontrei bastante dificuldade de encontrar imagens atualizadas que foquem o empreendimento de maneira mais ampla, deixando claro a dimensão do que está construído em relação ao todo do empreendimento. A maioria dos vídeos estão concentrados em apresentar algumas ruas específicas, o monumento de entrada, um campo de *Society*, o *playground* e o Hub de Inovações – uma construção onde hoje estão os escritórios administrativos da Planet, ponto de venda de casas e lotes e, também onde estão localizados um cinema e uma biblioteca de objetos, na qual é possível realizar o empréstimo de diversos objetos, como por exemplo ferramentas, sem custo.

Com o slogan “Mais que um loteamento, uma Cidade Inteligente” o que chama atenção é que a sua campanha de marketing tem sido desenvolvida promovendo uma vida em um lugar à parte, descolada do tecido urbano já existente na região. Ainda que se venda como a primeira Cidade Inteligente, com destaque ao termo “cidade”, é, de fato, um loteamento localizado dentro de uma cidade, essa sim, já formalmente constituída, com prefeitura e atendimento de demais serviços públicos, dos quais dependem inclusive, como veremos no terceiro capítulo, os moradores da Smart City Laguna. Afirmar-se pioneiro por oferecer lotes para todas as faixas de renda. Em paralelo à essa narrativa social, também busca enquadrar-se no esquema conceitual associado a outras “cidades inteligentes” do mundo, que têm seus projetos embasados em princípios tecnológicos, de sustentabilidade e de mobilidade urbana explorados no seguimento da pesquisa.

No primeiro capítulo, tenho como foco apresentar a trajetória da pesquisa, abordando os impactos da pandemia de COVID-19 para esta dissertação. Além disso, abordo a potencialidade da pesquisa multissituada, como propõe Marcus (2001) e, também, exploro as possibilidades de realizar uma pesquisa junto a plataformas *online*s, fazendo uso de recursos disponíveis pela própria plataforma do YouTube para facilitar e otimizar a coleta de dados a partir da experiência que adquirei trabalhando como programadora.

No segundo capítulo, lanço um olhar retrospectivo sobre a evolução das cidades ocidentais, guiados principalmente por Henry Lefebvre e suas reflexões acerca do espaço urbano como um produto social e cultural. Exploraremos, também, como concepções urbanas evoluíram ao longo do tempo e como aspiração por construir uma cidade ideal sempre esteve presente na imaginação humana, revelando como a busca incessante pela construção de uma "cidade ideal" tem sido uma constante a partir de diferentes modelos, como Cidades Industriais, Cidades Jardins e Falanstérios.

No terceiro capítulo, apresento um estudo de caso do loteamento Smart City Laguna, situado em São Gonçalo do Amarante, Ceará. Este empreendimento se destaca por sua autoproclamada condição de primeira cidade inteligente social do mundo. Utilizando vídeos do YouTube como fonte primária, examinaremos atentamente a narrativa construída pela incorporadora Planet para promover uma visão de moradia ideal. Essa análise nos permite adentrar as complexidades das representações culturais e tecnológicas que moldam a percepção pública das cidades inteligentes.

Em suma, esta dissertação de mestrado busca lançar luz sobre as transformações em curso a partir da ótica de cidades inteligentes e sua influência na dinâmica do urbano. Ao integrar a pesquisa multissituada, a análise etnográfica digital e um estudo de caso detalhado, o objetivo desta dissertação é contribuir para um entendimento mais abrangente das cidades inteligentes e seu impacto nas experiências humanas, nas dinâmicas urbanas e nas narrativas de um futuro urbano idealizado.

## 1 PANDEMIA E ANTROPOLOGIA: POSSIBILIDADES DO CAMPO/OBJETO MULTISSITUADO

Não há dúvidas, a proposta de pesquisa elaborada até aqui está em relação com uma trajetória de interesses e aprofundamentos para além do que a simples descrição do objeto de pesquisa transpareceria. Desejo fazer breve referência a essa trajetória, porque propriamente me interessa e acredito também ser enriquecedor conhecer uma perspectiva do meu processo enquanto pesquisadora para compreensão dos motores da investigação que venho a propor.

Durante o percurso da Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), dentre as disciplinas cursadas, foi principalmente a partir do curso de Antropologia Urbana que tive a possibilidade de começar a identificar temáticas e questões que capturavam mais minha atenção. Foi quando tive meu primeiro contato com autores como Marc Augé, Michel de Certeau, Rogério P. Leite e José G. C. Magnani, que vieram a ter grande influência na minha trajetória. Pouco tempo depois, em 2017, a partir de uma aproximação com a professora Alicia Castells, passo a integrar o Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI/UFSC). Aqui destaco que as reuniões, palestras, encontros para discussão de bibliografia com outros participantes do grupo e todas as trocas e comentários provenientes destes eventos foram de suma importância na minha breve trajetória.

Também neste mesmo ano fui selecionada para a vaga de estagiária de Antropologia na Defensoria Pública da União em Santa Catarina (DPU-SC), no qual, como primeira estagiária de Antropologia do Gabinete Regional de Direitos Humanos da DPU-SC desenvolvi atividades como auxílio na elaboração de estudos sobre comunidades tradicionais, análise de estudos antropológicos, pesquisa bibliográfica para embasar manifestações judiciais e extrajudiciais e visitas a comunidades defendidas pela Instituição. Adentrar no universo institucional foi de grande contribuição para a percepção de perspectivas de escalas mais amplas que atravessam situações locais, que futuramente foi essencial para o amadurecimento do meu olhar na pesquisa de campo.

Assim como ocorreu em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “A Horta do Parque Cultural do Campeche<sup>2</sup>: práticas e usos em função de uma perspectiva de ocupação e construção” (GODINHO, 2019), no qual, orientada pela Professora Alicia Castells,

---

<sup>2</sup> Referida adiante também como Horta do PACUCA. Esta horta está situada na fração de um espaço público conhecido como Antigo Campo de Aviação, terreno protagonista nas dinâmicas e disputas do bairro. O PACUCA, abreviação de Parque Cultural do Campeche, faz referência a um parque público cuja construção, que deveria ser justamente neste terreno do Antigo Campo de Aviação, é pleiteada pela população local há mais de uma década

busquei desvendar os pormenores de uma Horta Comunitária localizada no bairro do Campeche<sup>3</sup>, em Florianópolis, Santa Catarina. Durante a pesquisa para o TCC, preocupei-me em investigar a partir de quais termos que se fazia possível a existência e continuidade daquela horta comunitária. Em outras palavras, quais eram as práticas, os arregamentos e relações que lá se estabeleciam. Com o decorrer e aprofundamento da pesquisa, chamaram-me a atenção as diversas perspectivas de diferentes escalas e forças que compunham aquele cenário urbano. Foi esta postura e interesse que possibilitou a identificação tanto de agências locais, que tratei como táticas (CERTEAU, 1994), quanto de planejamentos urbanos e tentativas de capitalização do espaço por parte de agências governamentais, as quais tratei como estratégias (*idem e ibidem*).

Observei que os recursos financeiros utilizados para o pagamento de contas de luz, água e compra de equipamentos e insumos necessários para o cotidiano de produção da Horta eram, por vezes, empreendidos pelos seus próprios usuários ou recolhidos através de vaquinhas coletivas. Em outras oportunidades, também, os materiais e serviços necessários eram recebidos a partir de alianças estabelecidas com empresas privadas, as quais doavam matéria prima ou prestavam algum tipo de serviço necessário, vislumbrando uma possível contrapartida que seja do seu interesse. Já a partir de alianças estabelecidas com órgãos públicos federais, como o Ministério Público Federal, foi possível entrar em um embate mais consistente contra outros entes do poder público (Prefeitura e Instituto de Planejamento Urbano) que possuíam eles mesmos suas próprias estratégias de planificação do bairro, os quais, de acordo com moradores locais, eram contrários aos “usos tradicionais”<sup>4</sup> e “sustentáveis” característicos do bairro.

Logo após a defesa do meu TCC, em julho de 2019, antes mesmo de ingressar no mestrado, matriculei-me como aluna especial na disciplina de Antropologia Urbana no programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). Neste momento estava com forte interesse em dar sequência à pesquisa iniciada na graduação pela convicção de que a temática mereceria maior aprofundamento frente ao cenário complexo com o qual havia me deparado. Também os comentários e provocações levantadas no evento da defesa de meu trabalho de conclusão de curso da graduação instigaram

---

<sup>3</sup> O contexto particular do bairro no qual a Horta Comunitária estudada está localizada é historicamente marcado por disputas entre planejamentos urbanos, que afirmavam a necessidade de modernização da cidade; e mobilizações populares, que reclamavam com pautas de “qualidade de vida”, “sustentabilidade” e preservação de um modo de viver “tradicional”.

<sup>4</sup> Quando se fala em “uso tradicional”, no caso do Campeche, faz-se referência tanto à história do bairro para com a aviação, mas principalmente quanto às duas principais atividades do bairro até o início da sua expansão urbana: a “pesca” e a “roça”, este último fazendo referência à criação de gado e aos engenhos de farinha. A pesca ainda é um referente bastante importante para o bairro; também se vê, em alguns terrenos baldios e no próprio terreno do Antigo Campo de Aviação, uma pequena quantidade de bois e vacas pastando; no entanto, os engenhos de farinha foram em sua grande parte demolidos ou desativados.

novos questionamentos e delineamentos do meu objeto de pesquisa. Pensando a Horta do PACUCA como um espaço multivocal, com pluralidade de sentidos, vozes, diálogos e transversalidades, o projeto primeiro proposto para o ingresso no Mestrado em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), em 2020, estava firmado no interesse em aprofundar-me na investigação dos diferentes arranjos sociais que faziam parte daquele coletivo.

O objetivo era entender a partir de quais termos que se consolidavam as lideranças locais para pensá-las como possíveis mediadoras em uma escala mais ampla, como no caso das táticas de acionamento de parcerias com o setor privado e poder público em suas diferentes esferas e graus (Ministério Público Federal, Prefeitura Municipal de Florianópolis, Superintendência do Patrimônio da União, entre outros) para viabilização da Horta Comunitária. O principal questionamento que movia meu interesse para continuidade da pesquisa adiante no mestrado era analisar, nas mencionadas relações de mediação os movimentos de ratificação da identidade de dentro para fora, ou seja, do local para o global, e de fora para dentro, do global para o local. Em outras palavras, investigar como se conformavam e acionavam taticamente a questões identitárias para a conformação do lugar.

## 1.1 NOVOS QUESTIONAMENTOS

Por conta do avanço do novo coronavírus no estado de Santa Catarina, somente uma semana após iniciarem as aulas do mestrado, em março de 2020, a Universidade Federal de Santa Catarina se viu obrigada a decretar suspensão de suas atividades institucionais. Em um cenário completamente fora do habitual, com diversas incertezas e instabilidades, uma das luzes que me motivaram durante a suspensão das aulas foi a possibilidade de participar de um Simpósio Temático no VI Congresso da Associação Latino-americana de Antropologia (ALA) sobre processos de produção urbana de cidades latino-americanas em diferentes escalas, coordenado por Paula Vera, Ana Cecilia Silva e Boggi Silvia.

Ainda utilizando os conceitos de “tática” e “estratégia” de Certeau (1994), nesta oportunidade estive interessada em me aprofundar nos processos de atribuição de sentido ao lugar. Utilizei, então, a noção de “paisagem”, aproximando-me das definições de Ingold (2000) e Arantes (2000), para pensar a partir de uma análise processual da ação humana e do tempo no espaço. “Paisagem”, nesse sentido, seria um conceito que leva em conta as camadas espaço-temporais – lutas, apropriações e atribuições de sentido – que transformam o espaço – o vazio social – em lugar – identitário, relacional e histórico (AUGÉ, 1992).

Revisitando meu caderno de campo e a partir de novas leituras percebi que o recurso ao discurso do “tradicional” utilizados pelos meus interlocutores para reivindicar certo tipo de uso ao espaço, funcionava também como uma tática de legitimação de identidade. Como coloca Zukin (1992), as tradições podem ser “inventadas com base em um passado imaginário, ou restaurado como base de uma paisagem inteiramente diferente” (p. 100). Ao mesmo tempo que evoca um passado imaginado também o ressignifica para se encaixar no contexto do presente. Observei que a categoria de “tradicionalidade” servia, assim, como um referencial simbólico a partir do qual se reestruturam e redefinem a categoria local do lugar. Compreendi que juntamente com a reinvenção de categorias locais, a apropriação destes conceitos serve também como um mecanismo que potencializa o reconhecimento do local a nível global e que teria potencial de contribuir para o estabelecimento de novas alianças com instituições que eventualmente possuem interesse de terem sua imagem atribuída a aqueles termos. Foi quando me dei conta de que existe, além de disputas de usos e projetos, uma disputa semântica com relação ao lugar (ZUKIN, 1992).

## 1.2 A PANDEMIA E A MUDANÇA DE TEMA

O início da pandemia do coronavírus, a suspensão das aulas, o distanciamento com os colegas, ainda depois, aulas remotas, foram obstáculos a serem enfrentados que afetaram o andamento da pesquisa no ano de 2020. Em decorrência desta pandemia retornei de Florianópolis para minha cidade natal, Joinville, Santa Catarina. A suspensão das aulas presenciais, apesar de ter se mostrado uma ação necessária, também trouxe várias incertezas. O prolongamento desta medida e das demais necessárias para segurança sanitária superou tudo que se imaginava em março daquele ano. Não ter prazo para retorno para Florianópolis e as dúvidas com relação às possibilidades de pesquisa em campo no contexto pandêmico devido a riscos sanitários foram alguns fatores que trouxeram instabilidade para a viabilidade da minha pesquisa. Somado a isso, as atividades da Horta do PACUCA foram bastantes reduzidas naquele ano, diminuindo consideravelmente o número e frequência de voluntários. Evidentemente se pode dizer que existem meios alternativos de se estabelecer copresença e coetaneidade (FABIAN, 2013) na pesquisa antropológica que não pelo campo tradicional do “estar lá”. Ainda assim não se pode deixar de levar em conta o contexto da pesquisa e as particularidades e possibilidade que emergem das relações estabelecidas. No caso da pesquisa que realizei na Horta do PACUCA, apesar de ter tido contato com jovens que a frequentavam de maneira mais fluida, meus principais interlocutores eram aposentados, ainda que nem todos

idosos, mas uma boa parte sim. E, em que se pese dizer, muitos deles reticentes com dispositivos móveis de comunicação.

As questões que moviam meu interesse de pesquisa para o mestrado, conforme aponte um pouco atrás, era investigar as relações de mediações que ocorriam entre agentes que respondiam em nome do coletivo da Horta do PACUCA e demais agentes públicos e privados. O foco estava em investigar a articulação entre esferas pública e privada e as apropriações de diferentes discursos para a fabricação de uma identidade tática. Diante de todo cenário apontado do que se decorreu da pandemia do Covid-19, de forma alguma posso afirmar que se esgotaram as possibilidades de pesquisa com aquele coletivo, naquele lugar. No entanto, certa pesquisa, sim, ficou fragilizada. Nesse sentido, a pesquisa não é só aquilo que emerge do contexto, mas talvez muito mais a rede que a pesquisadora escolhe e tem condições de reconstruir e recortar (STRATHERN, 1996).

Por isso, refiro-me que por questões de interesse e viabilidade, tomei a decisão rever o tema da minha pesquisa. O contato, desenvolvimento e amadurecimento na temática, incitou-me questionamentos ainda latentes. Continuando na área da Antropologia Urbana, sob a mesma orientação, com a professora Alicia Castells, resolvo perseguir outra temática que captou meu interesse ainda na graduação. De maneira ainda bastante amorfa, comecei a me interessar pela temática de cidades inteligentes - *Smart Cities*.

O interesse pela temática de cidades inteligentes remonta uma curiosidade por explorar alternativas para viver na cidade contemporânea, tal qual levado adiante durante o trabalho de conclusão de curso da graduação em antropologia (GODINHO, 2019). Entretanto, na graduação, a pesquisa foi pautada na vivência com os interlocutores e atores principais do trabalho, a partir da qual pude experimentar aquilo que se espera de um campo tradicional “estando lá”, realizando, como propõe Malinowski, uma observação participante, na qual participar e experienciar o cotidiano tinha dimensões bem mais claras e palpáveis. Estar em campo in loco, em contato com os afazeres habituais dos atores principais dos quais eu me aproximava, parecia facilitar a tarefa de seguir elementos e conseguir insights para recortar e costurar a temática em questão.

Desde o princípio, durante a pesquisa de conclusão de curso da graduação, o fluxo seguido na investigação foi muito próximo ao que Magnani (2002) sugere como metodologia para pesquisa etnográfica quando critica as grandes narrativas por uma abordagem totalizadora das cidades que, por vezes, ignoram ou dão menos importância para os arranjos particulares, criatividade e inventividade de que são capazes os cidadãos. Nesses casos, a cidade acaba sendo



elemento genérico de uma narrativa direcionada a questões tão amplas quanto o conceito de cidade globalizada em si.

Do lado oposto a este cenário que busca uma totalização genérica, é importante destacar que recair a uma fragmentação funcionalista que forçosamente implica uma ideia sistêmica também deixa a desejar.

Ao partir dos próprios arranjos desenvolvidos pelos atores sociais em seus múltiplos contextos de atuação e uso do espaço e das estruturas urbanas, este olhar vai além da fragmentação que, à primeira vista, parece caracterizar a dinâmica das grandes cidades e procura identificar as regularidades, os padrões que presidem o comportamento dos atores sociais. Supõe recortes bem delimitados que possibilitam o costumeiro exercício da cuidadosa descrição etnográfica. Identificar essas práticas significa que o recorte escolhido faz sentido tanto para os próprios atores como para o analista: trata-se de uma totalidade empiricamente definida, mas que, capaz de ter os elementos que os estruturam reconhecíveis como padrões, pode ser descrita, formalizada, constituindo um modelo mais geral. Aponta para uma lógica que transcende o contexto original, com poder descritivo e explicativo. [...]. Do olhar de perto e de dentro, próprio da etnografia, para um olhar distanciado, em direção, aí sim, a uma antropologia da cidade, procurando desvelar a presença de princípios mais abrangentes e estruturas de mais longa duração. É somente por referência a planos e modelos mais amplos que se pode transcender, incorporando-o, o domínio em que se movem os atores sociais, imersos em seus próprios arranjos, ainda que coletivos. (MAGNANI, 2002, pp. 25-26).

Magnani (2002) propõe, nesse sentido, que partamos do vernacular na pesquisa etnográfica, de perto e de dentro, para seguir insights que então permitirão a reorganização de dados percebidos como fragmentários em um novo arranjo, de fora e de longe. Ou seja, partir dos arranjos nativos, levá-los em conta, para tê-los bem amarrados e dando suporte à narrativa mais geral que se almeja.

E, também, assim ocorreu meu primeiro contato com a pesquisa de campo, em uma horta comunitária, em Florianópolis, Santa Catarina. A introdução ao tema aconteceu a partir de uma colega de curso que, posteriormente, veio a realizar a introdução a um dos principais interlocutores na pesquisa. A partir da vivência de momentos do cotidiano, dos afazeres diários da horta, aos poucos, foi possível observar questões adjacentes que afetavam e eram afetadas pelo fazer vernacular, ascendendo a uma escala mais ampla. Do contato próximo com interlocutores no contexto *in loco*, emergiram questões relacionadas ao planejamento urbano e a multiplicidade de agências na cidade (GODINHO, 2019).

No entanto, em meio à pandemia e incertezas quanto à pesquisa de campo, a aproximação com a temática que abordarei adiante foi bastante distinta, quase que obedecendo um fluxo inverso, não apenas por escolha de abordagem, mas muito em decorrência da

necessidade de adaptar o conhecido por conta das adversidades do contexto. Diferente da graduação, onde foi possível estabelecer contato direto com interlocutores em uma escala localizada para depois, de maneira distanciada, discutir e levantar questionamentos referentes à esfera macro, no mestrado, por outro lado, a relação entre pesquisadora e objeto de pesquisa tem início um pouco diferente.

A participação despretensiosa como ouvinte em uma palestra<sup>5</sup>, ainda durante a graduação, foi o primeiro contato estabelecido com a temática de cidades inteligentes. Naquele momento, o tema foi abordado por Stella Hiroki<sup>6</sup>, que trouxe elementos discutidos em sua tese de doutorado sobre cidades inteligentes. O evento, na época, foi um panorama bastante amplo sobre o tema. Foram apresentados alguns exemplos de cidades consideradas inteligentes no globo, destacando elementos que tornam uma Cidade Inteligente e outros que as distanciavam deste conceito. Paradas de ônibus com placas fotovoltaicas e wi-fi, sensores urbanos e outros artefatos tecnológicos foram apresentados como elementos para transformar uma cidade em uma Cidade Inteligente. Além de trazer algumas definições conceituais, foram apresentadas críticas a cidades ubíquas, como Cingapura, que, por vezes, são pintadas como inteligentes por conta do grande aparato de tecnologia urbana do qual a cidade dispõe, mas do qual se faz uso com um objetivo hiper centrado em monitoramento e vigilância. Além disso, foi esboçado um pouco do que seriam as promissoras parcerias público-privadas entre municípios e empresas fornecedoras de tecnologias.

A palestra gratuita, ministrada em uma cervejaria artesanal no centro de Florianópolis, atraiu um público de classe média e classe média alta, a avaliar pelo local onde ocorreu, trajas e profissões dos ouvintes – que tiveram um tempo para levantar questionamentos ao final do evento – em sua maioria funcionários públicos. Como no momento eu era uma mera ouvinte curiosa, e, além disso, sentia-me bastante deslocada dos demais participantes, não investiguei mais adiante as motivações e interesse daqueles presentes. Entretanto, o que ficou claro é que a discussão sobre cidades inteligentes é um debate para uma fatia privilegiada da população. Desde então, o interesse para melhor compreender o que se define por *inteligente* quando se fala em cidade e, sobretudo, *para quem* elas serão inteligentes, fez-se latente.

A partir disso, em diferentes oportunidades estive assistindo a falas de palestrantes sobre o assunto em plataformas de streaming e, também, acompanhando alguns projetos de cidades inteligentes pelo Brasil. A aproximação com a temática acabou por se desdobrar a partir

---

<sup>5</sup> "Workshop: Navegando por Cidades Inteligentes" ministrado no final de 2018.

<sup>6</sup> Doutora e pesquisadora sobre cidades inteligentes e palestrante do South by Southwest (SXSW), festival considerado referência no assunto de tecnologia e inovação.

de uma observação distanciada para somente depois haver condições de adentrar no particular e, à medida que adentrava mais na trama de conceitos, fui desconstruindo o encantamento inicial fazendo emergir novas questões. Um desses projetos que capturou minha atenção inicial foi a proposta da criação de um bairro inteligente justamente na cidade para onde vim residir durante a pandemia, em Joinville, norte de Santa Catarina. Esse foi o estalo, ou o insight, para a mudança de tema, ainda que o projeto tenha se expandido por outros caminhos.

### 1.3 A PANDEMIA E A PESQUISA DE CAMPO

Como já visto, com a chegada da pandemia global de COVID-19, as pesquisadoras e pesquisadores foram confrontados com desafios. A necessidade de distanciamento social, as restrições de viagem e as preocupações com a saúde pública alteraram significativamente a forma como a pesquisa de campo poderia ser conduzida. Um dos maiores desafios enfrentados pelas antropólogas e antropólogos trazidos pela pandemia foi justamente a limitação das interações presenciais por conta das medidas de distanciamento social e as restrições de viagem, que tornaram difícil, se não impossível, realizar essas atividades de forma tradicional.

Para superar esses desafios, foi necessário buscar alternativas para continuar as pesquisas. A pesquisa remota, utilizando tecnologias digitais para manter contato com interlocutores, entrevistas *online*, grupos de discussão virtuais e análise de dados disponíveis na internet tornaram-se ferramentas essenciais. Os desdobramentos da pandemia do COVID-19, em destaque a necessidade do distanciamento social, foram elementos que impactaram o andamento da pesquisa de muitos de nós nos anos de 2020 e 2021. A pesquisa de campo tradicional, a saber, o “estar lá” e a “observação direta e participante”, teve que ser rearranjada, porque, de fato, certa pesquisa estava inviabilizada. O afastamento da pesquisa de campo tradicional contribuiu para dar maior visibilidade a outras formas de fazer uma etnografia. Ao longo de minha formação, eu mesma, apesar de ter ciência de uma antropologia preocupada em estudar a “cibercultura” (ESCOBAR, 2016), não havia tido ainda contato particular com tais abordagens metodológicas. A necessidade de reinventar minha própria pesquisa de mestrado em um contexto pandêmico possibilitou com que eu me aproximasse do meu objeto de pesquisa de uma maneira diferente da qual eu estava até então habituada.

## 1.4 PESQUISA MULTISSITUADA E FERRAMENTAS DE PESQUISA

Desde a década de 2000, uma característica proeminente do ambiente de comunicação em rede é a capacidade de produzir, organizar e compartilhar conteúdos através de formas comunicativas que fomentam a interação social (CASTELLS, 2009), especialmente nas redes sociais. Essa forma de organização, impulsionada pelas tecnologias de informação e comunicação, em especial a internet, traz consigo um potencial de ação e interação capaz de gerar intervenções descentralizadas nos campos da cultura, informação, economia, entre outros. Nesse sentido, não se pode ignorar o impacto do fenômeno digital nas pesquisas etnográficas, sobretudo do ponto de vista da internet enquanto tecnologia de comunicação que permite uma alta complexidade de relacionamentos em rede.

Networked technologies have completely disrupted any simple construction of a field site. Traditionally, ethnographers sought out a physical site and focused on the culture, peoples, practices, and artifacts present in a geographically bounded context. This approach made sense because early anthropologists studied populations with limited mobility. Furthermore, there was a collective understanding that culture and people were contained by place. Mobility complicated matters (resulting in excellent ethnographies of diaspora populations), but mediated technologies changed the rules entirely. In a networked society, we cannot take for granted the idea that culture is about collocated peoples. It is not a question of mobility but of access to a hypertextual world. (BOYD, 2008, p. 27)

Como coloca Boyd (2008) as tecnologias em rede irromperam com a ideia tradicional de campo localizado, sendo necessário considerar o acesso ou não ao mundo hipertextualizado por parte de nossos interlocutores. Desde a popularização da internet, ainda nos anos 90, diversos autores têm se preocupado com o modo de fazer pesquisa *online*, ou seja, a pesquisa realizada a partir de Comunicação Mediada por Computador (MÁXIMO, RIFIOTIS, SEGATA, CRUZ, 2012), e alguns termos passam a ser utilizados para abordar a prática, como “etnografia virtual” (HINE, 2000), e, por vezes, como no caso da “netnografia” (KOZINETS, 2014), apropriados por outras áreas de conhecimento que reduzem a etnografia a um método de pesquisa que poderia ser simplificado no ambiente *online*, tendo em vista a quantidade de dados disponíveis.

De acordo com Hine (2000), a etnografia pode ser utilizada para compreender os significados da tecnologia e das culturas que a moldam, ao mesmo tempo em que são, também, moldadas por ela. Essa perspectiva está relacionada a duas formas distintas de conceber a internet. Em primeiro lugar, a autora considera a internet como um lugar (ciberespaço) onde a cultura é produzida e reproduzida. Isso se refere à dimensão social da internet, onde ocorrem

interações e experiências comunitárias. Em segundo lugar, Hine (2000) argumenta que a internet pode ser concebida como um artefato cultural, ou seja, como um produto da cultura. Nessa perspectiva, a autora enxerga a internet como uma tecnologia criada por indivíduos específicos, com metas e prioridades contextualmente situadas, desenvolvida para usos e mercados específicos. Portanto, o que a internet é e o que ela faz é resultado de entendimentos culturalmente construídos, que podem variar ao longo do tempo. Dada essa dupla possibilidade, a abordagem etnográfica sugere, de acordo com a autora, que as tecnologias devem ser compreendidas como possuindo flexibilidade interpretativa e que seus usos e significados específicos devem ser entendidos em seus contextos específicos (HINE, 2000).

Nesse sentido, a o que a autora propõe não é uma mera transposição do fazer tradicional da pesquisa de campo para o ambiente digital, mas sim uma própria revisão dos pressupostos a partir dos quais estabelecemos nossas análises.

Em última instância, refletir sobre a especificidade da etnografia no ciberespaço e sobre a pertinência e/ou significado das adjetivações do método é um caminho para a revisão crítica dos pressupostos fundadores do fazer etnográfico. Ao mesmo tempo em que é uma tentativa de ocupar o lugar da Antropologia nesse debate metodológico, é também uma forma de confrontar com o *standard* antropológico, considerando que a riqueza das questões colocadas pelas pesquisas no ciberespaço ultrapassa as especificidades desse universo e combina-se com as discussões da maior atualidade na Antropologia. (MÁXIMO, RIFIOTIS, SEGATA, CRUZ, 2012, p. 301)

É importante destacar que essa postura crítica que Hine (2000) assume com relação aos pressupostos tradicionais do fazer antropológico são contemporâneos a outras discussões críticas ao campo localmente situado. Abordando o conceito de etnografia multilocal, Marcus (2001) propõe uma forte crítica ao realismo etnográfico e às narrativas totalizadoras que por muito tempo fundamentaram um conceito de “comunidade” baseado em princípios de localização e homogeneidade, colocando em xeque a pesquisa de campo tradicional - legitimada pelo “estar lá”.

Como proposta para apreender o processo de dispersão das identidades, Marcus (2001) defende uma pesquisa multissituada, o que implicaria em seguir etnograficamente a “circulação” de atores, objetos e discursos por múltiplos locais. Dessa forma, a etnografia multilocal, ao mesmo tempo que constrói etnograficamente os mundos de vida dos vários sujeitos situados, também constrói aspectos do sistema em si mesmo. A partir disso o autor propõe que espaço multilocal através do qual o etnógrafo se move é desenvolvido em correntes, caminhos, tramas, conjunções ou justaposições de localidades com uma lógica explícita de

associação ou conexão entre elas, sendo essa uma sofisticada prática do construtivismo, de rastreio de diferentes cenários de um complexo fenômeno cultural.

Nesse sentido, a etnografia não deveria ser apenas multilocal, mas também como *estrategicamente situada*. Nesse caso, a pesquisa teria a pretensão de entender de maneira ampla o sistema em termos etnográficos e ao mesmo tempo aos sujeitos locais, sendo circunstancialmente local. A etnografia *estrategicamente situada* se difere então das etnografias unilocais, porque essas últimas examinariam sujeitos locais como subalternos a um sistema capitalista dominante ou colonial.

A revisão desses pressupostos vai de encontro com o que já havia destacado Geertz (1989, p. 19) quando enfatiza que “o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas”, sendo o próprio processo de inserção do pesquisador em campo uma construção constante e à mercê das interações estabelecidas com os sujeitos da pesquisa (MÁXIMO, RIFIOTIS, SEGATA, CRUZ, 2012). Nesse sentido, tirando o foco em dicotomizar a etnografia entre *online* e *offline*, mas entendendo que os sujeitos inseridos no contexto da globalização (e que possuem acesso ao mundo hipertextualizado) não estão deslocados no ambiente digital, seria assumir, por outro lado, que ao darmos andamento a uma investigação onde se tenta seguir e delimitar um objeto de estudo numa rede de relações, como propõe Latour, eventualmente será possível apreender uma dimensão desse objeto de estudo no ambiente digital.

Como propuseram Miller e Slater (2000, p. 5, *apud* MÁXIMO, RIFIOTIS, SEGATA, CRUZ, 2012, p. 17) “se pretendem alcançar a internet, não comece por ela”, visto que qualquer foco delimitado na virtualidade pode ter menos a ver com as características da internet e mais com as demandas de projetos intelectuais específicos. Nesse sentido, os autores sugerem que os meios digitais sejam tratados como parte das estruturas e relações sociais específicas, podendo transformá-las, mas sendo também determinados por elas.

## 1.5 ADENTRANDO NA TEMÁTICA

A pesquisa de campo foi realizada, em um primeiro momento, a partir do canal institucional da incorporadora Planet na plataforma do YouTube, com destaque aos vídeos nos quais são utilizadas narrativas de clientes (futuros moradores e investidores) para atribuir sentido particular e valor ao empreendimento. Com uma discursividade muito potente, nesses vídeos, as categorias de “sonho” e “planejamento urbano” se encontram misturadas e agregadas

a outras, como “comunidade” e “segurança”, em prol da edificação, talvez mais conceitual do que material, de um lugar ideal.

Nesse sentido, é importante destacar que a escolha da plataforma do YouTube não foi de caso pensado desde o início. Do contrário, a tarefa de realizar um mapeamento em âmbito nacional dos empreendimentos privados já implementados ou ainda em fase de execução que se utilizavam do conceito “*smart*”, que me fez chegar até o site da incorporadora Planet Smart City. A partir disso, encontrei uma possibilidade de utilizar os instrumentos disponíveis para dar andamento à pesquisa em meio a pandemia e, o mais importante, como propõe Marcus (2001), foi que encontrei uma possibilidade de analisar discursos que, hora, ecoavam narrativas mais globais a respeito de cidade, hora se mostram bastante dissonantes com os usuários e moradores do local.

Analisando os diversos vídeos do canal busco rastrear a trama de agências que estão relacionados à estratégia de marketing do loteamento Smart City Laguna. O meu objetivo inicial era entender como se constrói a rede de significados relacionados ao empreendimento nos vídeos do YouTube. Mais especificamente escolhi olhar de forma mais próxima para os vídeos publicados no canal da empresa que enfatizam as narrativas de clientes que adquiriram uma casa no empreendimento, mas isso sem deixar de observar e buscar rastros de outros mediadores que interferem no curso da ação.

Analisando as escolhas narrativas institucionais para construir o ideal de um lugar dos *sonhos*. Interessa-me investigar de que forma são utilizadas e articuladas as tecnologias do planejamento urbano para atribuir sentido e valor ao projeto. No entanto, vale destacar que a “cidade-conceito” fabricada nas narrativas institucionais começam a ser desconstruídas quando se encontram com o fazer e pensar vernacular. Nesse sentido, passo a ver um grande potencial na possibilidade de realizar uma contraposição entre as diferentes perspectivas de lugar ideal narradas virtualmente nos vídeos do canal do YouTube da Planet Smart City e comentários tecidos nestes vídeos que, eventualmente, corroboram ou contrapõem os discursos oficiais.

Após consumir uma boa quantidade de vídeos, começo a prestar mais atenção aos comentários que usuários que navegam no site do YouTube deixam nestes vídeos de propaganda do empreendimento, que, por vezes, reforçam o “sonho” que seria morar nesse local e, por vezes, lançam questionamentos que colocam em xeque aquilo que é apresentado na narrativa oficial. Essa postura crítica por parte de alguns usuários chama mais uma vez a atenção para a problemática sobre a definição de uma Cidade Inteligente. Como mencionado brevemente, o conceito de Cidade Inteligente admite uma certa torção para ser utilizado

contingencialmente. Nesse sentido, a minha pergunta passa a ser o que seria então uma Cidade Inteligente para aqueles que são o público-alvo do empreendimento?

O recorte da pesquisa foi feito a partir de conceitos já consolidados do que se entende por cidade, analisando diferentes empreitadas em busca de uma cidade ideal. Em um jogo de aproximação e distanciamento, busco tecer relações entre o empreendimento analisado e demais conceitos já conhecidos. A partir de vídeos do YouTube, analiso as escolhas narrativas institucionais para construir o ideal de um lugar dos sonhos. Procuo, nesse sentido, entender de que forma são articuladas as noções de comunidade e segurança. Interessa-me, também, encontrar e aprofundar, além disso, quais são as tecnologias do planejamento urbano eleitas para o empreendimento, e de que forma são utilizadas para atribuir sentido e valor ao projeto.

Veremos também mais adiante, que as cidades-conceito fabricadas nessas narrativas começam a ser desconstruídas quando se encontram com o fazer e pensar vernacular. Nesse sentido, exploro a possibilidade realizar uma contraposição entre as diferentes perspectivas de lugar ideal narradas virtualmente nos vídeos do canal do YouTube da Planet Smart City, bem como nos comentários tecidos nestes vídeos que, eventualmente, corroboram ou contrapõem os discursos oficiais. Ainda é interessante trazer que não só no canal oficial da incorporadora se encontram vídeos a respeito do empreendimento, mas também em alguns canais pessoais são postadas incursões à Smart City Laguna com o intuito de apresentar e trazer primeiras impressões acerca do projeto para o espectador. Veremos a seguir as possibilidades da utilização do YouTube não como um ambiente virtual no qual reside o objeto de estudo, mas como ferramenta que auxilia na proposta de seguir as narrativas tecidas pela incorporadora Planet Smart City a respeito do seu empreendimento Smart City Laguna e como essas narrativas impactam e são afetadas também pelos usuários dessa rede social.

## 1.6 EXPLORANDO POSSIBILIDADES DO YOUTUBE ENQUANTO FERRAMENTA DE PESQUISA

Capaz de proporcionar um fluxo de comunicação de muitos para muitos, o site do YouTube é uma plataforma *online* que permite seus usuários visualizarem e postarem vídeos de uma diversidade de conteúdos e, também, executarem algumas ações de interação. Ao longo dos anos, o YouTube se estabeleceu como um dos maiores repositórios de produção audiovisual na Internet. Sua criação foi impulsionada pelo desafio tecnológico de viabilizar, de maneira acessível, a transmissão de vídeos na rede mundial de computadores. Burgess e Green (2009) inicialmente, a proposta do YouTube, lançado por ex-funcionários do PayPal, era compartilhar



vídeos pessoais entre os fundadores e seus amigos, uma vez que eles enfrentavam dificuldades para publicar o conteúdo nas plataformas existentes na época (BERTI, 2007). Além disso, o YouTube foi concebido como um espaço para armazenar memórias afetivas dos seus criadores.

Já no momento do seu lançamento, o YouTube possuía características que estabeleciam a interação entre os usuários, como a opção de compartilhar conteúdo audiovisual em outros sites, além de permitir interações sociais por meio de comentários nos vídeos postados. No entanto, a massificação do YouTube ocorreu apenas quando o site foi comprado pela Google, adquirindo assim um caráter mais comercial e tornando-se uma das plataformas de vídeos mais acessadas do mundo (BURGESS; GREEN, 2009). O YouTube se tornou um ambiente de cultura participativa, permitindo que os seus usuários criassem canais e compartilhassem seu próprio conteúdo audiovisual.

O site possui na parte superior do site uma barra de pesquisa, que permite com que o usuário pesquise livremente pelos temas de seu interesse, logo abaixo exibe sugestões de tags<sup>7</sup> que representam as categorias de maior destaque e com maior relevância de acordo com os dados que o site consegue levantar do IP<sup>8</sup> do computador de quem o acessa. Ainda abaixo se interage com uma interface com barra de rolagem infinita com sugestões de vídeos específicos, no qual se vê uma miniatura da capa do vídeo, seu título, o nome e a foto de perfil do canal em que foi publicado, o número de visualizações e há quanto tempo foi postado.

[...] o YouTube é um ambiente virtual vasto, nele podemos observar uma miscelânea de conteúdos variados, que dialogam uns com os outros ou que deles se distinguem completamente. Tais conteúdos são produzidos desde sujeitos do cotidiano e, por meio da convergência midiática em que mídias tradicionais e novas mídias colidem e, sobretudo, fundem-se, também pelas grandes corporações. Desde produções propagandísticas produzidas por empresas de marketing digital ou até mesmo programas televisionados, com cenários, entrevistados etc., aos sujeitos do cotidiano amadores ou os que se profissionalizaram estão presentes nesse lugar de mídia. (MELLO, 2018, p. 113)

Montaño (2016) destaca a "audiovisualização da cultura" e a "softwarização do audiovisual" como elementos-chave para o sucesso do YouTube e plataformas semelhantes. Essas transformações na comunicação estabelecem um novo modo de interface entre usuários e vídeos, que difere dos modos adotados por outras mídias audiovisuais. Para as empresas de comunicação e entretenimento, o YouTube se tornou uma maneira de disponibilizar suas produções na Internet. A popularização do YouTube reforçou ainda mais a ideia de uma cultura

---

<sup>7</sup> Palavras-chave ou termos associados a uma informação.

<sup>8</sup> Internet Protocol Address, código numérico atribuído a cada computador conectado à internet.

mediática audiovisual, permitindo que pessoas comuns expressassem suas ideias (KILPP, 2010) e pensamentos por meio de imagens.

Como mencionado, postar e visualizar vídeos não é a única forma de interação na plataforma. No caso dos usuários cadastrados, o site disponibiliza outras ações de interação aos vídeos como like, dislike, realizar comentários e iniciar conversas (*threads*) a partir de comentários já publicados abaixo do vídeo relacionado. Os comentários são públicos e podem ser direcionados tanto para os autores do vídeo, quanto como para outros usuários, que, por sua vez, podem respondê-los e, assim como nos vídeos, dar um like ou dislike. Optar por um caminho ou outro impacta futuras sugestões feitas pelo site.

Um usuário pode chegar até um canal do YouTube tanto a partir de uma busca direcionada na própria plataforma, cuja pesquisa tenha aparecido diretamente como resultado primário o perfil do canal; a partir de algum vídeo pelo qual se interessou em assistir ou em seu conteúdo relacionado onde é possível localizar o canal responsável pela publicação, e então clicar para ser direcionado para o perfil; mas também a partir de um site externo à plataforma que redireciona o usuário para o canal.

Cabe destacar que estrategicamente o YouTube tenta se colocar como mero intermediário, utilizando-se da retórica de plataforma que simplesmente disponibiliza conteúdos postados por outros usuários, mas que não produz interferências. Apesar disso, este mesmo também estuda seus usuários. Segue suas escolhas e comportamento, gerenciando dados e métricas, mapeando os fluxos do tráfego e de engajamento daqueles que navegam pelas páginas da plataforma, como propõem Bruno e Vaz (2002, p. 2), os sistemas algorítmicos “atuam segundo princípios e regras que lhes são próprios”. Parte dessas métricas são acessíveis somente ao YouTube, que escreve e monitora o algoritmo que tem como função a recomendação de vídeos e produtos aos seus usuários, transformando sua própria atenção em um produto comercial. Outros dados relacionados às interações com os vídeos podem ser acessados somente pelo criador do canal no qual tais vídeos são publicados. No entanto, para um usuário que navega por um vídeo publicado por outra pessoa, os dados disponíveis são somente os mais superficiais, e encontrar mais informações sobre estes outros usuários e rastrear seus percursos pode ser uma tarefa mais difícil, mas não impossível quando se tem conhecimentos específicos para extrair essas informações em camadas para além da interface amigável disponível ao usuário mais comum, que está apenas interessado em consumir o conteúdo de maneira facilitada.

A experiência de realizar uma pesquisa etnográfica em um ambiente digital pode resultar muitas vezes de um trabalho reflexivo, com elementos trazidos a partir do olhar crítico

para a própria experiência do pesquisador, visto que a experiência digital é insidiosa e pessoal e muitas vezes difícil de observar de fora. Nesse sentido, como propõe Hine (2020), ao colocar ênfase na reflexividade do próprio etnógrafo, abre-se uma possibilidade de observar a agência muitas vezes silenciosa e incorporada, tal qual intermediária, da tecnologia. Contando que trazer à tona um caminho, é também falar sobre outros caminhos possíveis, passei a cogitar que o caminho que eu mesma percorri até o canal do YouTube da Planet Smart City, possivelmente se assemelharia, ou minimamente teria algo em comum com o caminho que outros usuários também percorreram (GODINHO, 2022). Observei que mais da metade dos vídeos disponibilizados pela Planet Smart City entre 2017 e 2021 possuíam apenas de 300 a 500 visualizações, um número ínfimo considerando os 2,9 bilhões de usuários ativos que o YouTube possui. Além disso, boa parte dos comentários publicados nos vídeos são uma crítica a aspectos específicos do empreendimento, pedindo atualização sobre o estágio das obras em algum setor, pedindo mais informações e direcionamento para prosseguir com a compra e, ainda, uma manifestação de um “sonho” de poder morar em tal lugar. Estes dados me serviram como indícios de que grande parte dos vídeos do canal da Planet Smart City são assistidos e possivelmente direcionados a um usuário especializado, ou seja, um sujeito familiarizado com o empreendimento da Smart City Laguna, com um interesse particular, seja por investimento ou curiosidade, que assim como eu, chegaram ao canal a partir de um redirecionamento de outro site externo à plataforma. Nesse sentido, foi com a perspectiva de que há algo em comum com as experiências de usuário *online*, que a reflexão sobre o que me “fez fazer” no contexto relacional da pesquisa, me permitiu a aproximação para começar a entender outros usuários interagindo com os vídeos publicados no canal da incorporadora Planet Smart City.

Tomando esse fato em conta, apesar de terem pouca expressividade em relação aos vídeos mais assistidos do YouTube<sup>9</sup>, que possuem milhões de visualizações e comentários, por possuírem uma audiência direcionada e um escopo bastante delimitado, os vídeos publicados no canal do YouTube da Planet Smart City foram uma parte bastante relevante da pesquisa. Em um primeiro momento, conforme mencionado, dediquei-me em assistir os vídeos publicitários referente ao empreendimento Smart City Laguna e depoimento de moradores dando atenção especial em apreender o discurso construído em função de caracterizar o empreendimento como um lugar ideal. Passei, então, a observar a diversidade de comentários e considerá-los também como parte importante para seguir controvérsias e ratificações com relação ao empreendimento.

---

<sup>9</sup> O vídeo “Luis Fonsi - Despacito ft. Daddy Yankee” é o vídeo mais assistido de todos os tempos com 51 milhões de curtidas e mais de 4 milhões de comentários. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=kJQP7kiw5Fk>. Acesso em julho de 2023.

Conforme já mencionado, quando se navega por um vídeo publicado por outro usuário, os dados facilmente acessados são somente alguns mais superficiais, no entanto com alguns conhecimentos mais específicos sobre como funcionam os fluxos de informações na Web 2.0, é possível ir um pouco além. A Web 2.0 tem como base a integração do fluxo de dados entre plataformas por meio das APIs, que por sua vez funcionam como intermediários entre o código fonte base da aplicação e seu banco de dados, e a interface amigável utilizada pelo usuário final. Ou seja, quando um usuário aperta o botão de *play* em um vídeo, quem recebe essa mensagem é uma API que se comunica com uma camada mais profunda do código fonte do YouTube e informa qual ação o usuário deseja realizar. Embora que para o usuário da camada mais superficial da internet, ou seja, aqueles que acessam um conteúdo de um site a partir de uma interface gráfica, só seja possível acessar as informações e realizar ações disponibilizadas por essa interface gráfica, as possibilidades se abrem quando se possui recursos e conhecimentos técnicos para se comunicar diretamente com a API que intermedia as informações.

Trabalhando em tempo integral como desenvolvedora de sistemas, passo a ampliar minha visão daquilo que é possível em termos de obtenção de dados disponíveis na plataforma do YouTube. A fim de possibilitar investigar de maneira mais consistente a interação dos usuários com os vídeos publicados no canal da Planet Smart City, desenvolvo um programa na linguagem Python, bastante conhecida por facilitar análise de dados, para que seja possível estabelecer uma comunicação direta com a API pública do YouTube e ter acesso a dados estruturados, conforme explorarei mais adiante.

Como o objetivo de mapear alguns conceitos utilizados por usuários que assistem aos vídeos publicados pela incorporadora Planet Smart City, o programa que desenvolvi<sup>10</sup>, explicando em termos simplificados, informa para a API do YouTube a ID do canal da Planet, que consiste em um conjunto alfanumérico ao fim da URL do canal, e solicita uma consulta de todas as *threads* de comentários relacionadas ao mesmo. A resposta devolvida pela API do YouTube contém um objeto principal, que é o comentário e uma série de informações associadas a ele, tais como, data de publicação, link do canal do usuário que realizou o comentário, link do vídeo em que o comentário foi publicado, texto do comentário, quantidade de likes, quantidade de respostas e um vetor contendo todas as respostas ao comentário e demais informações sobre cada uma delas.

Esses dados extraídos da plataforma não dizem nada se separados do contexto, no entanto, associado a outras técnicas de abordagem qualitativa auxiliam para validar e mapear

---

<sup>10</sup> Código fonte disponível no anexo da dissertação.

termos e comportamentos dos usuários que assistem e interagem aos vídeos publicados no canal da incorporadora, conforme será explorado no terceiro capítulo. Para dar uma dimensão prática para a análise, o programa também exporta toda a informação coletada para uma tabela Excel para melhor visualização e posterior análise.

Além de assistir sistematicamente aos vídeos da incorporadora em seu canal do YouTube, coletar e analisar dados quantitativamente a partir de um programa que se comunica com a API do YouTube, também realizei entrevistas com quatro moradores, um corretor imobiliário e com a gestora social do empreendimento Smart City Laguna, dos quais os nomes optei por manter anônimos. As entrevistas ocorreram todas através de vídeos chamadas, e foram possíveis por conta do contato que estabeleci com uma integrante do comitê de moradores da Smart City Laguna a partir do perfil de tal comitê na rede social Instagram. Essa combinação de técnicas para apreensão do meu objeto foi, a princípio, uma tentativa de me aproximar da temática em um contexto de distanciamento por conta da pandemia de COVID-19, mas que suscitaram, para mim, uma renovação na forma como contemplava as possibilidades de pesquisa antropológica.

Agora, já sabendo do que se trata a pesquisa e, também, a partir de que ótica a mesma é realizada, prossigo a discussão no sentido de entender o que seria então, uma *Smart City*.

## 2 CIDADES INTELIGENTES

*Smartphones, Smart TVs, Smart Watches*, cada vez mais os dispositivos têm concentrado uma série funções buscando, por um lado, maior autonomia com relação aos demais dispositivos – o relógio também atende ligações, mostra a previsão do tempo e monitora batimentos cardíacos – ao mesmo tempo em que interagem entre si, integrando uma grande quantidade e diversidade de informações acerca de seus usuários. O uso dessa massividade de dados coletados para o – e do – usuário no planejamento urbano é o que, a partir da perspectiva de algumas empresas e governantes, poderia proporcionar tomadas de decisões mais precisas e de maneira mais automatizada.

Cada vez mais, as próprias redes móveis estão se tornando laboratórios a partir das quais se pode observar em tempo real como as cidades crescem, como as pessoas se movem e, também, consomem. Como estes dados são usados e a que interesses são atrelados é um aspecto ainda um pouco nebuloso que, embora recentemente tenha ganhado destaque em fóruns sobre proteção de dados e privacidade dos usuários, e venha sendo bastante questionado no âmbito de discussões acadêmicas, é um tema de pouco ou quase nenhum interesse dos consumidores. Muitas vezes, ainda que até possa ser de interesse daquele que deseja utilizar um serviço em seu *smart* dispositivo saber como seus dados serão coletados e acessados, o acesso aos serviços digitais normalmente estão atrelados ao aceite de um contrato de adesão que não aceita barganhas. O usuário tem pouca escolha entre aceitar os termos cedendo seus dados ou estar alheio ao serviço. A massividade de dados retidos a partir dos fluxos dos usuários do aplicativo, também chamado de big data, são, atualmente, um dos ativos mais valiosos do mercado digital, visto que, a partir destes é possível traçar perfis, prever e manipular comportamentos dos consumidores. Podem, também, ser usados em uma cidade para prever o tráfego urbano, coletar índices de poluição e auxiliar no monitoramento das ruas.

A questão é: como esses dados são usados? Quem se beneficia desses dados? E quem é prejudicado? Essas são perguntas importantes que precisam ser respondidas para garantir que os usuários não sejam explorados e que suas informações pessoais sejam protegidas. Em relação ao uso desses dados, é importante entender que muitas empresas e organizações usam esses dados para fins legítimos, como melhorar seus produtos e serviços. Além disso, os usuários também precisam estar cientes de que estão contribuindo para a coleta de dados ao usar serviços digitais. Embora os usuários possam não ter a opção de negociar o uso de seus dados, eles podem optar por usar serviços que ofereçam maior proteção de privacidade. Em suma, a relação

entre o consumo e a produção de dados é complexa e multifacetada, onde o usuário assume um papel ambíguo, sendo ao mesmo tempo consumidor e ativo financeiro.

Ainda que a Cidade Inteligente tenha ganhado propulsão no contexto da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) voltadas à gestão urbana, os discursos que envolvem o planejamento e representação de cidades inteligentes têm sido progressivamente ligados à uma visão holística, considerando também fatores como criatividade, diversidade, educação e governança. Atualmente há grande amplitude com relação aos entendimentos de *Smart City* em diferentes áreas de estudo. Dependendo de sua aplicação, o conceito pode vir a estar mais centrado na sustentabilidade<sup>11</sup>, ao consumo consciente<sup>12</sup>, ao controle e vigilância ou participação cidadã (RIZZON *et al*, 2017).

Cidade Inteligente, no momento, é um conceito vacilante e que, por si só, não tem um significado emplacado. Tem sido, em alguns casos, empregado conjuntamente com outras palavras, como “sustentável”, “inclusiva” e “social”, em uma tentativa de atribuição de um sentido mais particular ao conceito. A ideia parece ser enfatizar uma delimitação mais específica de acordo com o planejado para o contexto em questão. Demonstrando ter uma certa amplitude de torção, esse termo é apropriado e ressignificado contingencialmente em diferentes lugares do globo, cada qual, também, com suas estratégias diferenciadas.

Em um artigo de 2014, Jordi Borja, geógrafo e urbanista espanhol, ao analisar a tendência das chamadas “cidades inteligentes” lança um questionamento, com um certo tom de indignação a respeito desse movimento. “Houve alguma vez cidades estúpidas?”, pergunta ele. “Teriam sobrevivido as cidades, [...] se não houvesse inteligência coletiva?”. Nesse sentido, cabe destacar que há, hoje, uma cidade já presente – e não do futuro – com internet em banda larga, wi-fi, aplicativos, sensores, câmeras digitais, nuvens de dados e demais tecnologias, mas que também é composta pelo esgoto a céu aberto, enchentes, pandemias, e etc. Em meio a cidade heterogênea e a multiplicidade do urbano, como definir uma Cidade Inteligente? Como pontuado, *Smart City*, ou Cidade Inteligente, é um conceito guarda-chuva que abre margem para diferentes interpretações, apropriações e imaginações. Proponho, a seguir, uma cartografia de tal conceito a fim de investigar como esse termo tem sido utilizado na literatura nos últimos anos, bem como verificar como é apropriado tanto em projetos relacionados à gestão pública,

---

<sup>11</sup> Refere-se ao princípio da busca pelo equilíbrio entre a disponibilidade dos recursos naturais e a exploração deles por parte da sociedade.

<sup>12</sup> Derivado do conceito de sustentabilidade, o consumo consciente é entendido por aquele em que cada escolha é feita pensando no impacto que terá no meio ambiente, na sociedade e nas finanças pessoais.

quanto em projetos de empreendimentos privados de bairros ou condomínios inteligentes. O que são essas cidades, consideradas mais do que outras, inteligentes?

A preocupação com o planejamento da construção e habitação do espaço comum é um tema que aparece de maneiras particulares entre diferentes coletivos e grupos sociais. Não cabe aqui uma revisão sistemática de infindáveis abordagens ao longo do tempo e do espaço a fim de buscar definições por diferentes perspectivas do planejamento urbano. No entanto, para realizar uma certa cartografia do conceito de Cidade Inteligente, vale a pena revisitar de maneira breve o que tem se discutido a respeito destas questões de planejamento e habitação desde que a vida urbana tem ganhado destaque. Para investigar, então, o conceito de Cidade Inteligente, começemos pelo primeiro termo da equação voltando para o essencial, e entendendo o que se define por “cidade”, o que diferencia a “cidade” do “urbano”, para então entender como e a que fim o adjetivo “inteligente” é legitimado a algumas destas primeiras.

Um dos aspectos fundamentais do ofício investigativo é a postura desconfiada e crítica com relação a possíveis pistas e rastros que o pesquisador e pesquisadora escolhe seguir a fim de tentar construir seu objeto de pesquisa. Boa parte do trabalho consiste em questionar o óbvio e aquilo que é tomado como “dado”. Como propõe Latour (2019) abrir a caixa preta onde se esconde aquilo que passa despercebido ao olhar destreinado. E o primeiro objeto de estudo que gostaria de desembrulhar da caixa preta teórica é o termo “cidade”.

O que seria mais a cidade além do que um conglomerado de pessoas organizadas e que organizam fluxos em um plano material circunscrito? Porque isso, por si só, poderia ser tanto uma empresa, quanto um estádio de futebol. Nada nos diz. A cidade, porém, também carrega história. A cidade é local de moradia. Cidade é local de trabalho... Ainda assim, parece-me que ainda não chegamos lá, visto que tal descrição poderia bem se encaixar com o que, na verdade, habitualmente se opõe à cidade: o campo. Pessoas, morada, trabalho. Mesmo sem a pretensão de embasar a discussão a partir do binômio campo *versus* cidade, muito menos delongar nesta questão, parece fazer sentido destacar alguns pontos a respeito destes dois termos. O campo, tanto quanto a cidade, é uma forma concreta, uma materialização de um modo de vida. E, ainda que relacionados de maneira íntima, nascem justamente pela contraposição destes modos de vida, essencialmente ligados aos principais meios de produção, organização do espaço e política. Três termos que, como veremos a seguir, retroalimentam-se para a manutenção da relação entre campo e cidade.

Mesmo quando não se trata de massa, quando falamos em cidades menores estão presentes a concentração, a aglomeração de indivíduos, e conseqüentemente a necessidade de gestão da vida coletiva. Esta questão se coloca até para a vida urbana



mais simples e rudimentar: mesmo numa cidade perdida nos confins da história ou da geografia há pelo menos uma calçada ou praça que é de todos e não é de ninguém, há o lixo que não pode se acumular nas ruas nem pode ser simplesmente enterrado no jardim, há a igreja ou o templo a construir e manter, enfim há sempre na cidade uma dimensão pública de vida coletiva, a ser organizada. Da necessidade de organização da vida pública na cidade, emerge um poder urbano, autoridade político-administrativa encarregada de sua gestão. (ROLNIK, Raquel. 1988, p. 20).

Todos sabemos o que é cidade, mas, dada a complexidade e diversidade do termo, não há consenso sobre sua definição. Há pelo menos 25 séculos, a cidade é tema de investigações e, não raro, metáfora da vida social e política. Diante de fenômenos tão diferentes como as antigas cidades muradas e as gigantescas metrópoles contemporâneas, Rolnik (1988) questiona “seria possível definir exatamente a cidade?”.

## 2.1 IMPLOÇÃO E EXPLOÇÃO DA CIDADE

Ao analisarmos as origens da cidade Ocidental, somos remetidos à polis grega, uma cidade política, que representava o centro do poder dos homens livres. A polis era habitada por uma diversidade de pessoas, desde sacerdotes, chefes militares, escribas, artesãos, camponeses e escravos, e já apresentava uma clara divisão social e espacial do trabalho. O centro da cidade era destinado ao exercício político, enquanto, que, a atividade comercial, relegada a forasteiros, ocorria em espaços periféricos e às margens da cidade.

Para a estabilização do comércio na cidade, foi necessária a substituição progressiva dos senhores de terra por monarquias nacionais. Com o tempo, a cidade passou a ser sustentada fundamentalmente pelo comércio, e a relação entre campo e cidade se consolidou, com a cidade dependente daquilo que era produzido no campo e o campo, por sua vez, dependente da cidade para escoar suas produções. Assim, as transformações da cidade estavam diretamente relacionadas às formas de produção.

Com a implantação da cidade comercial, uma nova realidade foi estabelecida no local onde antes havia a cidade política. A intensificação das trocas comerciais se tornou uma característica marcante. Circuitos comerciais entre cidades foram estabelecidos, estradas e rotas marítimas se consolidaram, e o comércio conduziu ao acúmulo de dinheiro, criando os primeiros bancos.

Apesar de o valor de troca já ter sido instaurado, ele ainda não dominava a prática social da cidade, que era pautada mais no valor de uso, nos costumes e no pertencimento ao lugar. Segundo Lefebvre (1991), é essa característica que define a cidade enquanto obra, permitindo

a realização de festas, reuniões e apropriação das ruas de acordo com as éticas e estéticas próprias dos grupos sociais.

A cidade, então, se transformou em um espaço de encontro e convivência entre diferentes pessoas e modos de vida. Isso trouxe consigo uma série de desafios, como a necessidade de se estabelecer normas e leis para a convivência em sociedade, o que levou ao surgimento de instituições políticas e jurídicas, bem como de práticas de organização e planejamento urbano.

Ao longo da história, a cidade continuou a se desenvolver e a se adaptar às mudanças sociais, políticas e econômicas. O surgimento da Revolução Industrial, por exemplo, marcou um novo capítulo na história da cidade, com o crescimento das indústrias e o aumento da população urbana.

No presente, a cidade é vista como um espaço dinâmico e complexo, onde coexistem diferentes modos de vida e atividades. Ela é o centro das atividades econômicas, culturais e políticas, e continua a ser um espaço de experimentação e inovação. À medida que a tecnologia avança, a cidade também se torna um laboratório para novas ideias e práticas, desde a implementação de soluções inteligentes para o transporte e a gestão dos recursos naturais até a promoção de novas formas de interação social.

A própria cidade é uma *obra*, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos *produtos*. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro (LEFEBVRE, 1991, p. 12).

Segundo Lefebvre (1972), a industrialização trouxe consigo uma “mudança radical” que acarretou uma “gigantesca crise” urbana. Inicialmente, a indústria não necessitava da cidade, pois a primeira possuía maior interesse nas fontes de energia e matérias-primas localizadas em sua maioria fora da cidade. Porém, com o passar do tempo, a indústria se aproximou gradativamente das cidades em busca de mão de obra barata, capital e do próprio mercado, produzindo profundas transformações em sua configuração socioespacial (ARAÚJO, 2012).

O resultado foi um grande influxo de pessoas nas cidades, consolidando o ciclo de êxodo rural em direção ao urbano. A urbanização cresceu como nunca visto, marcando a segunda metade do século XX. A implosão das cidades e a consolidação das metrópoles geraram a

exacerbação da divisão social do trabalho, uma das marcas impostas pelo sistema capitalista aos modos de produção da sociedade moderna.

A implosão das cidades é um fenômeno descrito por Lefebvre que consiste na perda da potência social do conteúdo político e comercial da cidade, negando sua centralidade. Por outro lado, a projeção de fragmentos da malha urbana por uma ampla região (as periferias e subúrbios) é conhecida como a explosão da cidade. Esse fenômeno gerou a fuga para os subúrbios e comunidades-satélite fora das cidades, e os velhos centros urbanos se tornaram vazios no período noturno, quando os trabalhadores, compradores e os que buscavam diversão voltavam para casa.

Essa explosão da cidade trouxe consigo o surgimento de novas formas de segregação urbana e exclusão social. As periferias e subúrbios se tornaram territórios vulneráveis, onde as condições de vida e a falta de serviços públicos adequados tornaram-se realidade para muitas pessoas. Essas áreas foram historicamente abandonadas pelo Estado e pelo mercado, gerando uma série de problemas sociais que persistem até hoje.

A cidade moderna, portanto, é resultado de um processo histórico e social que vem se consolidando ao longo dos séculos. Desde a Grécia Antiga, quando surgiu a *polis* grega, até a industrialização e urbanização desenfreada dos tempos modernos, a cidade vem sendo palco de intensas transformações. A mudança dos valores de troca pelos valores de uso, a implosão e explosão da cidade, a segregação urbana e a exclusão social são apenas algumas das facetas desse processo complexo e multifacetado.

No entanto, é importante ressaltar que a cidade também pode ser vista como espaço de resistência e transformação social. Movimentos sociais urbanos surgiram como resposta às injustiças e desigualdades geradas pelo sistema capitalista e lutam por uma cidade mais justa, democrática e inclusiva. A cidade é, portanto, um espaço de conflito e contradição, onde se cruzam interesses e visões de mundo distintas, mas também é um espaço de possibilidades, onde novas formas de vida e de organização social podem surgir.

Simultaneamente, a descentralização se espalhou, à medida que a maioria das comunidades ou complexos suburbanos componentes dessas cidades desenvolvia seus próprios serviços de lojas e lazer, notadamente através de shopping centers na periferia (no que os americanos foram pioneiros). Por outro lado, a cidade do Terceiro Mundo, embora também ligada por sistemas de transporte (em geral obsoletos e inadequados) e uma miríade de ônibus privados e “táxis coletivos” caindo aos pedaços, não podia deixar de ser dispersa e desestruturada, quando mais não fosse porque não há como não o serem aglomerações de 10 a 20 milhões, sobretudo se a maior parte de seus assentamentos permanentes começou como favelas baixas, quase sempre estabelecidas por grupos de posseiros num espaço aberto baldio. Os habitantes dessas cidades às vezes têm de gastar várias horas por dia viajando na ida e volta do

emprego (pois o emprego estável é precioso) [...]. Enquanto nos cortiços e favelas os seres humanos viviam em simbiose com os resistentes ratos e baratas, a estranha terra de ninguém entre cidade e campo que cercava o que restava dos “centros urbanos” do mundo desenvolvido era colonizada pela fauna dos bosques: doninha, raposa e guaxinim. (HOBSBAWM, 1994, pp. 230-231).

A partir do duplo processo de implosão e explosão da cidade, uma anticidade, que nega a cidade política-comercial então conhecida, é gerada. Essa mencionada anticidade (LEFEBVRE, 1991) baseia-se substitui as relações pautadas pelo valor de uso, por outras baseadas no valor de troca. Esse fundamento, baseado no valor da troca, acabou por esvaziar a qualidade dos costumes e das relações espaço-tempo, reduzindo-as a uma condição quantitativa. Para melhor ilustrar o autor (*idem, ibidem*) utiliza o exemplo das festas que, antes ricas de significações, tornam-se uma repetição de signos destinados ao consumo (ARAUJO, 2012). Essa transformação ilustra como a cidade industrial produz uma relação social baseada no consumo e na produção em massa, e como as relações pessoais são substituídas por relações sociais mediadas pela produção e pelo consumo.

## 2.2 CRÍTICAS À METRÓPOLE E SOLUÇÕES PARA A VIDA MODERNA

Pois a divisão de trabalho reclama do indivíduo um aperfeiçoamento cada vez mais unilateral. E um avanço grande no sentido de uma busca unilateral com muita frequência significa a morte para a personalidade do indivíduo. Em qualquer caso, ele cada vez menos pode equiparar-se ao supercrescimento da cultura objetiva. O indivíduo é reduzido a uma quantidade negligenciável, talvez menos em sua consciência do que em sua prática e na totalidade de seus obscuros estados emocionais derivados de sua prática. O indivíduo se tornou um mero elo em uma enorme organização de coisas e poderes que arrancam de suas mãos todo o progresso, espiritualidade e valores, para transformá-los de sua forma subjetiva na forma de uma vida puramente objetivo (SIMMEL, 1967, p. 23).

Antecedendo a Lefebvre, um dos expoentes críticos à vida moderna, o filósofo e sociólogo Georg Simmel, ocupa grande parte de sua obra dedicando-se a tecer críticas a respeito da modernidade e a desintegração dos valores qualitativos que, aos poucos, foram sendo substituídos pela quantificação das relações de troca e dos próprios cidadãos. Para o autor, os principais traços da metrópole são a pontualidade, calculabilidade e exatidão (SIMMEL, 1967), visto que a otimização do trabalho e da rotina cotidiana refletem em um maior (não necessariamente melhor) índice de produtividade. É como se a cidade fosse compelida a se transformar em uma gigantesca empresa.

A exatidão calculista da vida prática, que a economia do dinheiro criou, corresponde ao ideal da ciência natural: transformar o mundo num problema aritmético, dispor todas as partes do mundo por meio de fórmulas matemáticas. Somente a economia do dinheiro chegou a encher os dias de tantas pessoas com pesar, calcular, com determinações numéricas, com uma redução de valores qualitativos a quantitativos. Através da natureza calculativa do dinheiro, uma nova precisão, uma certeza na definição de identidades e diferenças, uma ausência da ambiguidade nos acordos e cominações surgiram nas relações de elementos vitais - tal como externamente esta precisão foi efetuada pela difusão universal dos relógios de bolso (SIMMEL, 1967, p. 14).

É interessante notar também que processos ambíguos acompanham o desenvolvimento das cidades modernas. Ainda que haja uma tendência em estabelecer um fluxo retilíneo nesta narrativa sobre cidades, vale destacar que há sempre correntes de lados múltiplos subvertendo qualquer intuito de postular algum determinismo irrefutável a respeito de sua própria história. Por um lado, se a massificação do indivíduo como produto da cidade industrial, reduz este a uma quantidade negligenciável, também fomenta, por outro, o sentimento de liberdade pessoal. A cidade, mais especificamente a metrópole, passa a ser cada vez mais um espaço de expressão individual, tornando-se o símbolo da liberdade. Nesse cenário de detrimento do coletivo pelo individual, é onde passa a haver uma busca acentuada pela especialização e diferenciação, porém, não apenas pelo desejo do indivíduo de ressaltar suas subjetividades, mas também pela necessidade de atender às demandas mais particulares do mercado, a fim de que este não possa ser facilmente substituído por outro. Em suma, como se previra, *Gemeinschaft*<sup>13</sup> cedia espaço a *Gesellschaft*<sup>14</sup>: comunidades davam lugar a indivíduos ligados em sociedades anônimas (HOBSBAWM, 1994).

Os laços e solidariedades de grupo não econômicos eram agora minados, como o eram os sistemas morais que os acompanhavam. Estes eram igualmente mais antigos que a moderna sociedade industrial, mas também tinham sido adaptados para formar parte essencial dela. O velho vocabulário moral de direitos e deveres, pecado e virtude, sacrifício, consciência, prêmios e castigos não mais podia ser traduzido na nova linguagem de satisfação dos desejos. Uma vez que tais práticas e instituições não eram mais aceitas como parte de um modo de ordenar a sociedade que ligava as pessoas umas às outras, e que assegurava a cooperação social e a reprodução. Em decorrência da instauração de novos valores sociais, os vínculos do parentesco e de comunidade passam a ser terceirizados para a responsabilidade e dependência estatal,

---

<sup>13</sup> Termo da língua alemã utilizado para definir Comunidade.

<sup>14</sup> Termo da língua alemã utilizado para definir Sociedade.

trazendo, cada vez mais à tona a discussão a respeito do Estado de Bem-Estar Social, o que vai de encontro o que pretendemos analisar na sequência.

## 2.3 RESPOSTAS DA ARQUITETURA E URBANISMO EM BUSCA DO BEM-ESTAR SOCIAL

Nesse cenário de necessidade de otimização produtiva, nascem propostas de adequação da morfologia urbana consideradas ideais para o homem moderno, visando a melhoria da qualidade de vida do cidadão urbano. O Modernismo na Arquitetura e no Urbanismo surgiu como uma reação às novas condições de produção, circulação e consumo impostos pela Revolução Industrial. No final do século XIX, o modernismo passa a ser um fenômeno urbano, a partir do crescimento explosivo das cidades, da migração para centros urbanos, da industrialização, da reorganização dos ambientes construídos e de movimentos urbanos de base política.

Entre as “Cidades Industriais”, “Falanstérios”, “Cidades Jardins” e etc., a partir do final do século XIX passam a emergir diferentes modelos de “cidade ideal” preocupadas em otimizar e melhorar a vida urbana. Exploreemos superficialmente a seguir alguns exemplos destas propostas de empreendimentos voltados em promover, em tese, melhor qualidade de vida aos seus moradores a fim de entender em que solo estes se fundamentam e poder estabelecer alguma relação com o tema da pesquisa, servindo, mais a frente, para pensar desdobramentos do que é planejado como ideal e uma necessidade mais atual de ter um posicionamento das cidades no mercado global.

### 2.3.1 Cidades Industriais

A Cidade Industrial é um conceito desenvolvido pelo empresário e filantropo escocês Robert Owen no início do século XIX. Segundo o autor, considerado um socialista utopista, uma cidade industrial deveria ser um local planejado para oferecer moradia, trabalho e serviços básicos para os trabalhadores, com o objetivo de melhorar as condições de vida e trabalho das pessoas.

Owen (1973) propôs que as Cidades Industriais fossem construídas como comunidades cooperativas, nas quais os trabalhadores compartilhariam as responsabilidades e os benefícios da produção. Ele defendia a ideia de que, ao trabalhar juntos em uma comunidade organizada, os trabalhadores seriam capazes de alcançar uma maior eficiência e produtividade, além de

terem acesso a melhores condições de vida, saúde e educação. As fábricas também eram projetadas para maximizar a eficiência, com grandes espaços abertos para a produção e muitas vezes com chaminés altas para dispersar a fumaça das caldeiras.

A ideia de que um "novo mundo moral" surgiria de um reordenamento da vida industrial em pequenos conglomerados cooperativos, previamente planejados, para uma produção eficiente e para o bem-estar de seus membros, fundava-se na possibilidade de se cobrir a superfície do globo por unidades produtivas modelo, habitadas por uma "população racional, inteligente, rica e superior" (OWEN, 1973, p.129), extinguindo progressivamente as formas "inferiores" de existência então predominantes.

Eram, de modo geral, preguiçosos e inclinados ao roubo, à embriaguez e à falsidade, com todos os vícios concomitantes, experimentando em sua pele a miserável condição que estes produzem, e agora tem-se tornado reconhecidamente honestos, laboriosos, sóbrios e ordeiros, ao ponto que é muito raro encontrar um único homem indolente, alcoolizado ou ladrão, do início até o fim do ano. (OWEN. 1973, p. 5)

Baseados nesses preceitos, no decorrer dos séculos XIX e XX surgiram vários exemplos de cidades industriais ao redor do mundo, que se tornaram muito conhecidos por sua história e arquitetura, inclusive alguns dos quais, implementados por Robert Owen com seus próprios recursos. Vemos a seguir alguns desdobramentos:

Pullman, Estados Unidos: A cidade de Pullman foi fundada em 1880 pelo empresário George Pullman para abrigar sua empresa de fabricação de vagões de trem. A cidade foi planejada desde o início para fornecer habitação e serviços para os trabalhadores da fábrica. A cidade também tinha um sistema de transporte público interno e muitas comodidades para os trabalhadores, como escolas e bibliotecas.

Com a depressão de 1893, a Companhia Pullman fez uma brusca redução no pagamento de seus funcionários, recusando, porém, em ajustar o valor da cobrança de aluguel. Além disso, a existência de controle arbitrário e a ausência de democracia foram fontes importantes de insatisfação na cidade, que era vista como uma "gaiola dourada" que aprisionava seus trabalhadores e moradores (PESAVENTO, 1982). A insatisfação com a arbitrariedade e incompatibilidade dos valores cobrados pelos alugueis em relação ao salário foram os principais motivos para uma greve que acabou levando este projeto ao declínio. Anos depois, a cidade de Chicago incorporou o distrito na sua malha urbana.

No caso de Saltaire, Reino Unido, é vila é conhecida por sua história como uma cidade industrial planejada, construída no século XIX. A história de Saltaire remonta a 1851, quando

Sir Titus Salt, industrial e filantropo, decidiu construir uma fábrica têxtil para a sua empresa, Salt's Mill. Nomeou um terreno nas margens do rio Aire para instalar a sua fábrica, aproveitando da proximidade de água para energia e transporte. Ao edificar a fábrica, Sir Titus Salt também teve a visão de proporcionar um ambiente de vida melhor para seus trabalhadores em comparação com as condições urbanas insalubres da época. Lá ele edificou uma vila inteira para abrigar os trabalhadores da fábrica. A vila de Saltaire foi planejada e ajardinada com ruas largas e arborizadas, praças públicas, escolas, igreja, hospital, lojas e moradias de alta qualidade para trabalhadores e suas famílias. A vila também incluía instalações recreativas, como o instituto Saltaire, que oferecia atividades educacionais e culturais para os moradores. Salt 's Mill também oferecia uma variedade de serviços, incluindo lojas, bibliotecas e salas de concerto.

Com o declínio da indústria têxtil no final do século XIX e início do século XX, Saltaire também enfrentou dificuldades econômicas o que impactou negativamente a sustentabilidade da comunidade. Assim como no caso de Pullman, a sua dependência econômica ligada a uma indústria específica também acarretou problemas. A fábrica fechou em 1986, e, posteriormente, a partir de parcerias público-privadas, foi restaurada e transformada em um complexo de galerias de arte, lojas e escritórios. Hoje, Saltaire é reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO, em virtude de seu valor histórico, arquitetônico e cultural. A vila preserva sua aparência original do século XIX e atrai visitantes que exploram sua arquitetura notável, museus e galerias.

Outro caso interessante, com um desfecho e trajetória similar, é o da cidade de Ivrea, na Itália. A cidade de Ivrea foi construída na década de 1930 para abrigar a fábrica da Olivetti, uma empresa de máquinas de escrever. A cidade foi projetada por uma equipe de arquitetos modernistas, com muita atenção aos princípios da funcionalidade e da racionalidade. Os edifícios eram brancos e simples, com poucos ornamentos, mas muita luz natural e espaço aberto. A cidade também incluía muitos espaços verdes e áreas de lazer para os trabalhadores. A partir da década de 1980, a Olivetti começou a enfrentar dificuldades financeiras e reestruturações. A empresa passou por mudanças de propriedade e direção, além de enfrentar a concorrência crescente de outras empresas no setor de tecnologia e escritório. Isso resultou em uma redução significativa nas operações e empregos em Ivrea, gerando impactos econômicos e sociais negativos na cidade. Muitos trabalhadores perderam seus empregos, e a cidade enfrentou um aumento do desemprego e uma diminuição da atividade econômica.

Savoldi, e Bartolomeo (2002) ressaltam que a excessiva dependência da fábrica Olivetti e a falta de diversificação de outras atividades econômicas e sociais resultaram em uma



vulnerabilidade significativa quando a empresa enfrentou dificuldades financeiras. Essa análise, embora específica para o caso mencionado, parece ser aplicável aos demais exemplos apresentados. Da mesma forma, como em Saltaire, Reino Unido, atualmente, o governo local de Ivrea, na Itália, tem buscado promover a valorização de seu patrimônio industrial por meio do turismo, visando impulsionar a economia local por meio de parcerias público-privadas

Embora tenha sido pleiteado que a implementação de cidades industriais tivesse como objetivo a melhoria das condições de vida e trabalho dos trabalhadores e suas famílias, como exemplificado nos casos de Pullman, nos Estados Unidos, Saltaire, no Reino Unido, e Ivrea, na Itália, essas propostas foram alvo de críticas contundentes devido à homogeneização, controle excessivo e dependência econômica intrínseca a esses ambientes urbanos. De acordo com as argumentações de Lewis Mumford (1961), as cidades industriais planejadas revelam-se excessivamente mecânicas e inadequadas à adaptação das necessidades humanas. Ao serem concebidas com uma estrutura padronizada e uniforme, muitas vezes carecem de diversidade tanto na arquitetura quanto na utilização do solo, gerando uma sensação de monotonia e ausência de identidade. Além disso, o autor critica a dicotomia estabelecida entre trabalho e lazer nesse modelo de cidade, o que pode resultar na alienação dos trabalhadores em relação às suas ocupações e comunidades. Nesse contexto, Mumford (*ibidem*) propõe que as cidades sejam concebidas como espaços onde trabalho e lazer estejam integrados de forma sinérgica, a fim de propiciar uma existência mais plena e satisfatória para seus residentes.

### 2.3.2 Falanstérios

Contemporâneo às cidades industriais de Robert Owen, o conceito de falanstério, proposto por Charles Fourier, também no século XIX, é um conceito arquitetônico e social, que também buscava resposta ao crescimento desordenado e às más condições de trabalho decorrentes da Revolução Industrial. Apesar de buscarem respostas aos mesmos problemas, a cidade industrial de Robert Owen foi uma proposta que visava melhorar as condições de trabalho e de vida dos operários. Owen acreditava que a criação de assentamentos industriais planejados, nos quais os trabalhadores seriam fornecidos com habitação, educação e serviços de saúde adequados, poderia levar a uma sociedade mais justa e harmoniosa. Ele acreditava que, ao criar um ambiente melhor para os trabalhadores, a produtividade e o bem-estar geral aumentariam.

Por outro lado, Fourier imaginava os Falanstérios como comunidades que seriam autossuficientes, compostas por centenas de pessoas vivendo juntas em um grande edifício.

Projetadas para promover a cooperação, o compartilhamento de recursos e a felicidade dos indivíduos, os falanstérios consistiam em grandes edifícios que abrigariam várias famílias, com instalações comuns para refeições e outras atividades. Fourier imaginava comunidades autossuficientes, onde os trabalhadores viveriam e compartilhariam recursos de acordo com os princípios da sua teoria social. Cada falanstério teria uma variedade de atividades produtivas, e os membros da comunidade trabalhariam de acordo com suas habilidades e interesses. Fourier enfatizava a importância do trabalho em harmonia com a natureza, a fim de criar uma sociedade equilibrada e próspera.

Essas estruturas arquitetônicas por ele projetadas deveriam apresentar uma configuração física específica, com plantas circulares ou retangulares, divididas em áreas funcionais destinadas à residência, trabalho, espaços comunitários e lazer. A disposição espacial dos edifícios e a organização das atividades em seu interior eram concebidas com o intuito de promover a cooperação e a harmonia entre os membros da comunidade, visando estabelecer comunidades autossuficientes com base em princípios cooperativos e igualitários. A proposta dos falanstérios baseava-se no princípio da colaboração, no qual todos os membros da comunidade contribuíam com seu trabalho em benefício coletivo. Através dessa organização social, Fourier acreditava que seria possível superar as desigualdades, a pobreza e os conflitos que permeavam a sociedade da época. Embora o falanstério nunca tenha sido totalmente implementado, teve uma grande influência no pensamento utópico e social.

Ambas as propostas, de Cidades Industriais quanto os Falanstérios também apresentavam uma visão otimista de como a organização social e espacial poderia impactar a vida das pessoas. Tanto Owen quanto Fourier acreditavam que a criação de ambientes melhores levaria a uma sociedade mais justa, equilibrada e produtiva. Embora não tenham sido amplamente implementados em sua totalidade, suas ideias e influências deixaram uma marca duradoura na discussão sobre a organização social e espacial. Atualmente, muitos aspectos desses conceitos podem ser encontrados em ideias e práticas relacionadas à sustentabilidade, planejamento urbano e busca por uma sociedade mais justa e equitativa.

### **2.3.3 Cidades Jardins**

Já com relação às Cidades Jardins, o principal nome atribuído ao movimento é de Ebenezer Howard. Ebenezer Howard, considerado o pai do movimento de Cidades Jardins, publicou o livro "Cidades Jardins de Amanhã" em 1898, onde descreveu sua visão de uma cidade que combinava o melhor da cidade e do campo, criando um ambiente saudável e

agradável para os moradores. Howard trabalhou com outros arquitetos e urbanistas, incluindo Raymond Unwin, para desenvolver projetos de Cidades Jardins em toda a Inglaterra. Eles foram responsáveis por projetos como a cidade-jardim de Letchworth e Welwyn Garden City. Barry Parker e Raymond Unwin foram responsáveis pelo projeto da cidade-jardim de Hampstead, em Londres.

O conceito de cidades jardins de Howard se baseava em três princípios fundamentais: "cidade", "campo" e "cidade jardim". A "cidade" representava o núcleo urbano central, onde se localizariam os principais serviços, indústrias e instituições. O "campo" se referia às áreas agrícolas que cercavam a cidade, fornecendo alimentos e recursos naturais para a comunidade. E a "cidade jardim" era uma área intermediária que combinava características urbanas e rurais, projetada para abrigar os residentes em um ambiente saudável e agradável.

Howard propôs um modelo de financiamento para as cidades jardins, em que a valorização da terra seria compartilhada entre a comunidade e os proprietários de terra. Ele também defendia a criação de uma governança local eficiente, com participação democrática dos moradores na tomada de decisões. Em termos de planejamento físico, as cidades jardins de Howard foram projetadas com ênfase na qualidade de vida, com muitos parques e jardins, ruas arborizadas, edifícios baixos e espaços públicos amplos. O objetivo era criar um ambiente agradável, saudável e tranquilo, onde as pessoas pudessem se conectar com a natureza e viver em comunidade. Assim como os Falanstérios, elas eram concebidas para serem autossuficientes, com serviços básicos como escolas, hospitais, lojas e restaurantes, todos a uma curta distância dos locais de residência. Essa ideia tinha como objetivo reduzir o tempo e o custo de transporte, bem como promover a convivência entre os moradores.

Além disso, eram planejadas para evitar a segregação social e para oferecer habitações acessíveis a todas as classes sociais. O modelo de cidade jardim teve grande impacto no planejamento urbano e inspirou muitos arquitetos e urbanistas nas décadas seguintes. No entanto, também foi alvo de críticas, pois muitas vezes resultou em uma segregação espacial e social ainda mais sutil, enfatizando relação de centro e periferia.

Essas propostas de Cidades Industriais, Falanstérios e Cidades Jardins, como veremos, são permanentemente recicladas e atualizadas a fim de postularem novos modelos de moradias ideais.

### **2.3.4 Carta de Atenas**

Mais adiante, inspirada na discussão e análise destes modelos, bem como depois de da análise de 33 cidades das mais diversas latitudes e climas no mundo, é apresentada, em novembro de 1933, no IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, a famosa Carta de Atenas, cuja publicação, em 1941, embora tenha sido feita como um documento anônimo, comumente tem sua redação atribuída ao arquiteto e urbanista francês, Le Corbusier.

Com o objetivo de encontrar uma resposta para os desafios enfrentados pela sociedade após a guerra, um conjunto de arquitetos de todo o mundo se uniu para então elaborar a famosa Carta de Atenas. Essa iniciativa veio à tona depois de uma sequência de congressos nos quais foi discutido como a arquitetura moderna poderia abordar os problemas decorrentes do acelerado crescimento urbano, que foi impulsionado, entre outros fatores, pela mecanização na produção e pelas transformações no setor de transporte (IRAZABAL, 1997). As observações e recomendações propostas no documento tinham um sentido bastante universal, aliada ao movimento modernista, que, durante o período entreguerras passou a ter uma forte tendência positivista.

A Carta de Atenas, escrita para propor a melhoria da qualidade de vida nas cidades, parte do princípio de que o Arquiteto é, ele mesmo, um transformador da sociedade à medida em que é, também, responsável por parte do planejamento da cidade. Baseada na lógica da cidade como um todo funcional, buscou traçar diretrizes e fórmulas que pudessem ser aplicadas de maneira isométrica à diversos contextos, preconizando espaços bem definidos para a habitação, trabalho, lazer e circulação, as quais seriam as quatro funções principais das cidades. Como vemos:

A cidade é um instrumento de trabalho [...]. É o domínio do homem sobre a natureza. É uma ação humana contra a natureza, um organismo humano de proteção e de trabalho. É uma criação. [...] A geometria é o meio que nos propiciamos para perceber à nossa volta e para nos exprimir. A geometria é a base. É também o suporte material dos símbolos que significam a perfeição, o divino. Ela nos traz as elevadas satisfações da matemática (LE CORBUSIER, 2000, p. 7).

No contexto brasileiro, as experiências europeias e o impacto do Movimento Moderno desempenharam um papel significativo na formulação de abordagens destinadas a abordar os desafios urbanos. Muitos dos conjuntos habitacionais estabelecidos por meio de políticas públicas refletiram diretamente a influência do Movimento Moderno, tanto em suas características arquitetônicas quanto em suas estratégias de implantação e acesso aos serviços públicos. Esta influência tinha como objetivo atenuar os problemas habitacionais resultantes do rápido processo de urbanização que o país estava experimentando. Esses desempenharam um

papel crucial no contexto da política habitacional brasileira, uma vez que foram pioneiros na abordagem específica da questão habitacional (RUBIN, 2013).

Porém, como propõe Maricato (2001),

As iniciativas da promoção pública, os conhecidos conjuntos habitacionais populares, também não enfrentaram a questão fundiária urbana (...). Os governos municipais e estaduais desviaram sua atenção dos vazios urbanos (que, como se sabe, se valorizam com os investimentos públicos e privados feitos nos arredores) para jogar a população em áreas completamente inadequadas ao desenvolvimento urbano racional, penalizando seus moradores e também todos os contribuintes que tiveram que arcar com a extensão de infra-estrutura (MARICATO, 2001, p. 21).

Na sequência do movimento modernista, que sustentava uma pretensão excessiva de que o planejamento urbano era a chave para definir a forma das cidades, surgiram críticas consideráveis. Em resposta a essas críticas, emergiu o movimento conhecido como Novo Urbanismo, que também direcionou sua atenção para a melhoria da qualidade de vida nas áreas urbanas e suburbanas. O Novo Urbanismo, conforme articulado em sua Carta<sup>15</sup>, adota uma postura mais equilibrada nesse contexto, reconhecendo que as intervenções físicas por si só não são suficientes para resolver os desafios sociais e econômicos enfrentados pelas comunidades urbanas. Em consonância com essa abordagem, o movimento enfatiza a importância de uma abordagem multidisciplinar, envolvendo arquitetos, urbanistas e uma variedade de outros profissionais. Além disso, ressalta a necessidade de um compromisso tanto do setor privado quanto do público para promover transformação ou restauração de espaços urbanos de forma eficaz (IRAZABAL, 1997).

### **2.3.5 A cidade pós-industrial**

Concebidas como máquinas de crescimento desde os anos 1970, as cidades se afirmam como bases e elos sobre os quais se estruturam a economia e a sociedade em sua forma geral — uma das fortes expressões da arrancada neoliberal e sua desejada redução do Estado provedor.

A noção operatória de classificação e ordenamento governa o espaço todo, do espaço privado ao espaço público, do mobiliário à planificação espacial. Serve

---

<sup>15</sup> Novo Urbanismo surgiu enquanto conceito nos Estados Unidos na década de 90 e se consolidou através de Congressos do Novo Urbanismo, realizados anualmente desde 1993. Foi em 1996 que foi lançada a Carta do Novo Urbanismo com o propósito de estabelecer os ideais e princípios que direcionariam o movimento.

ostensivamente a homogeneidade global, isto é, o poder. Quem ordena? Quem classifica? O Estado, as autoridades públicas, isto é, o poder. De resto, esta capacidade operatória alinha o espaço público sobre um espaço privado, o da classe ou fracção de classe hegemónica, aquela que detém e mantém ao mais alto nível a propriedade privada do solo e dos outros meios de produção. Aparentemente só o privado se organiza sob o primado do público. Na verdade, o que é instituído é o contrário. O conjunto do espaço é tratado a partir do modelo da empresa privada, da propriedade privada. (LEFEBVRE, 1974, p. 433).

No contexto da evolução científica e tecnológica, que intensificou os elementos essenciais da era moderna, observamos a emergência de uma dinâmica única e um ritmo de mudança e influência nas transformações sociais. Conforme descrito por Giddens (1994), essas transformações tiveram um impacto profundo nas práticas sociais e nos padrões comportamentais. Durante os anos 80, a noção de globalização se tornou um tópico central nas discussões académicas no que diz respeito à interpretação das mudanças sociais, económicas e culturais da época. A globalização da modernidade começou a ser vista como um processo que encurta o tempo e elimina as barreiras espaciais, conforme definido por Harvey (1989), e isso se relaciona à disseminação do capital internacional, ao aumento do consumismo e à construção de um mercado global (HOBSBAWM, 1994).

Era época de virada do milénio e as transformações sociais não apenas se aceleraram, como, também, acarretaram um novo tipo de capitalismo, um novo tipo de trabalho, um novo tipo de Estado, um novo tipo de estrutura familiar (HOBSBAWM, 1994). A partir do final do século XX e início do século XXI, surgem novos aspectos a serem problematizados a respeito de cidade, com a larga expansão das tecnologias digitais. Na mesma medida em que a cidade globalizada transcende cada vez mais suas fronteiras, efervesce adjetivos na tentativa de compreender os novos aspectos das cidades pós-industriais. Buscando sinalizar uma mudança nas formas de interação social e em suas territorializações visíveis, novas generalizações surgem para adjetivar a cidade, tais como a “Cidade Genérica” (KOOLHAAS, 1995) e as “Cidades Globais” (SASSEN, 1993) entre tantas outras. Dotada de diferentes qualidades, elas tornaram-se “competitivas”, “exitosas” ou “decadentes”. De fato, é, que as cidades se comportam como atores políticos, ganhando papel de centralidade na economia globalizada.

Tanto o Movimento Modernista quanto o Movimento do Novo Urbanismo tiveram seu papel de influência na consolidação de diversas experimentações com o urbano até o momento presente. Com o advento da internet no ambiente doméstico, no entanto, os discursos eram mobilizados em torno do tema das “cidades digitais”. Vários projetos buscavam colocar a então emergente internet a serviço dos cidadãos por meio de uma série de ações, como o melhoramento da transparência e da prestação de contas dos governos ou a oferta — a escolas,

hospitais e demais instituições públicas — de boa conectividade, serviços e informações relevantes à distância de um clique. O objetivo era implementar a inclusão digital (do cidadão e das instituições públicas e privadas) nas metrópoles e pequenas cidades ao redor do mundo como uma forma de melhoria e otimização da vida urbana.

A cidade não é apenas local de morada ou trabalho, se não que também um espaço de oportunidade para o acúmulo de capital. Desde a década de 90 houve tantas cidades adjetivadas para atrair atenção e nenhuma memorável. Cidades de negócios, atrativas para os investimentos, com áreas de prestígio para a localização de entidades financeiras e sedes de grandes empresas. Outras cidades vendem sua qualidade de vida, sua oferta cultural ou de lazer, sua imagem, seu potencial inovador, ou se autoproclamam “ecológicas” ou “sustentáveis”. Ou simplesmente se legitimam por sua história. Outras oferecem uma posição que favorece os intercâmbios, as conexões globais, sua inserção em uma macrorregião econômica. Enfim, todas se vestem de seda e se colocam a venda.

Em meio a esse contexto apresentado de tentativas de reformas urbanas, tanto de caráter legítimo a fim de proporcionar uma melhoria na qualidade de vida da população, quanto de caráter higienista; de disputa entre cidades no cenário globalizado; de inclusão digital e ademais, surge uma nova adjetivação para a cidade: a Cidade Inteligente.

Em geral, os autores divergem em relação ao início exato de utilização do termo *Smart City*, embora exista um consenso de que ele começa a ser disseminado a partir dos anos 1990 (ALBINO *et al*, 2015), na tentativa de discutir questões muito presentes na época, como a flexibilidade produtiva, a polarização social e os polos tecnológicos. De modo geral o conceito passou a ser mais amplamente divulgado em meados de 2009. O termo também passou a ser disseminado a partir do trabalho do California Institute for Smart Communities, nos Estados Unidos, e do Center of Governance at the University of Ottawa. Mais tarde passou a ser bastante disseminado por grandes empresas de tecnologia como IBM, CISCO, SIEMENS, entre outras (ALBINO *et al*, 2015).

Vale pontuar um detalhe sutil com relação a tradução. *Smart City*, embora trazido para o português como Cidade Inteligente, seria, na verdade, em uma tradução literal, uma “Cidade Esperta”. O conceito de ‘inteligência’ e ‘esperteza’, apesar de serem aproximados em seus usos, não são bem sinônimos. Enquanto que ‘inteligente’ mais faz referência ao intelecto, a um conhecimento racional adquirido através de estudo, o ‘esperto’ mais se aproxima de uma perspicácia, de tirar da situação o melhor proveito. Seria então uma Cidade Inteligente, na verdade, uma “cidade esperta”. Uma cidade na qual se tem recursos otimizados?

A fé na tecnologia e na racionalidade científica, aliada a grandes expectativas de negócios, reedita utopias já conhecidas e podem se transformar, sob o manto da neutralidade dos dados, em um pesadelo com maior controle social, mais sistemas de vigilância, formas de invasão de privacidade, burocratização e automatização dos modos de vida. A questão que fica para o futuro é se esses projetos sucumbirão à dimensão de vigilância panóptica e de dados, ou se outros elementos irão prevalecer. Não se trata de negar potencialidades, mas de manter uma postura atenta à história da relação entre as tecnologias e o espaço urbano. É preciso politizar e criticar o presente. Não se pode deixar o futuro à mercê de uma euforia tecnológica, governamental e/ou empresarial. (LEMOS, 2022, p. 15).

Ainda que em âmbitos diferentes, seja referente à gestão, ao consumo sustentável ou à gestão do solo, o mote da otimização é um dos pontos em comum que se destacam entre as diversas apropriações que se faz do conceito de *Smart City*. Considerando por *Smart City* um conceito social que, em grande parte, teve o acelerado incremento das demandas urbanas em conjunto com o desenvolvimento de tecnologias em um curto período, utilizados como principais argumentos para justificar a necessidade e originalidade por uma demanda de cidades inteligentes.

Na última década, "inteligente" tornou-se uma característica universalmente desejada para cidades ao redor do mundo, e a "inteligência" passou a ser um imperativo de política urbana amplamente aceito, tal qual outros modelos precursores, como alguns dos citados no capítulo 1, outrora foram. As compreensões de Cidade Inteligente têm se centrado principalmente na ideia de que a incorporação de tecnologias de informação e comunicação (TICs) "inteligentes" no tecido urbano poderá ajudar a lidar com questões de gestão urbana e a melhorar o desempenho ambiental e econômico das cidades, assim como a qualidade de vida dos moradores. Além disso, o uso de ferramentas baseadas em TICs também tem sido apresentado como uma promessa de melhoria da administração pública e do planejamento urbano, bem como para a criação de formas mais inclusivas de governança.

De acordo com pesquisa realizada pelo International Data Corp (IDC) o mercado de cidades inteligentes tem movimentado nos últimos anos mais de 100 bilhões de dólares em investimentos em iniciativas tecnológicas para aprimorar a gestão das cidades. Estes investimentos são, no geral, empreendidos pelo setor público na contratação de tecnologias como sensores de detecção de movimento instalados nas lâmpadas que teriam o intuito de contribuir tanto com a segurança quanto com a redução da conta de energia; sensores de comunicação para informar a uma central a interrupção de serviços elétricos; câmeras multifuncionais responsáveis pelo cruzamento de dados em tempo real fazendo com que os semáforos sejam rapidamente alterados, evitando congestionamentos; painéis e aplicativos com



informações referentes a serviços urbanos; rede wi-fi livre em espaços públicos; sistemas de monitoramento e reconhecimento facial; entre outros.

Como uma temática que têm atraído e movimentado um grande montante de capital público e privado, não tardam a surgir diferentes índices e rankings visando mensurar e categorizar cidades inteligentes ao redor do globo. Atualmente o ranking mais citado com relação a avaliação de cidades inteligentes é o “Ranking Connected Smart Cities”. Com uma pontuação máxima de 69,5 pontos, a medição analisa o nível de desenvolvimento de 174 cidades em 80 países a partir de parâmetros como: capital humano (capacidade de cultivar, desenvolver e atrair talentos), coesão social (consenso entre os diversos grupos de uma cidade), economia, meio ambiente, governança, planejamento urbano, alcance internacional, tecnologia e mobilidade e transporte (categoria que integra a facilidade de movimento e o acesso a serviços públicos). Nos primeiros lugares deste ranking estão posicionadas cidades como 1º Londres (Reino Unido), 2º Nova York (Estados Unidos), 3º Amsterdã (Holanda), 4º Paris (França), 5º Reykjavik (Islândia), 6º Tóquio (Japão), 7º Singapura, 8º Copenhague (Dinamarca), 9º Berlim (Alemanha) e 10º Viena (Áustria). Já as cidades brasileiras aparecem bem mais abaixo com 128º Rio de Janeiro, 130º Brasília, 132º São Paulo, 140º Curitiba e 146º Salvador. Não são tão claros, entanto, quais os critérios levados em conta, nem de que forma esses dados são levantados e analisados, o que reforça aquilo o ponto já levantado com relação a amplitude do conceito e possibilidade de torção do conceito de Cidade Inteligente.

Nesse sentido, como propõe Hiroki (2019) os rankings e outras ferramentas de análise das cidades não conseguem revelar uma cidade por completo. Eles promovem uma versão particular delas enquanto afirmam uma expressão particular de poder e conhecimento, visto que a maneira como os dados são apresentados e o que demonstram é um conjunto de considerações políticas, como as negociações técnicas que ocorreram em sua construção, sua divulgação e, também, sua interpretação.

Apesar de já no final da década de 90 a cidade de Singapura assumir o pioneirismo com relação a ampliação de tecnologias de comunicação para transformação urbana, é entre os anos de 2010 e 2015 que o termo *Smart City* passa a ser utilizado de forma mais categórica para delimitar horizontes do planejamento urbano. Embora inicialmente as TICs terem desempenhado um papel central para a consolidação do conceito de Cidade Inteligente, apoiada na ideia de uma cidade integrada com dispositivos de comunicação, monitoração e gerenciamento de *big data*, logo se fez notar a necessidade complementar de investimento em demais aspectos da cidade, tendendo para uma visão de conceito mais integrador e sistêmico, buscando analisar pontos cegos do conceito e sugerindo caminhos pelo qual seguir para se

desenvolver uma Cidade Inteligente, que, majoritariamente estaria associada a maior participação cidadã.

Vale destacar, com isso, que é possível observar uma diferença de fluxos propostos por diferentes modelos que se enquadram no conceito de cidades inteligentes. Na literatura sobre o tema, comumente são utilizados os termos *top-down* e ou *bottom-up*, derivados da área de gestão, utilizados para categorizar iniciativas de implementação de cidades inteligentes. O primeiro modelo, mais comum também ao primeiro período de empreendimentos de cidades inteligentes, define empreendimento com ações unilaterais que partem de instâncias maiores, enquanto o segundo, é atribuído a iniciativas que, partem de um cenário mais micro, como a partir de iniciativa popular. Veremos mais a seguir.

No âmbito nacional, Carta Brasileira para Cidades Inteligentes, publicada em 2020 pelo Ministério do Desenvolvimento Regional, em colaboração com o governo da Alemanha aponta que a desconexão entre as partes “cidades” e “inteligentes”, abriu espaço para as discussões ligadas às TICs crescerem, partindo da premissa de que uma Cidade Inteligente é uma cidade hiper conectada. No entanto, apesar de possuir dispositivos integrados e oferecer uma possibilidade de conexão aos cidadãos, essa tecnologia seria de fato utilizável e estaria acessível apenas à uma fatia pequena da população. Nesse sentido, é destacado na Carta os preceitos de Cidade Inteligente a partir de uma visão sistêmica, na qual define que:

Cidades Inteligentes são cidades comprometidas com o desenvolvimento urbano e a transformação digital sustentáveis, em seus aspectos econômico, ambiental e sociocultural, que atuam de forma planejada, inovadora, inclusiva e em rede, promovem o letramento digital, a governança e a gestão colaborativas e utilizam tecnologias para solucionar problemas concretos, criar oportunidades, oferecer serviços com eficiência, reduzir desigualdades, aumentar a resiliência e melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas, garantindo o uso seguro e responsável de dados e das tecnologias da informação e comunicação. (CARTA BRASILEIRA PARA CIDADES INTELIGENTES, 2020, p. 29)

No texto dessa Carta, defende-se que pessoas, coletivos e organizações devem fazer a transição de usuários passivos para agentes da transformação, tornando-se agentes conscientes e criadores das próprias realidades, no qual se pretende articular distintos agentes públicos e privados em torno dos objetivos propostos. O fato é que não faltam vislumbres, teorizações e críticas a respeito do que deveria ser ou não ser uma Cidade Inteligente a fim de interesses diversos, vejamos brevemente a seguir como o cenário se desenha na prática primeiro a nível Global e, depois, acercando-nos dos modelos com os quais serão trabalhados no restante deste trabalho.

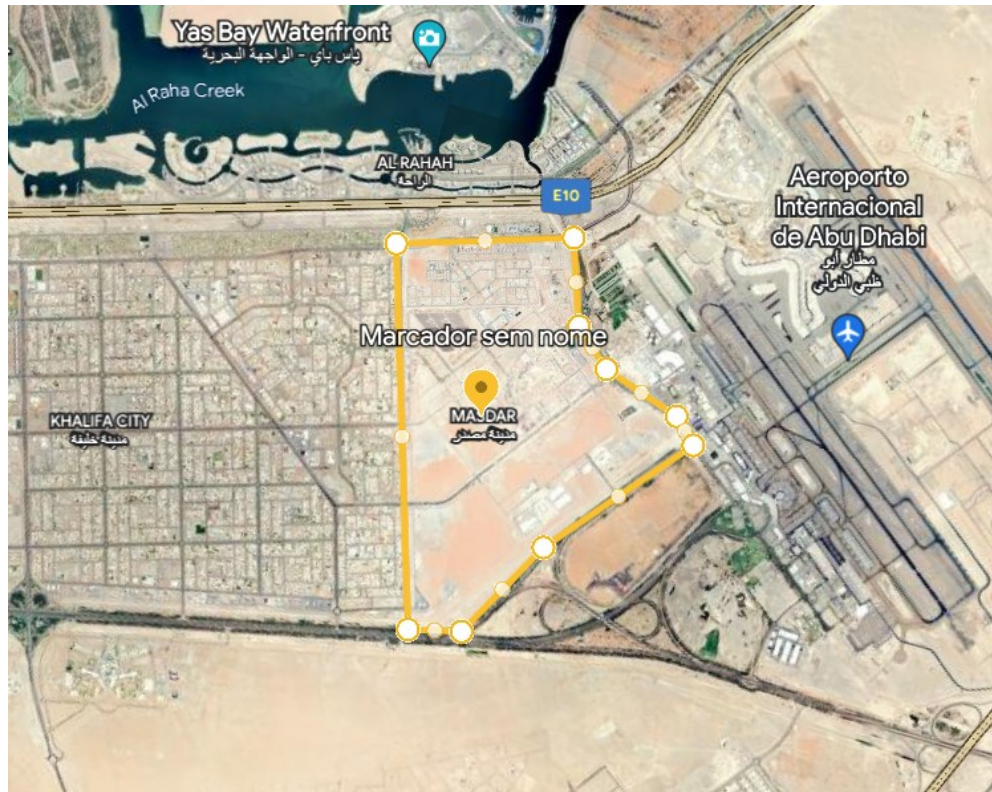
### 2.3.6 Cidades Inteligentes na prática

A preocupação com o adensamento populacional foi um dos propulsores do tema na Ásia, que tem como exemplos conhecidos de tentativas de implementação de cidades inteligentes, as cidades de Masdar, nos arredores de Abu Dhabi, na Arábia Saudita, e quase do outro lado do mundo, Songdo, na Coreia do Sul. Com caráter de experimento, ambas as “cidades” têm como característica em comum o fato de terem sido projetadas absolutamente do zero, impulsionadas por um grande emprego de capital privado no planejamento e execução de projetos a fim de atrair moradores e investidores que busquem cidades mais sustentáveis.



**Figura 8** Mapa com destaque para Masdar, no marcador à esquerda, e Songdo, no marcador à direita. **Fonte:** Google Maps, 2023.

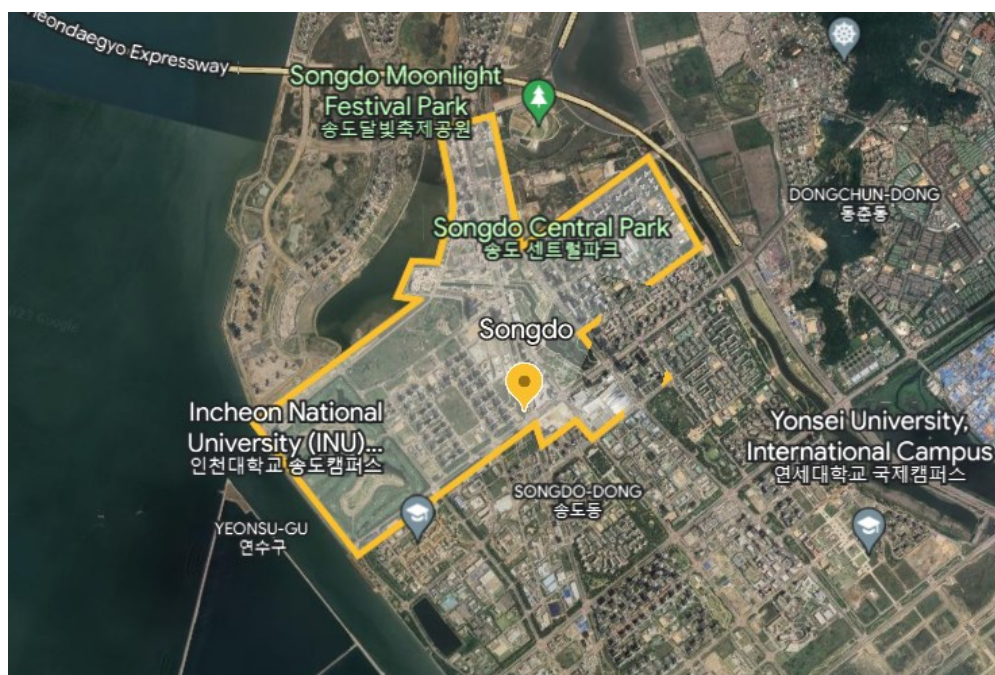
A cidade de Masdar, é uma significativa representante do fenômeno das Smart Cities. Projetada em 2007 para abrigar 50 mil habitantes de maneira autossuficiente e ter pegada-zero de carbono, tem como uma das características fundamentais do seu design a ausência de carros, que permitiria ruas mais estreitas e, portanto, mais frescas e sombreadas. Os deslocamentos foram dimensionados para ocorrerem a pé, sendo projetada como uma cidade compacta e caminhável. Além disso, a energia viria inteiramente de fontes renováveis e as construções seriam a base de novos materiais e tecnologias construtivas resgatadas das antigas cidades árabes.



**Figura 9** Foto de satélite com a cidade de Masdar, destaques da autora. **Fonte:** Google Earth, imagens de 2023.

Nos primeiros anos, entre 2007 e 2013, o projeto repercutiu com destaque global como uma promissora iniciativa no campo da sustentabilidade. A previsão inicial era de que 50 mil pessoas estariam vivendo ali rodeadas de 1.500 empresas em cerca de uma década, porém, uma década depois, possuía apenas 5% de área construída e 300 residentes, com uma densidade populacional de 50 habitantes por km<sup>2</sup>.

Já a cidade de Songdo, Songdo International Business District, é um bairro que foi construído com o custo de 40 bilhões de dólares em uma parte aterrada ao mar. Com sistemas de tráfego completamente automatizados, coleta de lixo via tubos pneumáticos e habitações dotadas de painéis digitais que mostram o consumo de água e energia, foi proposta como uma cidade sustentável. Assim como Masdar, Songdo enfrenta dificuldades para cumprir com as promessas do projeto original. A cidade e seus arredores constam apenas com metade da ocupação planejada.



**Figura 10** Foto de satélite com a cidade de Songdo, destaques da autora. **Fonte:** Google Earth, 2018.

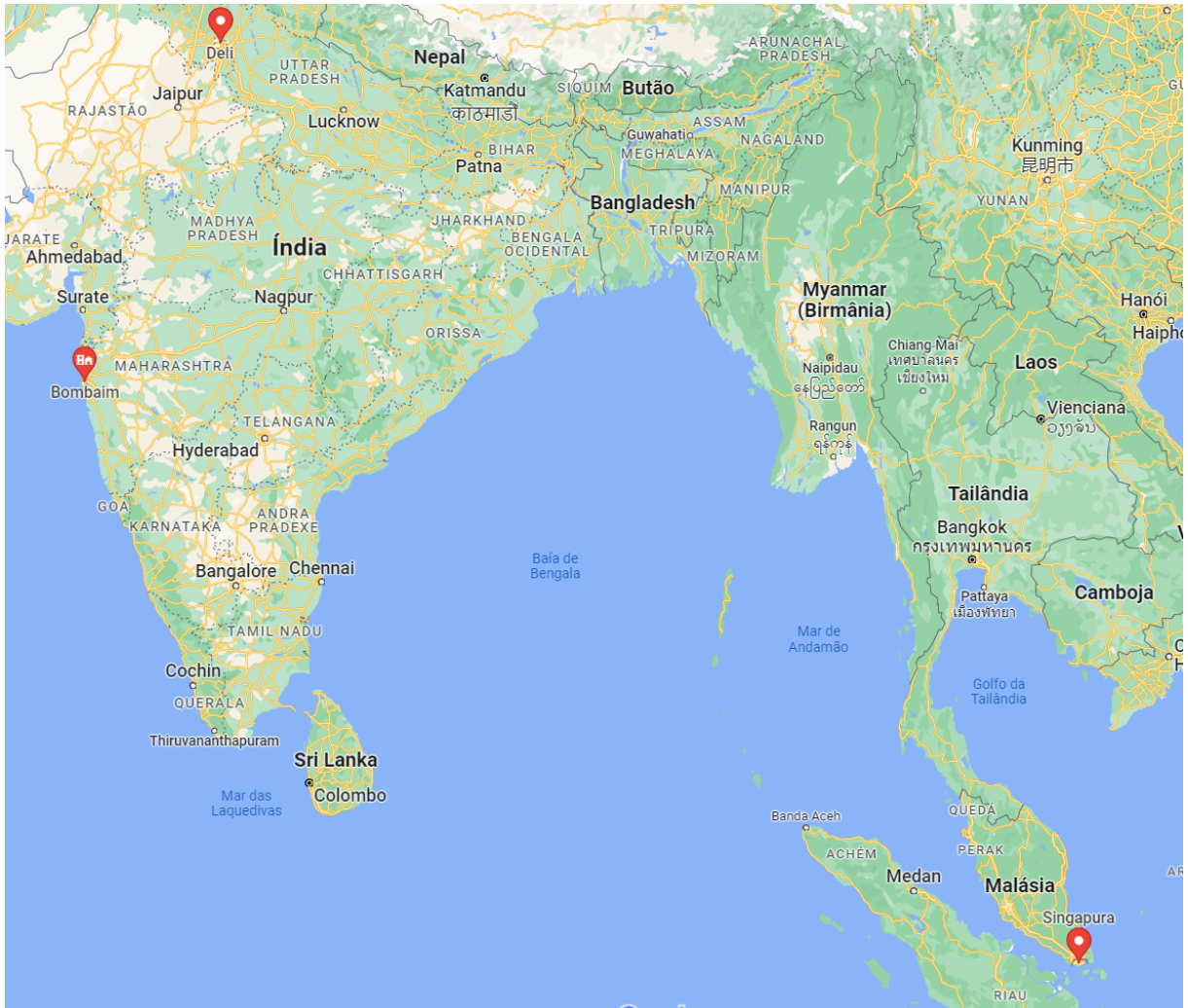
Marcado pelo lançamento da campanha da empresa IBM por um planeta mais inteligente, a partir de 2008 foram aplicadas algumas alterações nos modelos de cidade inteligente, não mais focados na tentativa de construir uma cidade a partir do chão, como Songdo e Masdar, mas agora focados em ver serviços e produtor a fim de otimizar cidades já operantes, visto que estas foram identificadas como um grande mercado a ser explorado (TOWNSEND, 2013).

The smarter cities campaign, [...] has been designed to provide the company's strategy and services with a global visibility. It makes abundant use of video testimonies, pedagogical diagrams and case studies from around the world as its targets are not technological experts but an audience on the management level (municipalities, security, communication or transport companies) which, if convinced by the argument, is able to decide on the implementation of 'smart' urban technologies. (SÖDERSTRÖM; PAASCHE; KLAUSER, 2014, p. 312)

A lucratividade das empresas de IT começa a se basear principalmente na colaboração entre os objetivos dos administradores urbanos, das administrações municipais e das entidades governamentais em se posicionarem como cidades inteligentes, e na habilidade de investir na aquisição de serviços de tecnologia da informação.

Cidades como Singapura, cidade-Estado na ponta sul da península Malaia, e Deli e Bombaim, na Índia, são exemplos de cidades em pleno funcionamento que, a partir de

iniciativas governamentais, apoiadas por investimento privados, passam a implementar projetos a fim de transformar as cidades em polos de sustentabilidade e inovação.



**Figura 11** Mapa destacando as cidades mencionadas de Bombaim, Deli e Singapura. Marcações da autora.  
**Fonte:** Google Maps, 2023.

No âmbito nacional, é possível observar o caso da cidade do Rio de Janeiro, que, ao ter sido escolhida como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, sofreu diversas ações de requalificação urbana, entre elas a instauração do projeto do Centro de Operações (COR) a partir de implementações de tecnologias oferecidas pela empresa IBM, que, por sua vez, foi uma condição imposta pelo Comitê Olímpico Internacional para a realização do evento na cidade. Inaugurado no final de 2010, o COR é um espaço de monitoramento em tempo integral da cidade, que visa identificar ocorrências de circulação e trânsito, de segurança e naturais (como deslizamentos e chuvas fortes). De acordo com o site institucional, o COR reúne mais de 400

profissionais de diferentes instituições, órgãos públicos e concessionárias (Polícia, Corpo de Bombeiros, Prefeitura, Secretaria de Trânsito, etc.) que fazem o monitoramento a partir de câmeras e dispositivos de controle espalhados pela cidade. Em uma tela de 80 metros, são transmitidas imagens ao vivo de mais de 500 câmeras posicionadas na cidade, permitindo a observação de eventos meteorológicos, tráfego e ocorrências policiais. O COR possui ainda um ambiente denominado como “sala de crise” para a interação dos responsáveis técnicos com o prefeito e a estratégica tomada de decisões. A esse grupo cabe a parte ativa das operações necessárias ao funcionamento “normal” da cidade.

IBM's urban theory rests on two main assumptions. First, the city is based on three main pillars:<sup>12</sup> planning and management services; infrastructure services; and human services. Each of these pillars is sub-divided into three sub-pillars: 'Planning and management services' into public safety, smarter buildings and urban planning, government and agency administration; 'Infrastructure services' into energy and water, environment and transportation; 'Human services' into social programs, health care and education. The sum of these nine pillars makes 'the city'. Ideally, all nine systems would be monitored and regulated in IBM's 'Intelligent Operations Center', the 'central nerve system' of the city, first experienced in the city of Rio de Janeiro. The city is thus seen from the point of view of a municipality: these pillars redefine the main administrative divisions of most cities around the world. (SÖDERSTRÖM; PAASCHE; KLAUSER, 2014, p. 312)

Como propõem (SÖDERSTRÖM; PAASCHE; KLAUSER, 2014) a campanha por um planeta mais inteligente, da IBM, baseia-se em um modelo causa-solução que busca apreender a cidade e encaixá-la em uma abordagem sistêmica, como uma linguagem unitária. Visto que o intuito é a escalabilidade do modelo, a cidade, ela mesma, precisa ser apreendida e controlada em termos de conceitos, para assim ser inserida em uma narrativa universal em que essa “cidade” possa estabelecer relação com qualquer outra cidade no contexto globalizado.

Sendo assim, uma solução pode ser transformada em uma narrativa que visa o convencimento da sua necessidade. Uma vez definida dessa maneira, a cidade pode ser incorporada em uma narrativa maior sobre o passado, presente e futuro da cidade. Essa narrativa, como veremos agora com mais detalhes, é utópica, uma única voz propondo, por meio de uma narrativa que distingue entre um passado corrompido e um futuro perfeito e imutável, um modelo ideal e universalmente válido de sociedade constituído por uma forma espacial racional.

Quando uma cidade está considerando investir em tecnologias inteligentes, a segurança pública é frequentemente um dos principais motivos para a implementação de uma determinada iniciativa. A possibilidade de vigilância permanente dos cidadãos por meio do uso de tecnologia inteligente que coleta e integra grandes quantidades de dados ajuda a garantir uma melhor

proteção contra os perigos da criminalidade e da desordem. A cidade inteligente, em outras palavras, promete ser uma cidade segura, e uma cidade segura é uma cidade que vale a pena investir. No que se segue, voltamos nossa atenção precisamente para essa promessa da cidade inteligente como uma cidade segura e para as formas como essa promessa tem sido concretizada.



### 3 VIVER ALÉM DE MORAR

Para além da narrativa comercial, a idealização da cidade como uma possibilidade de convivência harmônica, justa e ativa entre as pessoas, como visto no capítulo anterior, não é novidade. O acelerado século XIX retoma com força a elaboração de cidades ideais, agora permeada pelas contradições do novo sistema de classes e pela tecnologia. Os já citados Falanstérios, as Cidades Industriais, Cidades Jardins, entre dezenas de outras (CHOAY, 1979), jogam luz, sob distintas perspectivas, aos graves problemas da chamada cidade industrial e seu corolário de transformações e desigualdades concentradas nas velhas ou recém-criadas cidades.

A aspiração a uma sociedade harmoniosa pode ser verificada desde os filósofos gregos do século VI. É, no entanto, no século XVI, que a palavra “utopia” propriamente dita vai tornar-se título de gênero literário. Jerzy Szachi (1972, p. 13) *apud* Lage (2019, p. 3) afirma que “[a utopia] nasce quando na consciência surge uma ruptura entre o que é, e o que deveria ser; entre o mundo que é, e o mundo que pode ser pensado”.

É a partir do século XVII que as iniciativas de planejamento urbanístico começam a se afastar do dogma religioso, passando a valorizar o homem e seus atributos de liberdade e razão. Nesses casos, como pontua Lage (2019), ao demonstrar o bem-estar possível a partir de uma organização espacial cartesiana, fruto da razão humana, “[...] O espaço físico não só faria parte da sociedade ideal, mas participaria da sua construção e manutenção” (p. 03). Já no século XVIII, o movimento iluminista marca a consolidação de explicações positivistas, trazendo um novo entendimento da relação homem-natureza, no qual elementos da natureza surgem como ponto de partida para o desenho da cidade e dos edifícios.

Choay (1979), recorta o que vem a chamar de pré-urbanismo para fazer referência aos movimentos de observação e reflexão sobre os espaços urbanos cujas propostas e reflexões foram trazidas pelo que chamou de generalistas. Sendo o especialista consolidado como arquiteto, os generalistas, segundo o autor, seriam profissionais tais como historiadores, economistas ou políticos os quais não haveriam dissociado os espaços físicos da estrutura sociopolítica das cidades e descrevem modelos ideais de organização física e social.

Quando a autora (*ibidem*) *apud* Castells (2001) analisa as propostas do pré-urbanismo, identifica que estas propostas se direcionam em dois tipos de projeções de imagens da cidade futura, aquilo que chama de “modelos”. Os modelos “culturalistas” e “progressistas”, apesar de terem em comum uma visão utópica da realidade, diferenciam-se no que reivindicam como modo de vida a ser implementado nas cidades (CASTELLS, 2001, p. 41).

Enquanto os modelos culturalistas, a partir das críticas à cidade industrial, voltam-se ao passado e tomam como referência as cidades e o modo de vida medievais, os modelos progressistas orientam-se para o futuro, embasados pela ideia de progresso. Estes [modelos progressistas] [...] acreditavam que a razão, a ciência e a técnica possibilitariam resolver os problemas dos homens em sua relação com o meio e entre si. (LAGE, 2019, p. 5)

Enquanto os culturalistas lamentam a perda da unidade orgânica da cidade, os modelos progressistas buscam um futuro otimizado. Estes últimos partindo do pressuposto de que o modelo funcional de eficiência máxima, projetado a partir de uma análise racional, poderiam ser aplicadas a qualquer agrupamento humano, independentemente do tempo e lugar. Ou seja, os modelos progressistas almejavam a determinação de uma ordem-tipo embasados nas ideias iluministas de essência e origem humana única, nas quais o progresso representa uma linha cronológica geral para toda humanidade como um ideal uniforme a ser alcançado.

Já nos meados do século XX, o arquiteto franco-suíço Le Corbusier, destaca-se como representantes da corrente da utopia modernista. Herdeiro do pensamento progressista, acreditava no progresso tecnocientífico e industrial, e compartilhava da concepção de uma ordem-tipo para alcançar a eficiência moderna. Como resposta aos modelos pós-liberalistas que se consolida no mundo ocidental no século XIX, o modelo idealizado por Le Corbusier prioriza o bem-estar e a saúde do homem acima dos interesses ou lucro de um grupo particular, sendo a habitação a função primária a partir da qual se devem planejar as outras.

Se no caso das utopias o que se busca é um modelo ideal a partir de descontentamentos com o plano vivenciado, pode-se considerar esses modelos como a concepção de sonhos. Independentemente de basearem-se em aspirações de um futuro de progresso ou em lamentações da unidade orgânica que se perdeu, têm em comum a tentativa de implementação de um desenho planejado no papel, e por isso estático, para a dinâmica e fluidez do habitar.

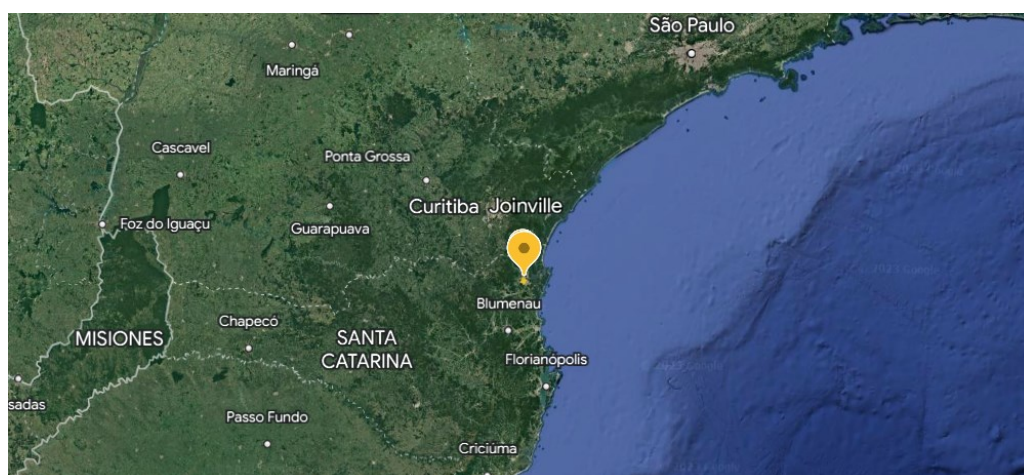
A eficiência econômica da arquitetura moderna veio a calhar ao mercado imobiliário após ao final da Segunda Guerra Mundial, quando se passou a experimentar um acelerado crescimento e industrialização das cidades. Além das implicações físicas das concepções utopistas no planejamento urbano, temos visto que, por vezes, incorporadoras imobiliárias utilizam-se também dessas narrativas de um futuro melhor para fabricar seu conceito de espaço ideal para o consumidor. O fenômeno das smart cities podem muito bem serem vistos a partir dessa perspectiva.

Histórias contemporâneas das smart cities são [...] exemplos perfeitos de storytelling corporativo: despidas de toda política e de vozes de contestação, essas narrativas celebram a marcha inexorável do progresso e da inovação, bastante acelerada pelo engenho e pela inventividade do setor privado. Desse modo, as smart cities são invariavelmente apresentadas como o apogeu lógico da tecnologia das cidades – e da evolução guiada pela informação, cujo crescimento e ubiquidade são detidos apenas pelos limites de inventividade de cada civilização, e não por fatores externos políticos ou econômicos. (MOROZOV; BRIA, 2020, pp. 24-25)

Entendendo o fenômeno de *Smart City* como algo não tão distante daquilo que já vimos no capítulo anterior a respeito de outras iniciativas, principalmente modernistas, e o seu movimento sucessor, o Novo Urbanismo, de construir uma moradia ideal, é importante destacar um fator adicional, que é o acelerado crescimento do mercado imobiliário. Vejamos a seguir, a partir da pesquisa de campo realizada, um pouco de como são construídas essas narrativas no caso do empreendimento *Smart City Laguna* na empresa Planet, bem como como elas são retroalimentadas e/ou desconstruídas no imaginário dos moradores locais.

### 3.1 APROXIMAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Conforme apresentado no primeiro capítulo, o *insight* para mudança da temática de pesquisa para trabalhar com cidades inteligentes foi a partir da proposta de um projeto a ser implementado na cidade de Joinville, Santa Catarina.



**Figura 12** Imagem de satélite da região sul e sudeste do Brasil, com destaque na cidade de Joinville, Santa Catarina. Marcação da autora. **Fonte:** Google Earth, imagem de 2023.

Lançado em 2020, o projeto de uma cidade-bairro inteligente em Joinville teria como proposta a transformação do complexo da sede e recreativa da empresa Tigre em um loteamento

de 250 mil metros quadrados, aproveitando já toda a estrutura de lazer já existente. O bairro inteligente Cidade das Águas, tal como tem sido anunciado em diferentes canais de comunicação desde o início de 2021, aportará edifícios residenciais, espaços para empresas, comércio, serviços e lazer, amparados por tecnologias de gestão urbanística, com o objetivo que se tenha acesso a tudo que se possa necessitar no próprio bairro.



**Figura 13** Imagem de satélite da região centro-sul de Joinville, com destaque para o terreno onde estará localizado o empreendimento Cidade das Águas. Destaque da autora. **Fonte:** Google Earth, imagem de 2023.

Por se tratar de uma recreativa com várias quadras de esportes, quiosques, e restaurantes, era-me comum, durante a adolescência, a reunião entre amigos no local para confraternizar, principalmente pelo fato de que sempre foi possível circular no espaço sem pagar nenhuma taxa – exceto para utilização das quadras e quiosques no caso de haver reservas prévias para eventos. Por conta de que o lugar no qual o projeto será executado, possui, para mim, essa conotação importante de lazer, comecei a buscar meios para me manter informada sobre o andamento desse empreendimento que alteraria um local bastante familiar.

Naquele momento, não exatamente estava de perto e de dentro, nos termos de Magnani (2002), visto a impossibilidade de estabelecer contato mais próximo com interlocutores no auge da pandemia, não apenas por conta de restrições sanitárias, mas também porque muitas das atividades estavam suspensas, à exemplo de palestras que foram adiadas. Tão pouco estava completamente de fora e de longe (idem, ibidem), levando em consideração a familiaridade e proximidade que possuía com o lugar. Nessa posição flutuante enquanto pesquisadora, encontrei em campanhas publicitárias e entrevistas as principais fontes para seguir pesquisando

a respeito do andamento do projeto, a fim de entender em que princípios estava fundamentado e a que demanda visava atender. Foi através de notícias nos jornais locais e vídeos na plataforma do YouTube que fui conseguindo juntar informações mais concretas e identificar atores importantes nessa trama, tal qual o atual diretor do projeto, que em uma entrevista publica no YouTube se manifesta da seguinte maneira a respeito do projeto:

O Cidade das Águas é um bairro voltado pra aplicar em Joinville o que tem que mais moderno no novo urbanismo. O novo urbanismo nada mais é do que o velho e bom urbanismo feito do jeito certo. A gente tem prioridade pra pessoas, o uso do térreo das edificações como faixada ativa e um espaço urbano para qualquer Joinvilense, sendo ou não morador do Cidade das Águas. Um espaço urbano de bom gosto, que faça com que as pessoas tenham prazer em caminhar na rua e permanecer nesse espaço. Gerando um estímulo saudável, que faça as pessoas se encontrarem, se conhecerem e se conectarem. (CONTI, 2022)

Tudo isso no bairro Atiradores, em Joinville, onde a média do metro quadrado é de quase 7 mil reais e é predominantemente habitado por pessoas de classe média alta. A projeção que se faz é que o local abrigará cerca de 10 mil moradores quando concluídas as obras. Ainda, nessa mesma entrevista, Conti afirma:

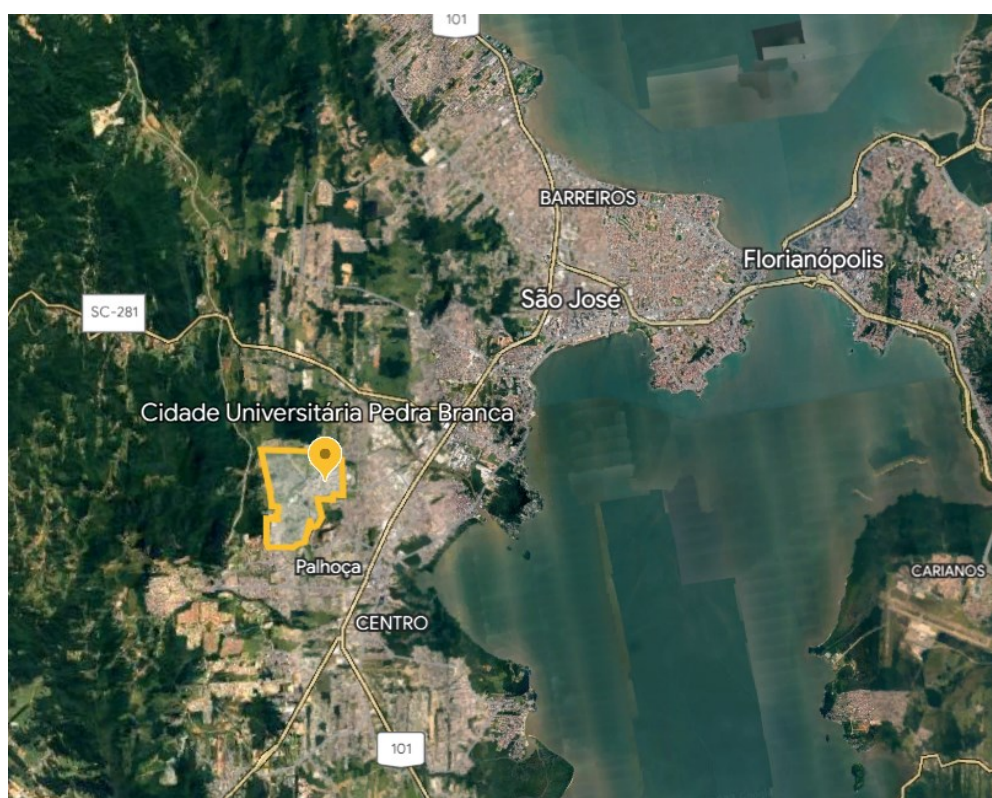
O que a gente quer oferecer não é só moradia, como o que seria um condomínio fechado, a gente quer oportunizar que as pessoas possam morar, trabalhar, estudar e, também, se divertir a distância de uma caminhada. Significa dizer que no térreo dessas edificações vão servir à população para suas atividades essenciais. Esse térreo ele vai ter farmácia, padaria, supermercado, manicure, chaveiro, banco. (CONTI, 2022).

Falas como essas me fizeram questionar, bastante intrigada, o que então haveria de tão inovador assim nesse “bairro inteligente” que já não seria semelhante ao que já existe hoje no bairro central de Joinville, um centro urbano com 26 imóveis tombados (HARGER, 2013) como patrimônio histórico, mas que se passam despercebidos quando se olha para somente para o andar térreo, com as faixadas tomadas pelo comércio, bancos e prestação de serviços, onde tudo é possível de ser feito “a distância de uma caminhada”. Uma questão que é possível de ser levantada reflexivamente com relação a muitos outros centros urbanos.

O que se propõe, então, “no que tem de mais moderno no novo urbanismo”, conforme o Diretor da Cidade das Águas, nessas palavras afirma, para diferenciar o projeto de um outro centro urbano qualquer? Vimos no segundo capítulo, em uma revisitação da trajetória de como se consolida o conceito de cidade, bem como na evolução da discussão envolvendo arquitetos e urbanistas a respeito do projeto de uma cidade ideal, que as discussões são constantemente

atualizadas com novos termos e conceitos, propondo uma inovação para se postular no mercado, mas seguem pautadas em preceitos bastante difundidos.

À época, o projeto Cidade das Águas estava em uma fase bastante incipiente, com poucas informações disponíveis, mas o que era divulgado que chamou particular atenção foi o fato de o projeto contar, nas palavras dos anunciantes, com a “tecnologia Pedra Branca” a partir de uma parceria comercial com os responsáveis pela implementação da Cidade Universitária Pedra Branca, situada em Palhoça, Santa Catarina.



**Figura 14** Imagem de satélite da região sul do estado de Santa Catarina, com destaque para a área do projeto da Cidade Universitária Pedra Branca, em Palhoça. Destaque da autora. **Fonte:** Google Earth, imagem de 2023.

O loteamento Pedra Branca iniciou sua história no final da década de 1990 quando se planejou a transformação de uma fazenda família em um bairro que teve como âncora a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Com um total de 2.300 lotes em uma área de 250 hectares, o empreendimento foi pensado para 40.000 moradores e, atualmente, o valor do metro quadrado dos apartamentos varia entre 5 e 10 mil reais. O “bairro-cidade”, como chamado, foi projetado para que as distâncias entre as moradias, comércio, serviços, lazer, trabalho e educação fossem acessíveis para serem percorridas a pé ou de bicicleta.

De acordo com o site oficial do empreendimento, atualmente a Pedra Branca possui certa de 5 mil habitantes. Já no caso do bairro Cidade das Águas, seu lançamento foi anunciado no final de 2019 e seu projeto foi apresentado para avaliação da comunidade em início de 2020 e tem previsão para o início das obras em 2023. Apesar de algumas referências mencionarem a Pedra Branca como um exemplo de Cidade Inteligente, o empreendimento se autoproclamou, na verdade, como cidade criativa. A partir desses dados, percebe-se que ambos os modelos, na Pedra Branca e em Joinville, apesar de possuírem proporções espaciais diferentes, assemelham-se bastante com relação a quem são direcionados – um público-alvo com um alto poder aquisitivo. Ainda que a Pedra Branca não se autodenomine como “inteligente”, possui características de ideais bastante semelhantes à Cidade das Águas, ambos projetos baseados no Novo Urbanismo.

Toda semelhança no curso narrativo construído nas campanhas de marketing não era por acaso, a empresa contratada para realizar a campanha de marketing é a mesma em ambos os projetos. A estratégia de marketing utilizada pela empresa é chamada de place branding, que visa “buscar as vocações do lugar para fortalecê-lo”. Ainda que não haja uma tradução apropriada para compreender o significado para o português, é possível fazer uma aproximação à ideia de fabricação da marca do lugar, levando em conta tanto aspectos estéticos, quanto simbólicos.

Embora, conforme anunciado na introdução desse trabalho, eu tenha optado por tomar um rumo diferente na pesquisa, é de extrema importância a breve menção a esses dois projetos, pois foram eles que me forneceram os elementos bases a partir dos quais passo a olhar para a temática de cidades inteligentes e influenciaram fortemente no recorte que escolho dar para a pesquisa. Navegando à meia distância, procurando uma maneira de aprofundar a pesquisa a respeito de cidades inteligentes, àquela altura já foi possível fazer algumas observações sobre a natureza dos discursos empregados com um interesse em atribuir alguma característica especial aos projetos, algo “além da moradia”.

Flertando com as possibilidades e tentando apreender as nuances a respeito do se entende por Cidade Inteligente, principalmente dando um enfoque ao contexto nacional, vou navegando e me balizando pela temática, construindo meu objeto de pesquisa enquanto me permito ser afetada por ele. Após explorar alguns modelos considerados inteligentes no Brasil, ter lido a respeito de uma Carta Brasileira para Cidades Inteligentes, vi que a discussão acerca do que, afinal, é uma Cidade Inteligente, não está consolidada e por si só demanda atenção.

### 3.1.1 Smart City Laguna

Conforme aponta o arquiteto e urbanista Flávio Villaça (2001) um dos aspectos que diferencia o lote de outros tipos de mercadorias é o fato de que este não se desloca no espaço. Apenas um número limitado de lotes pode estar localizado, por exemplo, nas proximidades de empreendimentos, como no caso da Smart City Laguna, o distrito industrial e o Porto de Pecém, em São Gonçalo do Amarante, Ceará. No entanto, por conta de uma relação complexa com o conjunto da cidade, mesmo que a posição absoluta do lote, ou seja, suas coordenadas geográficas, não se modifique, sua posição relativa está sempre sujeita a profundas alterações.

Ainda que o loteamento esteja espacialmente estático, o conjunto de significados atribuídos ao empreendimento, por outro, circulam e produzem sentido nas plataformas *online*, como YouTube, utilizadas pela incorporadora Planet Smart City para chegarem até seus potenciais consumidores finais, investidores e futuros moradores. Cientes disso, o uso de estratégias publicitárias que enalteçam os supostos benefícios de se habitar em determinada região da cidade contribui para um crescimento do investimento em tal parte do tecido urbano.

De acordo com o urbanista Caio Esteves (2016), um dos parceiros em comum dos projetos de cidades inteligentes mencionados até aqui, o chamado *place branding* é uma abordagem de planejamento urbano que “identifica vocações, potencializa identidades e fortalece lugares, a partir do envolvimento das pessoas que vivem e utilizam os lugares”. Embora não exista uma tradução literal para o português, é possível fazer uma aproximação à ideia de fabricação da marca do lugar, levando em conta tanto aspectos estéticos quanto simbólicos. Somando atributos físicos, culturais e sociais de um lugar, o resultado desse processo de *place branding* seria a criação de uma marca-lugar com o intuito da promoção de uma singularidade de tal local, “possibilitando a atração de investimentos, talentos, visitantes e contribuição da melhora da qualidade de vida das pessoas” (ESTEVEES, 2016).

O lugar, como apresento a seguir, representa o conceitual e intangível, o contido, essencializado. E está aí o valor do “lugar” enquanto categoria a partir da qual se pensa o planejamento urbano, pois, como veremos, existe um esforço em transformar a cidade em um meio inteligível, visto que só assim é possível ordená-la.

Marc Augé (1992) entende que “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar” (p. 73). Para o autor, o conceito de lugar antropológico remete a um meio estável de inteligibilidade da vida social, o qual constitui um elemento de sentido para quem nele habita e contribui para a capacidade interpretativa dos seus



observadores. Por outro lado, conceitua os não-lugares principalmente enquanto locais de passagem, mas aos quais não se atribui nenhum tipo de particularidade. Do contrário, os não lugares seriam espaços que tendem à generalização de suas características, tais quais os exemplos bastante conhecidos de shoppings e aeroportos, que são facilmente reconhecidos, sejam eles em Hong Kong ou Florianópolis.

É importante destacar que o autor relativiza seu próprio conceito de não-lugares, afirmando que, embora eles sejam caracterizados pela ausência de identidade, significado e referência histórica, a sua existência está diretamente relacionada com os modos como os sujeitos se apropriam deles, sendo que o uso que se faz que caracteriza o lugar ou não-lugar. Essa definição em função do “uso que se faz” nos permite recuperar as considerações de Michel de Certeau (1994) acerca dos modos de fazer o espaço urbano.

Michel de Certeau (1994), no entanto, faz uma diferenciação de outro par de conceitos. Enquanto Augé (1992) trabalha com o binômio de lugar e não-lugar, Certeau (1998) busca diferenciar o espaço do lugar. Para este segundo autor, o lugar é um próprio, ordenado e estável, em suas palavras “uma configuração instantânea de posições” (p. 201). Já o espaço está relacionado aos movimentos que se desdobram a partir da configuração material. Como coloca, “o espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada” (p. 202). Nesse sentido, o espaço, para Certeau (1994), seria o lugar praticado.

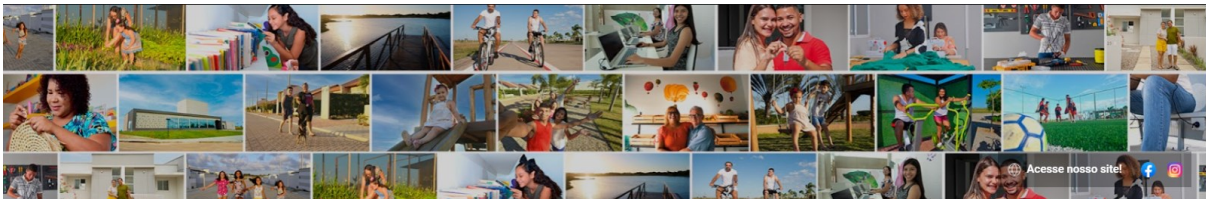
Como vemos, os conceitos de lugar e espaço dão abertura para diferentes interpretações. Apesar das divergências entre autores sobre o que se entende por um ou outro o que se destaca, a partir da leitura que faço, são duas questões: por um lado a busca comum de um conceito capaz de incorporar as práticas humanas em relação com o mundo material, com destaque ao urbano; e, por outro, a divergência entre fluidez e modularidade atribuídas a estes conceitos por cada autor.

Bem como coloca Augé (1992), categoria do lugar contribui para a interpretação e produção de sentido, tanto de seus habitantes como de seus observadores. O que se pretende com o *place branding*, nesse sentido, é a ressignificação ou criação de uma identidade do lugar a partir de campanhas publicitárias que gradativamente fazem a associação da cidade, nesse caso empreendimento, com elementos que representam a identidade com a qual se pretende realizar a associação. Através de narrativas orais, textuais e visuais, cria-se uma imagem essencializada, é o lugar de que falam Certeau (1994) e Augé (1992), essencializado, um meio estável de inteligibilidade da vida social, o qual constitui um elemento de sentido para quem nele habita e contribui para a capacidade interpretativa dos seus observadores. É a partir do momento que se torna apreensível que pode, também, ser transformado em um bem de consumo

com início, meio e fim.

No contexto da globalização, Appadurai (1986) destaca que o consumo não se restringe a uma única comunidade ou localidade. As práticas de consumo são influenciadas e moldadas por fluxos globais de mercadorias, imagens, ideias e informações. O ato de consumir envolve a seleção, a aquisição e a utilização de bens e serviços, mas também envolve a apropriação de significados e símbolos culturais. Ele argumenta, nesse sentido, que o valor dos bens e serviços não é apenas determinado pela sua utilidade ou pelo seu preço de mercado, mas também pelos significados culturais e simbólicos atribuídos a eles. Os objetos de consumo podem adquirir valor simbólico através de sua associação com certos estilos de vida, grupos sociais ou marcas de prestígio. Esses significados simbólicos muitas vezes são construídos e disseminados através da mídia e da publicidade. Nesse sentido, veremos a seguir como a estratégia de marketing utilizada pela incorporadora articula categorias globais para o contexto local.

### 3.2 NARRATIVAS INTELIGENTES



**Figura 15** Foto de capa do canal da Planet Smart City no YouTube. **Fonte:** <https://www.youtube.com/@PlanetSmartCityBrasilOficial>, acesso em julho de 2023.

Conforme já apresentado, o próprio conceito de *Smart City* possui suas controvérsias, divergências e confluências de significados. No caso da Smart City Laguna, o empreendimento foi projetado para ser considerada a primeira *Smart City* social do mundo e a estratégia narrativa empregada pela incorporadora vai de encontro com a ideia de “moradia acessível para todos”, tal qual a CEO da Planet Smart City coloca em uma das entrevistas disponível no canal da empresa no YouTube “a tecnologia é um meio”, mas “o fim são as pessoas”.

No canal do YouTube da incorporadora Planet Smart City, encontrei duas principais linhas argumentativas nos vídeos publicados. Uma delas focadas em elevar o empreendimento enquanto valor de investimento, exibindo etapas de construções em andamento ou concluídas com o intuito de promover certa garantia de concretização do projeto; e outra, que a princípio seria a de maior relevância para esta pesquisa, que tem como interesse a apropriação de

narrativas de moradores para a reafirmação tanto dos princípios institucionais da Planet Smart City quanto para ratificar a concepção de um lugar de moradia ideal para esses primeiros.

Fundada em 2015 pelos especialistas italianos no mercado imobiliário, Giovanni Savio e Susanna Marchionni, e presidida pelo físico e empresário Stefano Buono, a Planet Smart City tem uma visão clara: oferecer a todos a oportunidade de viver em um lar melhor, democratizando o acesso à habitação própria. Aqui em nosso canal, você pode acompanhar atualizações sobre nossos projetos, mais informações sobre as tecnologias que compõem as nossas cidades inteligentes, tecnológicas e inclusivas, além de depoimentos de moradores (PLANET<sup>16</sup>).

Como vemos, já na descrição no canal da incorporadora Planet voltado ao público do Brasil é possível identificar elementos que corroboram com tal observação feita a respeito das linhas argumentativas nos vídeos publicados pelo canal: demonstrar a idoneidade da empresa e reiterar o viés inteligente e social do empreendimento, ou seja, oferecer uma moradia num loteamento inteligente para pessoas de baixa renda.

Em particular, a incorporadora Planet Smart City tem desenvolvido algumas ações para demonstrar o viés social do seu empreendimento, como exemplo, o evento “A Tenda dos Sonhos da Planet Smart City”<sup>17</sup>, que ocorreu em fevereiro de 2019 nos cinco distritos de São Gonçalo do Amarante, Croatá, Pentecoste, Paraipaba e Paracuru. Essa ação consistiu em perguntar às pessoas qual seria a cidade de seus sonhos e as diversas pessoas que passavam pelo local onde se deu a ação poderiam desenhar e escrever em papéis aquilo que gostariam de ver representado. O discurso do sonho é utilizado em diversas iniciativas da incorporadora para buscar engajamento de possíveis compradores e moradores. Embora não tenha sido possível encontrar os resultados desta ação mencionada em particular, em outras publicações nas páginas do Facebook e YouTube da Planet Smart City a “casa própria”, “segurança”, “comunidade” e “bem viver” aparecem como prerrogativas basilares de sustento a este sonho que está sendo vendido.

Várias teorias do imaginário social têm procurado explicar a maneira como a imaginação figura na construção de instituições sociais centrais, representações e práticas. De acordo com Taylor (2004), o imaginário social refere-se às maneiras pelas quais as pessoas imaginam sua existência social, como se encaixam com os outros, suas expectativas e as noções normativas e imagens que subjazem a essas expectativas. Em outras palavras, o imaginário

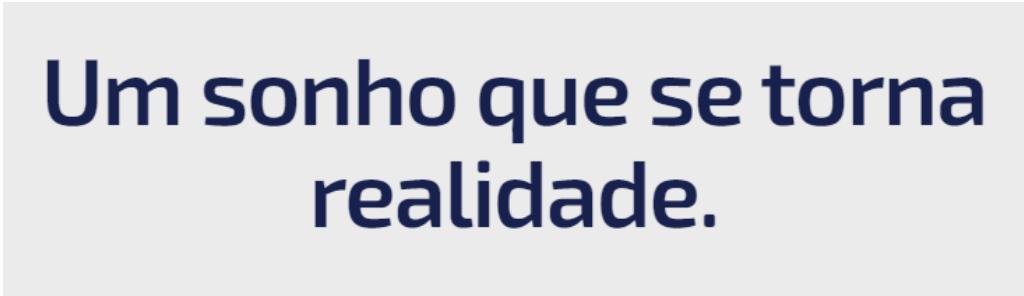
---

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/@PlanetSmartCityBrasilOficial/about>> Acesso em julho de 2023.

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/PlanetSmartCityLaguna/posts/2499831093423290>> Acesso em maio de 2021.

social é essa compreensão comum que torna possíveis práticas comuns e um senso amplamente compartilhado de legitimidade. Como tal, Taylor (2004, p. 92) fala de imaginário para enfatizar tudo o que é transmitido em imagens, histórias, e assim por diante, e que é uma compreensão em grande parte não estruturada e inarticulada de toda a nossa situação, que nunca pode ser expressa adequadamente na forma de doutrinas explícitas. Ele fala de imaginário social para enfatizar o tipo de imaginário compartilhado por grandes grupos de pessoas, se não, por toda a sociedade.

A cidade inteligente é montada e mantida por diferentes imaginários sociais, que são criados e mantidos por meio da produção, circulação e recepção de imagens e símbolos, ficções e representações. Esses imaginários são performativos no sentido de que produzem a realidade que buscam representar. Por exemplo, a noção de cidade inteligente é apresentada nos discursos dominantes como uma solução para todos os tipos de eventos catastróficos que as cidades enfrentam agora e enfrentarão no futuro, desde altas taxas de criminalidade até falhas democráticas e, também, a falta de moradia acessível, no caso da Smart City Laguna. De acordo com essa promessa, a cidade inteligente é apresentada como o modelo mais desejável para o desenvolvimento das cidades do futuro, onde a aplicação de soluções inteligentes resolverá todo tipo de questões regulatórias, de segurança e sociais.



Um sonho que se torna realidade.

**Figura 16** Frase de destaque recortado do site da Planet Smart City, endossando a proposta de moradia ideal e realização de um sonho. **Fonte:** <https://planetsmartcity.com.br/>, acesso em maio de 2023.

Em cada um desses vídeos publicados no canal do YouTube da incorporadora, na sua maioria com duração de 3 a 5 minutos, as cenas são intercaladas entre a câmera focada nos interlocutores dando seu relato incrível de como é morar ou ter investido na Smart City Laguna, com outras imagens ilustrando tal narrativa, tal como cenas de crianças brincando, praticando esportes e famílias caminhando juntas. Com falas sobre a importância da segurança, do planejamento urbano e da coesão comunitária, a trama principal é uma espécie de jogo de

convencimento, a fim de transformar o usuário da rede em um comprador do lote ou casa, seja para investimento ou moradia. E esse jogo de convencimento, se sustenta principalmente pela construção de um ideal de moradia a partir de narrativas extraídas dos próprios moradores. Esses conceitos, articulados em conjunto fazem referência a um estilo de vida (VELHO, 2003) mediado pelo mercado global (HALL, 2006). Como vimos na página 71, assim se constitui o que poderíamos chamar de essência do *place branding*, a partir da apropriação de categorias aplicadas localmente a fim de definir certo caráter do empreendimento, posicionando-se numa escala mais ampla no mercado.

No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. [...] Em certa medida, o que está sendo discutido é a tensão entre o "global" e o "local" na transformação das identidades. (HALL, 2006, p. 76)

A partir da coleta de dados realizada no canal do YouTube da incorporadora Planet Smart City, no qual, conforme relatei no primeiro capítulo, realizei uma raspagem dos comentários postados em todos os vídeos relacionados ao empreendimento. Totalizando 1677 comentários postados entre o início de 2020 e junho de 2023 foi possível extrair as palavras mais presentes nos comentários dos usuários que interagiram com os vídeos. Descartando algumas palavras que aparecem em maior destaque, mas que, por si só, não fornecem indícios de possíveis impressões desses usuários, como algumas preposições e interjeições, encontramos outras como “planejamento”, “segurança”, “social” e “sonho” que parecem estar conectadas e fazer relação com a linha narrativa mais ampla adotada pela incorporadora.



**Figura 16** Nuvem de palavras construída pela autora a partir do compilado de comentários do canal da Planet Smart City no YouTube.

A categoria do “sonho” se apresenta *status* máximo a ser alcançado pelo empreendimento, visto que esta, por sua vez, é sustentada por outros elementos que legitimam e reforçam a ideia de moradia do ideal ou “dos sonhos”. Não faltam reações maravilhadas e encantadas com a proposta apresentada pela incorporadora Planet, tanto pela possibilidade de aquisição da casa própria, quanto pelos atributos de planejamento urbano do empreendimento:

Data	Comentário	ID do vídeo no YouTube
20/11/2022	“Essa cidade é um sonhoooo 🥰🥰🥰🥰”	v-MsyBPtjfE
23/03/2019	“Isso parece um sonho galera! Muito bom!”	GIZ0fq3UrTU
04/06/2022	“Ando sonhando com esse lugar. 🥰🚫❤️”	yCD0DFyRb-I
04/06/2022	“Creio que seja o sonho de todo ser humano. Que DEUS abençoe 🙏🙏🙏”	xpOZbuBMJEA
31/10/2021	“Parabéns a iniciativa da Smartcity em trazer esperança e moradias de qualidade, o sonho virando realidade para muitas pessoas.”	agxDcJqfCII
12/07/2022	“Eu gostaria muito de realizar o meu sonho da minha casa própria, mas esse programa casa verde amarelo nem todos pobre pode conseguir pois quando era minha casa minha vida todos os pobres conseguiram a sua casa própria minha casa verde amarela pobre que ganha um salário e não consegue?”	JlyKYuXMCv4

23/01/2023	“Onde fica essa maravilha, é o meu sonho sair do aluguel”	1FHYTeLqwPU
26/05/2022	“...continuo sonhando com minha casa... sustentável!!!”	s8qvrOgYgYc
08/01/2021	Esse projeto smart city é maravilhoso! As casas são cada uma mais linda. Fiquei encantada com a decoração e com todo o projeto. Realmente um sonho. Adorei ouvir a Susanna!	TD7JAR66TQ8
13/04/2019	“Sonho de qlqr arquiteto!!!! Da pra brincar mto com esse projeto!!!! So de ver o vídeo já pensei em 3 ou 4 projetos facilmente adaptáveis para o lugar... Qnto mais auto sustentável melhor sempre”	UweNwAAh1N0
31/03/2021	“sonho do Urbanista tbm, algo inovador, um ambiente urbano agradável!”	UweNwAAh1N0

**Tabela 1:** Compilado com alguns comentários extraídos do canal da incorporadora Planet Smart City no YouTube com o filtro pela palavra “sonho”.

A partir desse compilado de comentários é possível inferir que a categoria de “sonho” atribuída ao empreendimento é sustentado tanto pela questão do planejamento urbano e pela infraestrutura oferecida – associada na escala macro aos discursos de cidade inteligente -, quanto pela questão de realização da compra da casa própria para pessoas de baixa renda, que é tratado como um aspecto secundário nas narrativas oficiais, encaixado em um conceito mais ambíguo, como já vimos, o social. Ao entrevistar diferentes moradores da Smart City Laguna pude constatar, na realidade, que o sonho da casa própria é a principal motivação para compra de uma casa no loteamento. Como coloca uma de minhas interlocutoras ao ser questionada o que a fizera optar pela Smart City Laguna:

A gente já tinha feito algumas simulações pela caixa, lá em Paracuru, que era a cidade que a gente morava antes, só que pelos valores das entradas não tinha como no momento a gente comprar a nossa casa, porque a gente não tinha valores tão altos. Os menores valores eram 12 mil, 15 mil, e aqui surgiu essa oportunidade e a gente veio conhecer e uma das coisas que fez com que a gente decidisse é porque é zero de entrada, então é muito acessível. Se você tiver o nome limpo e uma renda mínima já dá certo. [...] A questão de zero de entrada, isso atraiu muito, e também realizar o sonho da casa própria. (Relato oral, 2023)

A ideia de sonho, também, aproxima-se com o conceito de imaginação, de imaginar futuros possíveis. No quesito de tecnologia, a incorporadora Planet fala a respeito de sensores que permitem o controle de consumo de água, luz; fala-se com destaque a possibilidade de realizar o monitoramento remoto da casa e, também, de todas as áreas comuns do loteamento em conjunto com as imagens de câmeras; fala-se do diferencial de uma cidade planejada, com

vias largas, *cul-de-sacs*<sup>18</sup>, fala-se de uma cidade com biblioteca, cinema e cursos gratuitos. Nesse sentido o caráter futurista ou de refúgio para um futuro incerto é tema que aparece em diferentes comentários nos vídeos da incorporadora em resposta das propostas apresentadas para o empreendimento.

Data	Comentário	ID do vídeo no YouTube
04/03/2019	“Desenvolvimento total cidade futurista.”	90yuL9wXfgA
03/12/2020	“Parabens a Construtura 🙌🙌🙌 Smart City, tendência mundial! Vc deve se preparar e adquirir a sua, pq quem morar fora delas em um futuro ao qual nao sabemos, pode ser que seja complicado.”	vYqey-rqvDo
19/06/2023	“Impressionante, muito futurista.”	dL-RBzA0doQ
07/10/2021	“esse empreendimento é para quem pensa em um futuro próximo, ótimo para morar ou ter um retorno financeiro no futuro.”	agxDcJqfCII

**Tabela 2:** Compilado com alguns comentários extraídos do canal da incorporadora Planet Smart City no YouTube com o filtro pela palavra “futuro”

Sendo que, por outro lado, essas tecnologias do planejamento urbano, associada ao termo *smart*, que são os principais elementos destacados nas narrativas oficiais do empreendimento como garantia do seu caráter único, é trazida por outro interlocutor da seguinte forma:

A questão “Smart” em si é um projeto, ela está sendo implementada aos poucos. Se você chegar hoje na Smart City, ela é um bairro planejado, muito bem planejado, mas as coisas elas vão ser implementadas aos poucos. Hoje a gente não tem tanta é a alternativa inteligente, digamos assim, mas a gente tem aí a estrutura para receber no futuro. (Relato oral, 2023)

Como foi possível perceber no pequeno trecho extraído uma entrevista que realizei com um morador da Smart City Laguna, como ele mesmo coloca, a “questão Smart” ainda está em desenvolvimento, “é uma cidade planejada”. Já partindo do pressuposto de que o termo cidade inteligente ou *smart city* é apropriado e adequado ao contexto, procuro investigar, nas entrevistas que faço com diferentes moradores, como eles mesmos entendem o conceito de cidade inteligente, bem como essa percepção teria se alterado após terem se mudado para a

<sup>18</sup> Característica dos subúrbios anglófonos, o termo é utilizado com a função de designar "becos-sem-saída" e "ruas sem saída".



Smart City Laguna. Tendo identificado que se trata de um empreendimento voltado para o público de baixa renda que procura sair do aluguel para adquirir a casa própria, logo percebi que seus entendimentos do que seria uma cidade inteligente estaria bastante vinculada ao sentido que a própria incorporadora empregava em suas narrativas, visto que estes não possuíam familiaridade com o termo até conhecer o empreendimento Smart City Laguna.

Muitas vezes, questionando o que seria uma cidade inteligente, em primeiro momento obtive respostas que me soaram muito parecidas, quase que reproduções de conceitos apresentados em vídeos que eu já havia assistido antes no canal do YouTube da incorporadora. Não passando basicamente de uma listagem de elementos presentes no discurso da incorporadora, mas que, não necessariamente impactavam em suas experiências diárias. Mesmo para aqueles que já possuíam uma concepção prévia do que seria uma cidade inteligente anterior à sua mudança para a Smart City Laguna, é possível identificar uma influência bem presente da narrativa institucional em suas falas:

Quando me foi apresentado a ideia de cidade inteligente, né, isso meados de 2014, 2015, que um colega meu me apresentou, tinha muito a ver com sustentabilidade e com energias renováveis. Isso era a primeira coisa que vinha a minha cabeça. E aí lia-se assim como energia solar, energia eólica, coleta inteligente, esse tipo de coisa mais palpável, mais próximo do cidadão comum. **E como está essa percepção hoje pra ti?** Na verdade, ficou mais abrangente, eu vejo dessa forma. Antes eu pensava, eu me limitava a essas 2 coisas né (energias renováveis e sustentabilidade), mas hoje participando do comitê, sendo mais participativo na comunidade eu vejo que a proposta da Smart City tem muito a ver com as pessoas. No caso da Planet a proposta tem muito mais a ver com as pessoas do que com a infraestrutura. A infraestrutura ela é importante, ela é a base para você ter uma cidade inteligente, mas quem toma na cidade inteligentes são as pessoas que vêm para cá com esse propósito. (Relato oral, 2023)

Nesse sentido, Rosaldo (1989) destaca que as narrativas desempenham um papel fundamental na maneira como as pessoas compreendem a si mesmas, suas identidades e suas experiências. Ele argumenta que, por meio das histórias, as pessoas dão forma e compartilham suas percepções de mundo, transmitindo conhecimentos, valores e crenças. O autor também discute como as narrativas são influenciadas pelo contexto social e cultural em que são produzidas. Além disso, examina a relação entre as narrativas e a subjetividade, argumentando que as histórias individuais e coletivas são influenciadas pelas experiências e perspectivas dos narradores. Ele destaca que as narrativas não são apenas relatos objetivos dos eventos, mas também expressões pessoais e interpretativas que refletem a complexidade da vida e da cultura. Dessa forma, ainda que os elementos associados a tecnologias inteligentes, mesmo aquelas voltadas à vivência comunitária, que é o grande foco da Planet, não trouxessem um impacto

significativo no dia a dia de boa parte dos moradores, a identificação com o conceito de cidade inteligente não deixa de ser bastante desejado por eles.

Assim percebo ao fazer uma intervenção no relato de uma moradora, que ao listar entusiasmada tudo que o empreendimento Smart City Laguna oferece “[...] Aí tem um *Hub*<sup>19</sup> tem um cinema, tem uma biblioteca de livros e brinquedos, tem uma balança inteligente, que ela fala seu peso, sua altura, e para aferir a pressão. Ali do lado tem uma cozinha comunitária também. Aí tudo reserva pelo aplicativo Planet App que eu te falei.”, quando questiono a frequência com que a família utilizava esses espaços, ela me responde: “Aí é aquilo que eu te falei, é aqueles 20 minutos aqui de casa, a gente vai lá mais quando tem evento, e a cozinha compartilhada a gente nunca utilizou mesmo”. Ainda que para ela e para família dela, esses elementos não causem um impacto prático no cotidiano, ela também me afirma, quando questiono sobre o que os havia feito tomar a decisão de adquirir uma casa na Smart City Laguna, ela também me conta que, além do sonho de aquisição da casa própria, foi “[...] também por ser um empreendimento que, tipo ‘a primeira cidade inteligente do mundo’ então isso chama a atenção. A gente veio conhecer e ficou bem encantado, é bem diferente, a gente nunca tinha ouvido falar de algo parecido, principalmente aqui no Ceará”.

Nesse sentido, podemos nos aproximar do que Hall (2006) coloca:

A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de "nichos" de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como "substituindo" o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre "o global" e "o local". Este "local" não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identidades "globais" e novas identidades "locais". (HALL, 2006, pp. 76, 77).

Partindo do pressuposto de que as identidades representam vínculos a lugares, eventos símbolos e histórias particulares (HALL, 2006), a narrativa articulada pela incorporadora Planet, como vimos, tem o potencial de tanto engajar moradores de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento ao lugar, também é capaz de projetar o empreendimento no mercado global causando grande interesse de investidores e tornando possível melhores articulações com o poder municipal.

---

<sup>19</sup> Uma Hub significa um lugar que agrega vários produtos ou serviços ao mesmo tempo, gerando mais valor para clientes da empresa ou da marca.

### 3.2.1 O concebido e o praticado

Avançando um pouco mais na discussão, entendendo a cidade como produto social, Lefebvre, em sua obra *Direito à Cidade* (1991), opõe os conceitos de *espaço concebido* e *espaço vivido* para se aprofundar em aspectos teóricos da constituição da cidade e do urbano. Tal como propõe o autor (1974), o espaço concebido é aquele que diz respeito ao trabalho e ambições de planejadores, arquitetos e urbanistas, e demais entes dos setores público e privado interessados no planejamento da cidade. Já o espaço vivido seria aquilo que foge do contingente das estratégias de planejamento e diz respeito a confluência de saberes e fazeres no cotidiano da cidade. É uma oposição fundamental entre o conjunto de formas de viver o espaço urbanizado e a estruturação das territorialidades urbanas. Associa, com isso, o espaço vivido ao urbano e o espaço concebido à cidade. Aproximando-se teóricamente, também, Manuel Delgado (2007) propõe:

La ciudad es un sitio, una gran parcela en que se levanta una cantidad considerable de construcciones, encontramos desplegándose un conjunto complejo de infraestructuras y vive una población más bien numerosa, la mayoría de cuyos componentes no suelen conocerse entre sí. Lo urbano es otra cosa distinta. No es la ciudad, sino las prácticas que no dejan de recorrerla y de llenarla de recorridos; la “obra perpetua de los habitantes, a su vez móviles y movilizadas por y para esa obra”. (DELGADO, 2007, p. 11)

Em conjunto aos espaços concebido e espaço vivido, Lefebvre traz o que denomina como *representação do espaço*. Este terceiro, de acordo com o autor, estaria constantemente entrelaçado com os dois primeiros citados, já que a sua ambição seria a de impor-se sobre esses. A representação do espaço está correlacionada às relações de poder e de produção. Utilizando-se de técnicas e especialidades já bem postuladas, seria o espaço dos planejadores, dos urbanistas e políticos. É ou quer ser o espaço dominante consolidado mediante discursos de poder que visa melhor ordenação do espaço.

Os traçados dos projetos urbanísticos são concebidos como aquele aspecto do plano urbano que fixa a imagem mais duradoura e memorável de uma cidade, o esquema que resume sua forma, o sistema de hierarquias e pautas espaciais que determinará muitas de suas mudanças no futuro (DELGADO, 1999, p. 36). No entanto, a cidade não pode ser somente consequência de um processo de planejamento imposto a uma população passiva que se molda à gosto das concepções dos planejadores.

A rua, o bulevar, a avenida, a praça, a rede viária em geral, se convertem mais que num instrumento ao serviço das comunicações da cidade, num meio para o intercâmbio circulatório entre sítios. É, antes de tudo, o marco em que um universo polimórfico e inumerável desenvolve suas próprias teatralidades, sua desordem, o cenário irisado em que uma sociedade incalculável desenvolve uma expressividade muitas vezes espasmódica. Se proclama que existe uma forma urbana, resultado do planejamento politicamente determinado, mas em realidade se suspeita que o urbano, em si, não tem forma. (DELGADO, 1999, p. 181).

Em outras palavras, somente a existência de um plano urbanístico não significa que este será seguido, pois, muitas vezes são os próprios usuários da cidade os que criam seus próprios caminhos, atalhos e/ou desvios, reconfigurando de fato a dita forma urbana. Ao mesmo tempo, diante da realidade fragmentada do urbano, formada por diferenças que se intensificam e de acontecimentos imprevistos, há um constante esforço por estabelecer uma administração política da cidade que transforme esta urbanização em politização – culminando com um domínio do Estado sobre a confusão e os esquemas paradoxais que organizam a cidade.

Partindo de pressupostos diferentes, mas quase que contemporâneo<sup>20</sup> às reflexões de Lefebvre, Michel de Certeau (1994) busca, com um enfoque em questões de microescala, trazer maior protagonismo às práticas cotidianas capazes de subverter a ordem instaurada pelo poder. Para dar corpo à sua teoria social, o autor recorre às distinções entre “lugar” e “espaço” e entre “estratégias” e “práticas”. Enquanto lugar, o autor entende como a estabilidade do poder, também como:

[...] a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (CERTEAU, 1994, p.201).

Já mais atrelado às práticas cotidianas, para Certeau (1994), o espaço seria aquilo que dá vida aos lugares erguidos pela lei do próprio. Seguindo esta distinção teórica, as “táticas” são as ações utilizadas pelos cidadãos para burlar tentativas de planificação do urbano, as “estratégias” do poder. Para o autor não existe espaço sem lugar, ou seja, táticas sem estratégias, nem mesmo o movimento inverso. A vida cotidiana seria permeada por estes elementos de modo que táticas e estratégias podem se reconfigurar. Os sujeitos no cotidiano podem ora estar

---

<sup>20</sup> Apesar de publicada em 1980, a obra *A Invenção do Cotidiano* é fruto de um trabalho de pesquisa coletivo realizado entre 1974 e 1977.

estabelecidos em locais próprios na condição de estrategistas, ora realizando táticas nos espaços de transgressão.

Ainda que esta abordagem de Certeau traga muito mais agência aos cidadãos do que se vê em Lefebvre, o autor não deixa de desconsiderar que as estratégias e táticas são campos de forças desbalanceados. Para o Certeau (1994), as táticas não possuem capacidade de colocar em movimento um projeto global, atuando “golpe a golpe”, à mercê das oportunidades que vão surgindo. Diferentemente da estratégia, a tática é míope, realizando-se na distância do embate corpo a corpo, sendo determinada por uma ausência de poder.

Nesse sentido, para ambos os autores, ainda que adotem abordagens distintas para pensar a cidade, fica evidente o papel central que o poder exerce nas dinâmicas urbanas. A cidade de Lefebvre pode ser aproximada ao lugar de Certeau, bem como a representação do espaço se configura, também, como uma estratégia de consolidação do poder na cidade moderna. A cidade, a representação do espaço e o lugar encontram-se situados no campo da representação e da retórica alavancada pelo poder e pela mercadoria; já o espaço e o urbano situam-se no campo das práticas e fazeres mais vernaculares que, não necessariamente, levam em conta o estipulado ou previsto pelo poder hegemônico.

Sendo um pouco mais insistente e conforme criava um pouco mais de proximidade com interlocutores pude aprofundar um pouco mais nas problemáticas vivenciadas no cotidiano, sobretudo essa narrativa era um pouco diferente no caso de uma moradora, a única que entrevistei, que não fazia parte do Comitê de Moradores. Ela me coloca o seguinte:

Cidade inteligente pra mim seria o que eles anunciam e não cumprem. O ponto principal mesmo é a questão de segurança, porque eles dizem que é monitorado 24h, mas não tem isso aqui, não. Só na entrada e na saída, e a gente tem acesso a essas câmeras, mas são só essas lá bem no comecinho. Também cidade inteligente tem que suprir as necessidades da gente, né, na questão da saúde, alimento. Eu acho chato ter que me deslocar sempre até Croatá pra conseguir resolver as coisas. Quando a gente comprou aqui a gente não tinha carro ainda, e isso me preocupava muito, porque eu não sabia como ia ser minha vida, como que eu ia fazer com duas crianças, porque só da minha casa até a entrada são 20 minutos a pé, é uma caminhada. Agora imagina da minha casa até o Croatá. Graças a Deus, Deus providenciou um carro pra gente, porque eu não consigo imaginar morando aqui se não tivesse um carro, não gosto nem de imaginar. (Relato oral, 2023)

Começo a ter indícios então, que por mais que o termo cidade inteligente, ou ainda o título de “primeira cidade inteligente social do mundo”, tenha um peso bastante significativo na identificação do lugar nas narrativas oficiais do empreendimento e que, impactam, sem dúvidas na maneira como os próprios moradores formam sua imagem do local em que moram,

o público-alvo para qual o empreendimento está voltado para moradia imediata<sup>21</sup> parece associar, como vimos no trecho anterior, cidade inteligente às suas necessidades cotidianas.

Hoje o que a gente tem muito aqui é espaço aberto. A gente não tem muitas praças. As praças que a gente tem instaladas aqui, são praças muito bonitas, mas a gente até já falou com a gestora social sobre isso... Porque a cultura lá da Itália são esses parques que instalaram aqui, né. Nossa cultura aqui é Brasil de parque é parque com balança, escorrego, gangorra. Ai eles colocaram um pedaço de ferro assim pra se pendurar e pronto, pra eles é parque. (Relato oral, 2022)

O relato dessa moradora vai de encontro com que um corretor de imóveis que coordena um dos times de vendas de casas e lotes na Smart City Laguna, que tem contato direto com possíveis compradores me confidencia:

Hoje eles falam que tem mais de 50 *smart solutions*, né, soluções inteligentes. Eu falo pouco de solução inteligente porque isso não muda a vida do meu cliente. O que muda a vida do meu cliente são outras coisas que tem na smart city. A estrutura muda a vida do cliente. A segurança muda a vida do cliente. A facilidade de compra direto com a empresa, se for um lote, ou, se for uma casa, a compra direto com a caixa para as casas que são financiadas. (Relato oral, 2023)

Em sua página *online*, a Planet argumenta que "o objetivo é alcançar sustentabilidade, segurança e qualidade de vida" e que a vida das pessoas em cidades ou bairros inteligentes é "mais econômica comparada a bairros tradicionais, bem como mais sustentável e socialmente inclusiva.", e isso, como vimos é condensado em uma metodologia capaz de ser replicada em diferentes locais.

O grupo Planet que está atrás desse projeto, a Suzana Marccioni, foi o seguinte, eles escolheram países que tinham grande quantidade de moradores e que tinha baixa de qualidade de moradia. E nosso país é exemplo disso. Ai os países que ganharam foram China, Índia e Brasil, e eles optaram em começar pelo Brasil. A empresa começou na Itália, mas a sede hoje fica em Londres e eles fazem projetos pra loteamentos no mundo todo. A Planet tem um objetivo por trás que é mudar o estilo de moradia e loteamento aberto no Brasil e no mundo. Ela tem um objetivo e um lugar aonde ela quer chegar. **A metodologia é viver além de morar**, em todo loteamento eles aplicam a metodologia da empresa naquele local onde tem residências. (Relato oral, 2023)

Atualmente, visto que a Smart City Laguna não está próxima a um centro urbano já consolidado, o loteamento ainda é dependente da Planet como responsável pela manutenção

---

<sup>21</sup> Excluo dessa análise os compradores de lotes para investimento, para os quais o conceito de smart city parece ter mais impacto na decisão de compra, visto que seu interesse de valorização do imóvel também está atrelado à imagem que o empreendimento projeta.

física dos espaços comunitários, o que causa a maior dúvida com relação a sustentação da metodologia do loteamento e segurança a longo prazo, como vemos em alguns comentários:

Data	Comentário	ID do vídeo no YouTube
16/09/2022	“Tipo, não é um condomínio fechado?”	6DRI_Dkf_nM
26/09/2019	“SEM TAXA DE CONDOMÍNIO? GENTE”	BgSql4pVcsk
13/12/2019	“Quem administram estas Cidades?”	mhmXt0liK-w
15/04/2021	“Se não tem taxa de condomínio, como e quem faz a manutenção e administração do condomínio?”	vpwXE7-EIDA
02/10/2022	“A Smart City é fantástica, não há dúvida! Porém gostaria de saber o que está sendo fomentado fora dela para que ela não se torne uma ‘cidade fantasma’? Isso porque fica próxima à uma cidade bem pequena e relativamente longe dos pontos de interesse mais próximo (me refiro a quem trabalha em Fortaleza ou no porto por exemplo), não é uma distância que dá pra ficar indo e voltando todos os dias.”	eXcr-hZmxNO

**Tabela 3:** Compilado com alguns comentários extraídos do canal da incorporadora Planet Smart City no YouTube, apresentando alguns questionamentos e preocupação por parte de usuários acerca da manutenção do loteamento a longo prazo.

Nesse sentido, a estratégia que a incorporadora alega adotar foi realizar um grande investimento em espaços comunitários como solução para segurança, que ao ser questionada sobre o tópico em diferentes vídeos em seu canal ao longo de 2021, 2022 e 2023, tem a seguinte resposta padronizada:

Nas cidades inteligentes, a segurança é trabalhada de forma integrada para criar um ambiente seguro, sem a necessidade de muros. Algumas medidas para garantir a segurança incluem: videomonitoramento das áreas comuns disponível no aplicativo gratuito do bairro (Planet APP); segurança participativa por parte dos moradores; planejamento urbano inteligente (Mix funcional); e inclusão social, incluindo os moradores do entorno nas atividades da cidade. Visita nosso site para ver mais detalhes sobre a empresa e os projetos no Brasil. (PLANET)

A segurança participativa e a inclusão social são fundamentadas na ideia de setorização de espaços, que é colocado como um diferencial do empreendimento. O loteamento é dividido entre área residencial, comercial e empresarial, justificando que essa separação estimulará o trânsito local, mantendo a cidade sempre viva e, por isso, mais segura. Apesar de anunciado como uma inovação, a ideia, como visto no segundo capítulo, é bastante conhecida entre os urbanistas e criticada (HARVEY, 1997) pela presunção de que a forma espacial poderia

conformar o social.

Sabendo que a divisão espacial não seria suficiente para determinar práticas sociais, a incorporadora Planet tem investido no que chama de gestão comunitária, visando criar um sistema de liderança entre os moradores, para que estes tenham autonomia tanto para organizar ações internas e estimular a participação em comunidade, quanto para organizar demandas e cobrar ações do poder público. Ainda que hoje, como apresentado, a Planet se encarregue totalmente da manutenção dos espaços comunitários, esses, futuramente, serão cedidos para a prefeitura de São Gonçalo do Amarante, que por sua vez será a responsável por eles, o que justificaria a ausência de taxa de condomínio, como coloca o corretor que entrevistei:

Aí assim, primeiro que é um loteamento aberto, seria muito grande pra ser fechado, não teria nem como manter a questão de segurança, então procuraram outras alternativas que são os espaços compartilhados. Hoje a Planet arca com a manutenção, mas futuramente os espaços institucionais vão ser doados para prefeitura para eles instalarem um centro de convivência, que já um projeto da prefeitura, e a prefeitura que vai tomar conta quando a gente sair, a manutenção dos espaços públicos vai ficar por conta da prefeitura. (Relato oral, 2023)

Como visto previamente, o empreendimento, apesar de buscar associar-se estrategicamente à Fortaleza e a região portuária de Pecém, como coloca uma de minhas interlocutoras, na prática não acontece bem assim: “Apesar de São Gonçalo do Amarante ser numa região metropolitana, onde Laguna está, no Croatá, ele é considerado interior. [...] E se o Croatá já é interior, a planta de Laguna é ainda mais interior. Interior do interior”<sup>22</sup>. Nesse sentido, o distrito de Croatá, sede da Smart City Laguna, que possui cerca de apenas 17 mil habitantes, caso o empreendimento atinja sua meta de moradores, teria que estar preparado para ter sua população mais do que dobrada em apenas alguns anos. Ainda que atualmente a parcela dos habitantes de Croatá que moram na Smart City Laguna seja a minoria, cerca de 500 pessoas, de acordo com este corretor de imóveis da Planet com quem tive a oportunidade de conversar, boa parte daquilo que se promete em termos de infraestrutura para atender as necessidades práticas dos moradores, como segurança, coleta de lixo e demais, são colocados como responsabilidade do poder público local. Assim como aponta, também, um dos moradores integrantes do Comitê de Moradores:

A questão do lixo é um problema, porque apesar da Planet ter uma capacidade de ação muito grande aqui, é um bairro, não é um condomínio. Então tem que surgir uma legislação. Então essa questão do lixo, por exemplo, que é uma demanda que a gente tem aqui é um problema que apareceu por conta do poder público, né. A gente

---

<sup>22</sup> Ver Figura 3.



não tem uma coleta de lixo inteligente, com coleta inteligente, com locais como pra descartar corretamente, com pessoas pra recolher esse lixo. Porque a gente até tem algumas coletas espalhadas pelos locais, principalmente aqueles de maior convivência, mas quem fica responsável para recolher o caminhão do lixo. Então fica dependendo da boa vontade dos moradores de ir lá, amarrar o saco, botar na frente da sua casa. (Relato oral, 2023)

Vemos, nesse sentido, uma dissolução da responsabilidade da incorporadora em arcar com efeitos da grande ocupação urbana que está promovendo em uma região que não possui estrutura prévia para suportar tamanha demanda imediata, indicando, como propõe Harvey (1989), que o mais comum em parcerias público-privadas para empreendimentos urbanos, o setor público acaba por absorver os riscos em maior escala do projeto, visto que o empreendimento e os recursos destinados a ele estão concentrados em um ponto muito mais focal do que do que a municipalidade como um todo.

The construction of such places may, of course, be viewed as a means to procure benefits for populations within a particular jurisdiction, and indeed this is a primary claim made in the public discourse developed to support them. But for the most part, their form is such as to make all benefits indirect and potentially either wider or smaller in scope than the jurisdiction within which they lie. Place-specific projects of this sort also have the habit of becoming such a focus of public and political attention that they divert concern and even resources from the broader problems that may beset the region or territory as a whole. (HARVEY, 1989, p. 8).

Ainda que, de fato, a Planet tenha se comprometido em oferecer moradia acessível para muitos, não há indicadores que expliquem, entretanto, como que fabricar uma cidade totalmente nova no meio da estrada poderia ser mais sustentável e inclusivo que ocupar espaços de uma cidade preexistente que já conta com infraestrutura instalada e apresenta as dinâmicas sociais inerentes a uma aglomeração urbana consolidada.

Não há indícios de que essa estrutura tenha flexibilidade para se transformar nem que esteja aberta a futuras alterações promovida por interferências de seus habitantes. O paradigma da Smart City, fortemente influenciado pelo modelo empresarial que lhe deu origem, impõe uma ênfase na eficiência e no estabelecimento de metas. Isso se traduz em uma narrativa institucional que busca posicionar o empreendimento como o local de residência ideal e a solução para os desafios urbanos. Nesse sentido, a *Smart City*, enquanto conceito, aproxima-se a ideia de lugar, que se constrói enquanto tal a partir de narrativas institucionais que visam postular o empreendimento enquanto local de moradia ideal, como solução para os problemas da cidade, mas que, no entanto, acaba ficando descolada do espaço urbano no qual está inserida. E isso não acontece por acaso, pois enquanto modelo independente, torna-se possível a sua

replicação em qualquer contexto.

Nesse sentido, Greenfield (2013) adota uma perspectiva crítica na qual destaca que a proposta das *Smart Cities* evidencia a persistência de problemas derivados do modelo de cidade universal funcionalista promovido pela Carta de Atenas (LE CORBUSIER, 1993), que tem sido alvo de críticas ao longo das últimas décadas. Elas atualizariam sistemas tidos como inteligentes para um urbanismo racionalista-funcionalista propagado nos anos 1930 e continuariam a aplicar abordagens abstratas, analíticas e fragmentadas à realidade urbana contemporânea.

Também como propõe Maricato (2002):

Embora se saiba que as cidades modernas sempre estiveram associadas à divisão social do trabalho e à acumulação capitalista, que a exploração da propriedade do solo não seja um fato novo, e que haja - como mostrou à exaustão Lefebvre e depois toda a geografia humana recente - uma relação direta entre a configuração espacial urbana e a produção ou reprodução do capital, como estamos vendo, há algo de novo a registrar nessa fase do capitalismo em que as cidades passaram elas mesmas a ser geridas e consumidas como mercadorias. (MARICATO, 2002, p. 26)

Conforme a cultura assume a posição central nas cidades, torna-se cada vez mais evidente para os atores envolvidos nesse processo que a cultura desempenha um papel de destaque como um dos mecanismos de controle urbano mais eficazes no atual contexto. Em linhas semelhantes, tal como delineado por Zukin (1992) sobre as táticas culturais no redesenvolvimento urbano, destacando a disseminação da imagem de um polo de inovação através da associação da cidade com o setor privado. A interseção entre a cultura, o poder institucional e o desenvolvimento urbano emerge como um elemento essencial na compreensão das dinâmicas complexas das *Smart Cities*, revelando as implicações mais profundas das narrativas e estruturas subjacentes a essas cidades do futuro.

## CONCLUSÃO

Nesta dissertação de mestrado, explorei a complexidade das cidades inteligentes a partir de uma perspectiva antropológica. Ao longo dos três capítulos, adentramos nas representações culturais que moldam a percepção pública acerca do conceito de cidades inteligentes, com um foco específico no estudo de caso da Smart City Laguna, situada em São Gonçalo do Amarante, Ceará.

Em primeiro lugar há que destacar que com a chegada da pandemia global de COVID-19, a presente pesquisa foi profundamente impactada, exigindo adaptação e criatividade para superar os desafios impostos pelo distanciamento social e as restrições de viagem. As medidas de segurança pública transformaram drasticamente a dinâmica da pesquisa de campo, tornando as interações presenciais tradicionais uma tarefa árdua, senão impossível. Diante dessas adversidades, a pesquisa remota emergiu como uma solução viável, permitindo a aproximação com o campo por meio de tecnologias digitais. Nesse sentido, a necessidade de distanciamento social me levou a reexaminar e, também, ampliar meu horizonte metodológico enquanto pesquisadora.

Embora que ao longo de minha formação enquanto discente eu tenha tido contato com a antropologia da "cibercultura", a experiência de conduzir uma pesquisa de campo em um contexto pandêmico me proporcionou uma compreensão mais profunda de possibilidades de abordagens metodológicas alternativas. A necessidade de repensar minha pesquisa de mestrado em meio à pandemia me aproximou do objeto de estudo de uma maneira que anteriormente eu não havia experimentado. Esta circunstância, em conjunto com minha experiência profissional enquanto programadora que adquiri no último ano foram cruciais para a delimitação da abordagem metodológica utilizada.

Nesse contexto, um dos aspectos mais notáveis foi a exploração das potencialidades da extração de dados de redes sociais por meio de algoritmos. Ao utilizar a API pública do YouTube, desenvolvi um programa em Python que permitiu estabelecer uma comunicação direta com a plataforma, acessando dados estruturados relacionados aos comentários nos vídeos do canal da Planet Smart City.

Através desse programa, pude acessar extrair massivamente informações como a data de publicação dos comentários, links dos canais dos usuários, texto dos comentários e a quantidade de interações, incluindo likes e respostas. Esses dados, quando contextualizados e combinados com outras abordagens qualitativas, desempenham um papel fundamental na validação e mapeamento de termos e comportamentos dos usuários que assistem e interagem

com os vídeos da incorporadora. Essa abordagem, em combinação com contato direto com alguns moradores, um corretor de imóvel e uma assistente social do empreendimento Smart City Laguna, não apenas possibilitou enfrentar as limitações impostas pelo distanciamento social, mas também inspirou uma renovação na forma como encarava, até então, as possibilidades da pesquisa antropológica em um contexto cada vez mais digital e interconectado. A adaptação e a busca por novas abordagens metodológicas revelaram a resiliência da pesquisa antropológica diante de desafios contemporâneos, destacando sua capacidade de se reinventar e se adaptar às complexas dinâmicas sociais e tecnológicas.

Partindo dessa análise, percebo então que a “cidade inteligente”, embora apresente características próprias, também perpetua muitos dos princípios fundamentais de modelos que a precedem. Nesse sentido, a análise histórica realizada no segundo capítulo revelou que a aspiração por construir uma "cidade ideal" sempre esteve presente na imaginação humana, assumindo diferentes formas ao longo dos séculos. Conforme exposto, ao longo do século XIX, as ciências humanas e sociais construíram diferentes definições de “cidade”, em função das próprias formas de organização do campo de saber. Após olhar para diversos modelos concebidos do que seria tido por uma cidade ideal à sua época, como Cidades Industriais, Cidades Jardins e Falanstérios, pode-se dizer que apesar de apresentar suas particularidades, a cidade inteligente perpetua muitas das características fundamentais desses primeiros modelos estudados.

Um ponto importante a ser destacado é a fluidez do termo "cidade inteligente". Como observado ao longo da pesquisa, o conceito de cidade inteligente é maleável e sujeito a mudanças de acordo com o contexto e as estratégias de marketing. Assim como termos anteriores caíram em desuso, é provável que o termo "cidade inteligente" seja eventualmente substituído por uma nova designação. A dinâmica de adoção de nomenclaturas, no entanto, pouco interfere no que o fenômeno, de fato, representa. No âmbito das representações e do imaginário urbano, as cidades inteligentes continuam a representar a busca por uma "cidade ideal”.

Só que construído no imaginário, o modelo dá forçosamente acesso ao arbitrário. Arbitrário que ilude, no nível da descrição, nos pré-urbanistas, mas que anda às voltas com o escândalo ano nível da realização, nos urbanistas. As falanges de Fourier provocam o riso, mas quando Le Corbusier propõe a substituição de Saint-Dié, destruída, por oito unidades de habitação e um centro cívico, os habitantes sentem-se diretamente ameaçados pelo absurdo. Do mesmo modo Brasília, edificada segundo as regras mais estritas do urbanismo progressista, é o grandioso manifesto de uma certa vanguarda, mas de modo algum é a resposta a problemas sociais e econômicos precisos. O arbitrário desse tipo de métodos e de soluções vai ser plenamente percebido diante do espetáculo – a que ponto banal – do arquiteto urbanista brincando

de deslocar em suas maquetes, ao sabor do humor ou da fantasia, os pequenos cubos que simbolizam moradias, locais de reunião, os elementos de uma cidade. (CHOAY, 1979, p. 50)

Nesse sentido, em uma perspectiva mais abrangente, apesar de apresentado com um ar de urgência, a otimização da vida urbana é um tema caríssimo ao urbanismo, tendo até então, como visto, manifestado-se de diferentes maneiras em busca de uma “cidade ideal”. Neste campo das representações e do imaginário é que se colocam as imagens que antecipam, prenunciam, sugerem, desdobram e ecoam a cidade dita inteligente.

Como visto, as ditas cidades inteligentes se diferem de modelos utópicos que as antecipou por estar inserida em uma nova lógica global de acumulação flexível de capital, onde a cidade, como coloca Lefebvre (1991), deixa de ter sua importância pelo seu valor de uso, para possuir valor de troca. Nesse cenário a cidade ela mesma se configura como uma mercadoria.

A partir da análise da estratégia de marketing de alguns empreendimentos de cidades inteligentes construídas a partir do zero, que se encaixam na categoria *top down*, ou seja, que emergem de uma esfera mais ampla para serem inseridas em um lugar específico, começo a perceber que a classificação de um empreendimento privado como uma *Smart City* fundamenta-se na estratégia de *place branding*, que visa estabelecer uma marca para o lugar. Ou seja, a partir de estratégias narrativas, busca-se fazer uma associação do empreendimento a conceitos essencializados, aproximando-se da ideia de lugar antropológico. O lugar antropológico, como visto, remetendo a um meio estável de inteligibilidade da vida social, o qual constitui um elemento de sentido para quem nele habita e contribui para a capacidade interpretativa dos seus observadores. Ao mesmo tempo, também pretende ser uma categoria um tanto quanto genérica, que pode ser torcionada e adaptada contingencialmente e, assim, situar o empreendimento no mercado global.

Por outro lado, partir de comentários em vídeos da incorporadora se começa a ver, no entanto, que este lugar que se busca fabricar em termos ideais, não necessariamente condiz com uma imagem absoluta do empreendimento, sendo muitas vezes contrastadas por narrativas de moradores e usuários que acessam o canal da incorporadora Planet para buscar mais informações sobre a Smart City Laguna.

É notável que a narrativa da incorporadora tem impacto e potencial de influenciar a percepção mesmo dos moradores mais críticos no que diz respeito do que seria uma cidade inteligente. No entanto é importante destacar que a cidade inteligente tem sido visto, sobretudo, como uma cidade que atende às necessidades dos seus moradores.

Ainda que por se colocar como a “primeira cidade inteligente social do mundo”, com destaque ao social pelas oportunidades de aquisição de moradia a um custo mais acessível para pessoas de baixa renda, é importante ser crítico com relação a Smart City Laguna, assim como outros empreendimentos frutos de parcerias público-privadas desse formato, por tendencialmente terem um foco demasiado em si mesmos, sem um cálculo e consideração mais aprofundado nos impactos para a região como um todo.

Em resumo, esta dissertação lança luz sobre as transformações em curso nas cidades inteligentes e sua influência na dinâmica urbana. Ao integrar a pesquisa multissituada, a análise etnográfica digital e um estudo de caso detalhado, esta pesquisa contribui para um entendimento mais abrangente das cidades inteligentes e seu impacto nas dinâmicas urbanas e nas narrativas de um futuro urbano idealizado. A cidade ideal, em constante evolução, permanece como um ponto de partida para a reflexão sobre o futuro das nossas cidades, e a pesquisa antropológica desempenha um papel fundamental nesse diálogo interdisciplinar.

Ficam, ainda, muitos questionamentos e possibilidades futuras. Em primeiro lugar, a pesquisa realizada abriu meus horizontes com relação às potencialidades em desenvolver algoritmos computacionais para realizar a captação, armazenamento e análise de dados disponíveis *online*. Esse formato de pesquisa de forma alguma substitui o campo tradicional da antropologia, mas o transforma e o atualiza, visto que não é possível ignorar a presença e as repercussões de nossas temáticas nas páginas da internet e em redes sociais.

Em segundo lugar, com relação à própria temática ficaram questionamentos em aberto. Como vimos, o empreendimento Smart City Laguna, com cerca de 500 moradores, ainda está em fase de construção e tem apenas uma pequena parcela da sua capacidade de ocupação utilizada. Nesse sentido, seria muito interessante poder acompanhar o processo de consolidação – ou não – do empreendimento em São Gonçalo do Amarante e seu impacto na região.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. L., & ROSÁRIO, S. F. **Os estudantes e o YouTube**: da observação participante à etnografia virtual. *Triade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia*, 2(2), 165-184, 2008.

APPADURAI, Arjun. **Introduction**: commodities and the politics of value. *In*: APPADURAI, Arjun (Ed.). *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. New York: Cambridge University Press, 1986.

ARAÚJO, J. A. **Sobre A Cidade E O Urbano Em Henri Lefebvre**. *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*, v. 16, n. 2, p. 133-142, 2012. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2012.74258. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74258>>.

ARRIGO, Elisa. **Corporate Responsibility in Scarcity Economy: The Olivetti Case**. *Symphonya. Emerging Issues in Management*, n. 1, 2003, pp. 114-134.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: Introdução a uma antropologia da Sobremodernidade. Lisboa: 90 Graus, [1992] 2005.

BURGESS, J., & GREEN, J. **YouTube: Online Video and Participatory Culture**. Polity Press, 2009.

ALBINO, Vito; BERARDI, Umberto; DANGELICO, Rosa Maria. **Smart Cities**: Definitions, Dimensions, Performance, and Initiatives. *Journal of Urban Technology*, n. 22, v.1, 2015, p.3-21. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/10630732.2014.942092>>.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; VAINER, Carlos; MARICATO, Erminia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 1ªEd, 2000.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAUMAN Zygmunt. **Liquid Modernity**. Cambridge: Polity Press, 2000.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Youtube**: A revolução do compartilhamento de vídeos. *In*: Encontro Anual Da Associação Nacional Dos Programas De Pós-Graduação Em Comunicação, 30, 2007, Brasília. Brasília: Compós, 2007.

BORJA, Jordi. **Cidades inteligentes ou vulgaridade de interesses?** *ArchDaily Brasil*, 24 de Abril de 2014. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/601260/cidades-inteligentes-ou-vulgaridade-de-interesses>>.

BOYD, Danah. **A Response to Christine Hine**. 2008. Disponível em <<https://www.danah.org/papers/EthnoBoundaries.pdf>>

BRUNO, Fernanda; VAZ, Paulo. **Agentes.com**: cognição, delegação, distribuição. *Revista Contracampo*, Niterói, v. 7, n. 1, p. 23-38. 2002.

BURGESS, Jean; GREEN, Josh. **YouTube e a Revolução Digital**. São Paulo: ALEPH, 2009.

CASTELLS, Alicia, N. G. A Criatividade dos Sem-Terra na construção do habitat. Um olhar etnográfico sobre a dimensão espacial do MST. (Tese). Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, CFH/UFSC, 2001.

CASTELLS, Alicia Norma González. Bens patrimoniais urbanos no foco das práticas do cotidiano em tempos de pandemia global (Covid-19). *In*: CASTELLS, Alicia; ROTMAN, Monica (Orgs.). **Dossiê Patrimônio local e global em tempos de pandemia**. Cadernos NAUI. Vol. 11, nº 21, jul-dez 2022.

CASTELLS, Manuel. **Communication power**. New York: Oxford University Press, 2009

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CESARINO, Leticia. **Antropologia Mmultisituada e a questão da escala**: reflexões com base no estudo da cooperação sul-sul Brasileira. 2014.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**: Utopias e Realidades, uma Antologia. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CONTI, Danilo. Cidade das Águas, um novo bairro em Joinville. YouTube, Programa Sergio Silva. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=RWAhT-c\\_8E](https://www.youtube.com/watch?v=RWAhT-c_8E)>

ESTEVES, Caio. **Place branding**: a identidade e a resiliência das cidades. ArchDaily Brasil, 27 de dezembro de 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/802319/placebranding-a-identidade-e-a-resiliencia-das-cidades>>.

DELGADO, Manuel. **El animal público**. Hacia una antropología de los espacios urbanos. Barcelona: Anagrama, 1999.

DELGADO, Manuel. **Sociedades movedizas**. Pasos hacia una antropología de las calles. Barcelona: Anagrama, 2007.

DELGADO, Manuel. **El espacio público como representación**: espacio urbano y espacio social en Henri Lefebvre. Oporto, 2013.

ESCOBAR, Arturo. Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura. *In* SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Orgs.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações, 2016, p. 21-66.

FABIAN, Johannes. **Tempo e o Outro**: como a antropologia estabelece seu objeto. VOZES, 2013.

GIDDENS Anthony. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta Editora, 1994.

GODINHO, Fernanda Luiza **A Horta do Parque Cultural do Campeche**: práticas e usos em função de uma perspectiva de ocupação e construção. Florianópolis, 2019. TCC (Bacharel em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina.



GODINHO, Fernanda Luiza. **As possibilidades do YouTube enquanto plataforma para uma investigação etnográfica**. Anais da ReACT – Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, v. 5 n. 5 (2022): Trabalhos Completos Apresentados nos Seminários Temáticos da VIII ReACT, 2022.

GOLDENBERG, S. **Masdar's zero-carbon dream could become the world's first green ghost town**. The Guardian. 16 fev. 2016.

GREENFIELD, Adam. **Against the Smart City**. New York: Do Projects, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARGER, Simone. **A Joinville do nosso tempo**. Jornal A Notícia, 23 nov. 2013.

HARVEY, David. **The condition of post modernity**. An enquiry into the origin of cultural change. Oxford: Blackwell, 1989.

HARVEY, David. **From managerialism to entrepreneurialism**: The transformation in urban governance in late capitalism. Geografiska Annaler, 71(1), 3–17, 1989.

HARVEY, David. **The New Urbanism and the Communitarian Trap**. Harvard Design Magazine, n. 1, 1997. Disponível em: <http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/1/thenew-urbanism-and-the-communitarian-trap>.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: SAGE Publications, 2000.

HINE, Christine. **Strategies for Reflexive Ethnography Silence and Emotion**. Sociology, Vol. 54(1): 22–36, 2020.

HIROKI, Stella Marina Yuri. **Parâmetros para identificação dos estágios de desenvolvimento das cidades inteligentes no Brasil**. São Paulo, 2019. Tese (Doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) - Pontifícia Universidade Católica.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: O breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita, 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de amanhã**. São Paulo: Hucitec, 1996.

IRAZABAL, Clara. **De la carta de Atenas al nuevo urbanismo**. Qué significa para Venezuela? Entre Rayas, Caracas, n. 21, 1997.

KILPP, S. **YouTube**: uma análise das práticas comunicativas da cultura participativa na web. E-Compós, v. 13, n. 3, p. 1-21, 2010.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **The Generic City In: S, M, L, XL**. New York: The Monacelli Press, 1995.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 4ª Ed, 2019.

LE CORBUSIER. **A Carta de Atenas**. São Paulo: EDUSP, 1993.

LE CORBUSIER. **Urbanismo**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEFEBVRE, Henry. **La production de l'espace social**. Barcelona: Anthropos, 1974.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LEMONS, André. **Cidades inteligentes**. Academia de Ciências da Bahia, 2022.

MARCUS, George. **Etnografía en/del sistema mundo**. El surgimiento de la etnografía multilocal. ALTERIDADES, 2001,11 (22): (pp. 111-127).

MÁXIMO, Maria Elisa; RIFIOTIS, Theophilos; SEGATA, Jean; CRUZ, Fernanda Guimarães. A etnografia como método: vigilância semântica e metodológica nas pesquisas no ciberespaço. In MALDONADO, A. E. *et al.* (Orgs.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: Unidavi, 2012.

MARICATO, Ermínia. Na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. In: **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

MONTAÑO, Sonia. **O YouTube e o regime audiovisual: culturas da convergência, corporações de mídia e interação com usuários**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 39, n. 3, p. 15-31, 2016.

MUMFORD, Lewis. **The city in history**. Nova York, Harcourt, 1961.

MOROZOV, Evgeny; BRIA, Francesca. **A Cidade Inteligente – Tecnologias urbanas e Democracia**. Traduzido por Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

OWEN, Robert. **A statement regarding the New Lanark establishment**. Glaslow: Molendinar Press, 1973.

PLANET SMART CITY. **Comprar seu lote: 7 facilidades que você pode utilizar hoje**. Disponível em: <<https://planetsmartcity.com.br/blog/7-facilidades-para-comprar-seu-lote-na-planet/>>. Acesso em: 30 jul 2023.

PESAVENTO, Wilma. **Sport and Recreation in the Pullman Experiment, 1880-1900**. Journal of Sport History 9, no. 2, p. 38–62, 1982.

RIZZON, Fernanda *et al.* **Smart City: um conceito em construção**. Revista Metropolitana de Sustentabilidade, v. 7, n. 3, p. 122-142, Set./Dez. 2017.

ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

ROSALDO, Renato. Narrative Analysis. In: **ROSALDO, Renato. Culture & Truth**. Boston: Beacon Press, p. 127-146, 1989.

RUBIN, Rossatto Graziela. **Movimento Moderno e habitação social no Brasil**. Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 17, n. 2, mai./ ago. 2013.

SASSEN, Saskia. A Cidade Global. *In*: LAVINAS, L.; CARLETAL, L.; NABUCO, M.R. **Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil**. São Paulo: ANPUR/Hucitec, 1993.

SAVOLDI, Paola; BARTOLOMEO, Matteo. **Corporate social responsibility and local competitiveness: The case of Olivetti spa and Ivrea region**. 10th International Conference of the Greening of Industry Network: Corporate Social Responsibility - Governance for Sustainability, 2002.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. *In*: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967

SÖDERSTRÖM, Ola; PAASCHE, Till; KLAUSER, Francisco. **Smart cities as corporate storytelling**. City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action, v. 18, n. 3, p. 307-320, 2014.

STRATHERN, Marilyn. **Cutting the Network**. The Journal of the Royal Anthropological Institute 2, n. 3, 1996.

TAYLOR, Charles. **Modern social imaginaries**. Durham, NC: Duke University Press, 2004.

TOWNSEND, A. M. **Smart cities: Big data, civic hackers, and the quest for a New Utopia**. New York: W. W. Norton & Company, 2013.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: a antropologia das sociedades complexas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.

VILLAÇA, Flávio. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. São Paulo: Global, 1986.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo, Studio Nobel, 2001.

YOUTUBE. **Sobre o YouTube**. Disponível em <<https://www.youtube.com/about/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

ZUKIN, Sharon. The city as a landscape of power. *In*: BUDD, Leslie; WHIMSTER, Sam, **Global Finance and Urban living**, Londres, Routledge, 1992.

## ANEXO

### Importando as bibliotecas que serão utilizadas

```
from googleapiclient.discovery import build
from google.oauth2 import service_account
import pandas as pd
```

### Inicializando as credenciais cadastradas na API do YouTube <sup>23</sup>

```
credentials_file = 'credentials.json'
api_service_name = "youtube"
api_version = "v3"
scopes = ["https://www.googleapis.com/auth/youtube.force-ssl"]
credentials = service_account.Credentials.from_service_account_file(credentials_file, scopes=scopes)
youtube = build(api_service_name, api_version, credentials=credentials)
```

### Criando as variáveis globais

```
bContinua = True
bPrimeira = True
count = 0
comment_data = []
```

### Loop de repetição da chamada para a API

A resposta para a chamada "CommetThreads" para a API do Youtube vai retornar em seu escopo o máximo de 100 resultados, e uma chave para a próxima página da busca realizada "nextPageToken", que deve ser utilizada para fazer as próximas chamadas para API e continuar retornando os comentários existentes

```
while (bContinua == True):
    count += 1

    if (bPrimeira == True):
        response = youtube.commentThreads().
            list(
                part="snippet,replies",
                allThreadsRelatedToChannelId="UCTeQJxwvQO7JhLXT341U0SQ",
                maxResults="100"
            ).execute()
```

---

<sup>23</sup> Mais informações sobre como obter credenciais para acessar API do Youtube estão disponíveis em [https://developers.google.com/youtube/registering\\_an\\_application?hl=pt-br](https://developers.google.com/youtube/registering_an_application?hl=pt-br).

*bPrimeira = False*

*else:*

```
response = youtube.commentThreads().
list(
part="snippet,replies",
allThreadsRelatedToChannelId="UCTeQJxwvQO7JhLXT341U0SQ",
maxResults="100",
pageToken = nextPageToken
).execute()
```

*if "nextPageToken" in response:*

```
nextPageToken = response["nextPageToken"]
```

*else:*

```
bContinua = False
```

### **Extrair os comentários da resposta**

```
comments = response['items']
```

### **Iterar sobre os comentários e extrair as informações relevantes**

*for comment in comments:*

```
snippet = comment['snippet']
```

```
comment_data.append(
```

```
{
```

```
'topLevelComent' : "True",
```

```
'videoId': snippet['videoId'],
```

```
'authorChannelUrl': snippet
```

```
['topLevelComment']['snippet']['authorChannelUrl'],
```

```
'publishedAt': snippet['topLevelComment']['snippet']['publishedAt'],
```

```
'textDisplay': snippet['topLevelComment']['snippet']['textDisplay'],
```

```
'totalReplyCount': snippet['totalReplyCount']
```

```
})
```

### **Extrair as respostas**

```
replies = comment.get('replies', {}).get('comments', [])
```

*for reply in replies:*

```
snippetReply = reply['snippet']
```

```
comment_data.append(
```

```
{  
  'topLevelComent' : "False",  
  'videoId': snippetReply['videoId'],  
  'authorChannelUrl': snippetReply['authorChannelUrl'],  
  'publishedAt': snippetReply['publishedAt'],  
  'textDisplay': snippetReply['textDisplay'],  
  'totalReplyCount': "Não se aplica"  
})
```

### **Exportar os dados coletados para uma tabela do Excel**

```
df = pd.DataFrame(comment_data)  
df.to_excel('Comentarios_Youtube6.xlsx', index = False)
```